Brasil em alta: Metallica, Sepultura, Prodigy e Chemical Brothers

SHOWBIZZ

www.uol.com.br/showbizz

Duff McKagan não perdoa o ex-parceiro **Axl Rose**: "O verdadeiro **Guns N' Roses** morreu"

O grito de independência dos **Engenheiros Do Hawaii**

A música de protesto dos **New Radicals**

Red Hot Chili Peppers: a ressurreição depois de três anos no inferno

A cara raimunda do Brasil

entre um tchan e outro, o rock sem-vergonha faz bonito

R$ 5,00
5561/1
EDIÇÃO 167
ANO 15 Nº 6
JUNHO 1999
ISSN 0104-1673

E MAIS: DEF LEPPARD, ULTRAJE A RIGOR E LULU SANTOS

Abril

2

GFK

Ouça Rock
com quem sabe de
Rock.

BRASIL 2000
FM 107,3

WWW.brasil2000.com.br

Editorial&Sumário

Espremido, Rodolfo não teve como fugir às perguntas de SHOWBIZZ

Foto da capa
Rodolfo, dos Raimundos, sofreu, mas suportou a proximidade das modelos no estúdio do fotógrafo Rui Mendes

Você já precisou explicar uma piada? Coisa chata. Mas é isso que os Raimundos têm sido obrigados a fazer com *Só No Forevis*. Quem mandou posar de pagodeiros na capa do disco? Não, o CD não é de pagode. E vamos nós explicar a piada. Vá logo à página 22, leia o que Bernardo Araujo apurou e acabe com essa agonia.

Fim do suplício. Pelo menos para os Red Hot Chili Peppers, que, depois de três anos complicados, conseguiram retomar o fluxo criativo. O sensacional John Frusciante voltou. É de se comemorar, e muito. Daniel Oliveira falou com Anthony Kiedis. Sobre o passado. O futuro, fica a conferir.

Ou já foi conferido. Pelo menos aqui no Brasil, que nunca mais será o mesmo depois dos shows de maio, como os Manos Químicos (Chemical Brothers). A maestral exibição dos caras foi um marco. Eles, mais Prodigy, Metallica e Sepultura, fizeram do Brasil a capital mundial da música em maio. Não duvide. Apenas confira nas páginas adiante.

Como também é bom não duvidar de Duff McKagan. Sei, sei, esse sobrenome é de lascar. O que ele diz sobre o ex-parceiro Axl Rose também. Para Duff, Axl transformou-se num monstro movido a egolatria. Será?

Certo mesmo é o nosso agradecimento ao grande Vitor Paolozzi, colaborador de fé, que deu uma força na redação enquanto Pedro Só curtia merecidas férias em Barcelona.

Felipe Zobaran

18 Raimundos
O quarteto candango lança *Só No Forevis* e garante que continua sacana e sem machismo

24 Red Hot Chili Peppers
Chega de saudade: John Frusciante reassume a guitarra dos deuses do funk-rock

28 Jackson Do Pandeiro
Feras do pop homenageiam mestre nordestino

34 Engenheiros Do Hawaii
Humberto Gessinger solta seu grito de libertação

38 Duff McKagan
A bordo de uma nova banda, o ex-baixista do Guns N' Roses fala da vida e (mal) de Axl Rose

42 New Radicals
Som inofensivo, letras engajadas

44 Rock & Gol
Jams redimem frangos, caneladas e bolas na trave

sempre em showbizz

06 CARTAS
O país do metal; mulheres dentro e fora do pop

08 SHOWBIZZ RESPONDE
A ficha do ZZ Top; discografia de Tom Zé

10 BIZZES
Ultraje A Rigor com CD novo; Pavilhão 9 grava clipe

46 DEMOCRACIA
Cooperativa lança coletânea de *guitar bands*

48 TESTE
O diabo é o pai do rock?

50 MINHA COLEÇÃO
Marcelo Mansur, o DJ Memê

58 DISCOS
Def Leppard, Lulu Santos, Raul Seixas, Echo

64 AO VIVO
Metallica e Sepultura, Chemical Brothers, Festival Sunsplash, Pretenders, Prodigy

72 ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

74 LETRA TRADUZIDA
"Real Life", do Bon Jovi

76 PARADA CROWLEY

78 EQUIPAMENTOS DE SOM
Softwares para ouvir músicas na Internet

80 INSTRUMENTOS MUSICAIS
Os *scratches* do DJ Zé Gonzales

82 DISCOTECA BÁSICA
Live In Cook County Jail, de B.B. King

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

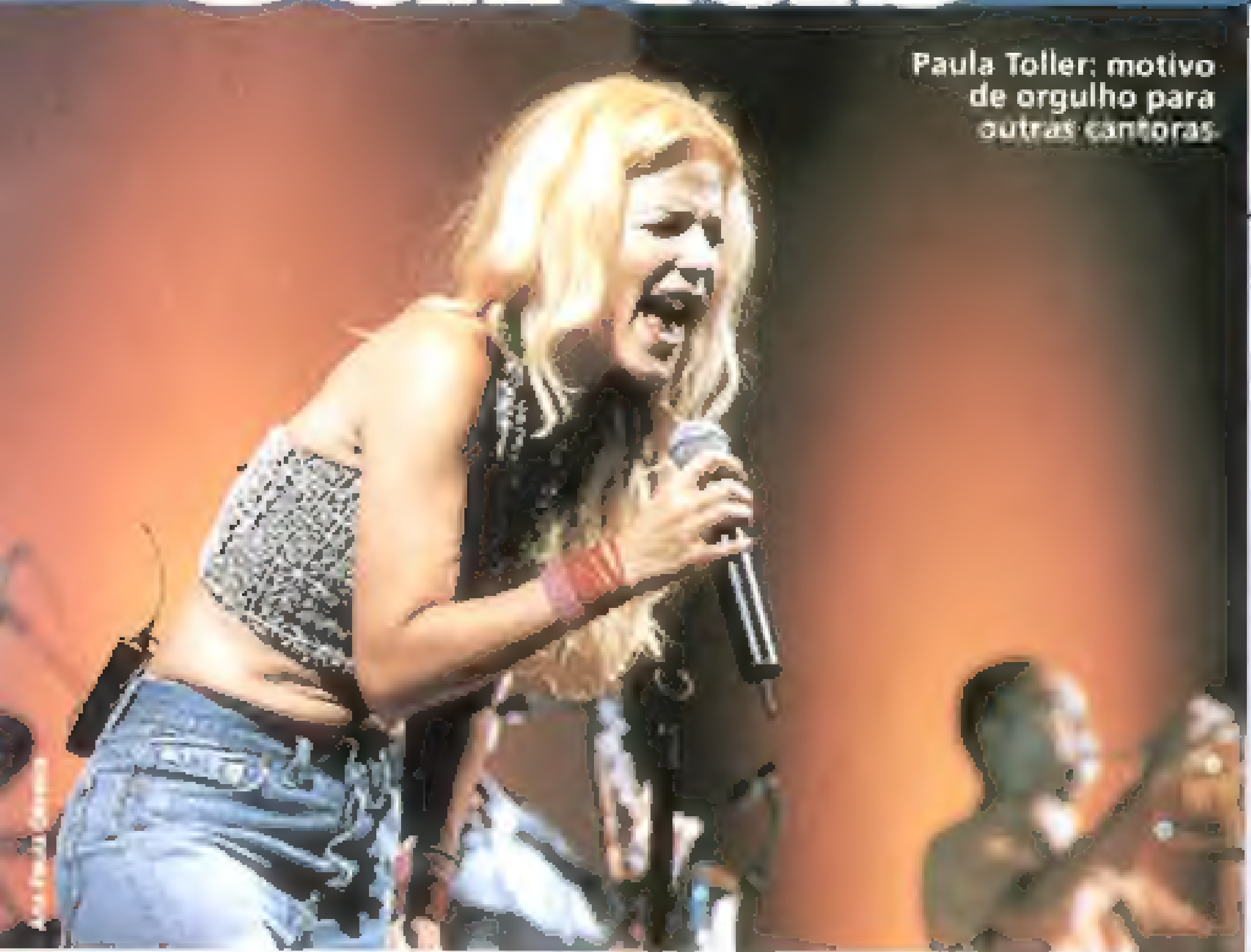
Ultraje A Rigor – *18 Anos Sem Tirar*
Além das quatro inéditas, dezessete hits garantem boas risadas com seus refrões infalíveis, principalmente para os eternos adolescentes dos anos 80.

Abba – *Abba Gold*
O disco emociona com as essenciais "Fernando", "Dancing Queen" e "The Winner Takes It All". Para tirar do armário a calça boca-de-sino e os óculos Jackie O.

Robbie Williams – *The Ego Has Landed*
Às vezes metido a rebelde, outras mais para Elton John, Williams conseguiu o impossível: construir uma carreira respeitada depois de passar pelo Take That.

Vários – Trilha de *Forças do Destino*
Além da maravilhosa "Everlasting Love", do U2, a trilha traz Gomez (vão longe, os meninos), a melosa Holly Palmer, o animadinho Swervedriver e Tricky.

Cartas



Paula Toller: motivo de orgulho para outras cantoras

Mulheres na fila

Obrigada, SHOWBIZZ, pela tão verídica matéria sobre o rock feminino. Sou cantora e me encaixo na frase de Rita Lee, a das garotas que enviam demos em vão. Tenho 32 anos e há doze canto na banda Maiores De Menor. Paralelamente investi num trabalho próprio e tenho três discos independentes. Um dia em 1983, assistindo ao programa do Velho Chacrinha, vi um tal de Kid Abelha E Os Abóboras Selvagens e dei um pulo: finalmente alguém conseguiu! Desde então penso em como dizer que estou aqui, tenho um trabalho bom e só preciso de uma chance. Sou leitora desta revista desde o primeiro número e sonho com o dia em que o telefone vai tocar e será alguém de vocês querendo marcar uma entrevista exclusiva, daquelas com foto e tudo. Continuarei lutando pela minha música e minha banda!
Célia Maria Fávero Monteiro
http://www.terravista.pt/Enseada/1342

Mais meninas

Gostaria de parabenizar a maravilhosa reportagem de vocês sobre as mulheres no pop nacional. Achei excelente ver divas como a Rita Lee e a Paula Toller dando o maior apoio a todas nós que sonhamos com um espaço na música brasileira!
Dayana Batista Costa – São Paulo, SP

Qual não foi minha surpresa ao abrir a última edição da SHOWBIZZ e ver que finalmente publicaram a tal matéria sobre as mulheres brasileiras do rock ou algo do gênero. Fiquei surpresa, pois a Fabiana me fez algumas perguntas ao telefone em setembro do ano passado e nunca mais me procurou para nem sequer avisar que a matéria seria publicada. Vocês concordam que de setembro a maio muita coisa aconteceu. "Gimme O Anel", "Pequena Raimunda" e "Arrasa Quarteirão" não fazem mais parte do registro musical da galera. Charlie Brown e Raimundos até já lançaram álbuns novos, a postura dessas bandas não é mais a mesma, e eu, como fico nessa história? Parece que sou uma pessoa desatualizada que vomita jargões feministas datados – Riot Grrl fazia parte da minha vida em 1994 –, totalmente fora de contexto. Já que estamos falando sobre coisas datadas, e a foto de 1992??? Vocês têm coisa mais recente em arquivo, era só procurar um pouco mais. Ah! Só mais um detalhe, para uma matéria vista sobre um enfoque "feminista" – pelo menos eu achei que a intenção de vocês era publicar um artigo *girl friendly*, certo? –, fica muito feio me apresentar como ex-namorada do João Gordo, isso significa que não tenho identidade própria, sempre serei a ex-mina ou mina do fulano (agora casada com o Farofa do Garage Fuzz; passarei a ser tratada como a mulher do Farofa, é isso???). Bom, o meu recado tá dado.
Alê Briganti, do Pin Ups

Alê, não é prática jornalística informar os entrevistados sobre quando será publicada esta ou aquela matéria. Mas, sempre que achamos uma matéria, atualizamos as informações antes de publicá-la. No caso, Raimundos e Charlie Brown Jr. lançaram novos trabalhos, mas conservaram a mesma postura criativa. Mencionamos o João Gordo porque é uma referência importante para nossos leitores. E tínhamos outras fotos suas, mas escolhemos a que foi publicada porque era a nossa favorita e achamos que você não mudou desde que ela foi tirada.

Liga metálica

Mais uma vez sou obrigada a ajoelhar e parabenizá-los pela excelente revista que vocês produzem. Vocês realmente arrebentaram na edição de maio. Começando pelo Bruce Dickinson na capa. Tive a oportunidade de ir aos seus dois shows em São Paulo e, depois disso, passei a amar o cara 1000 vezes mais! Fiquei na grade, pude sentir todo o carinho que ele tem por nosso país... *Congratulations* também para os jornalistas Marcelo Torres e Jaime Biaggio pela matéria sobre o Bruce e o Iron, que graças a Deus está com a família novamente reunida... Palmas para Bernardo Araujo, soube fazer uma bela matéria sobre o Kiss e dar o mérito que os caras merecem (também fui ao show no autódromo de Interlagos, em São Paulo, maquiada de Paul Stanley!).
Iara Bueno Raposo – Osasco, SP

Chega de Iron

Quero deixar bem claro que não tenho nada contra o Iron Maiden, mas vocês estão dando espaço demais a eles. Desde novembro de 1998 *(edição 160)* eles sempre estão na revista com enorme divulgação e, agora, Bruce na capa! Vou dar uma sugestão: se vocês gostam muito deles, deveriam mudar o nome da revista para Ironbizz!
Paulo de Tarso – Fortaleza, CE

Fã de Santana

Sou desenhista, cartunista e caricaturista e gosto particularmente de desenhar bandas e artistas do mundo do rock. Gostaria de uma chance de ficar conhecido com meus trabalhos.
Antonio Carlos Valente (Tom Tom) – Niterói, RJ

Injustiça reparada

"Quem viver verá e ouvirá este cara derrubar Elvis", como diria um personagem de um extinto zine aqui da minha cidade. Crispian Mills e o Kula Shaker chegaram para ocupar de vez seu lugar no posto dos clássicos dos anos 90. O que me faz pensar assim? O lançamento do arrebatador *Peanuts Pigs And Astronauts* e a resenha de uma página inteirinha sobre ele na edição 164 *(seção Discos de março)*. Fiquei extasiado ao ver uma das mais injustiçadas bandas (aqui no Brasil) receber atenção da melhor revista sobre música no Brasil. O Kula Shaker, com todo respeito, fuzila todos os artistas do primeiro time, só com sua *mystical machine gun*.
Saulo F. de Araujo – Itaquaquecetuba, SP

Nomes aos bois

Pedro, parabéns pelo que você escreveu no editorial da edição 166 sobre o Offspring. Eu entendi assim: "cria a fama e deita na culpa" (Kurt Cobain), "patrulhas ideológicas" (Led Zeppelin), "modismos culturais estilo 'radical chic' " (Spice Girls), "superexposição mercadológica" (Alanis), "sem frescuras" (Axl Rose), "nem chiliques" (Courtney Love), "nem messianismo" (Renato Russo). Faltou apenas dar nomes aos bois. Se os leitores são inteligentes, entenderam a mensagem. A próxima SHOWBIZZ irei comprar por sua causa, Pedro! Continue assim, imparcial, inteligente e sereno.
Parada da Carta: Esta carta foi escrita ao som de *Jorge Ben* (1970), com "Charles Anjo 45", "Take It Easy My Brother Charles" e "País Tropical".
Moisés de Oliveira – Rio de Janeiro, RJ

Dado cantor

Gostaria de dizer que aprovo Dado Villa-Lobos, ex-guitarrista da Legião Urbana, como cantor *(em referência a "Toda Forma De Poder", música dos Engenheiros Do Hawaii que Dado interpreta brilhantemente no CD* Jam 80).
Simone Pomari – Assis, SP

Morte aos críticos I

Sou leitor assíduo desta revista e achei que vocês não deram a devida importância ao grupo cranberries. A reportagem do sr. José Flávio Júnior, na minha opinião, foi por demais irônica. Esse sr. José já se defende de futuras críticas ao dizer que o CD só iria agradar aos fãs. Meu irmão é fã do cranberries e achou isso um absurdo, pois o disco agradou a todas as pessoas a quem ele mostrou. Aliás, há uma falta geral de matérias sobre o grupo.
Ademir Vieira – São Paulo, SP

Morte aos críticos II

É com muita alegria e muita tristeza que escrevo para a revista que tanto admiro. Fico feliz, pois finalmente vocês lembraram que o Roxette existe; e triste, pela arrogância com que o senhor Toninho Spessoto tratou o Roxette, na péssima crítica que fez *(edição 165)*. Uma crítica como essa nunca deveria ter sido publicada, já que foi feita por uma pessoa que deve odiar o Roxette e seus fãs. Por sinal eu sou uma das fãs babonas que ele cita em sua crítica. Querido Toninho, compre o CD e depois vá criticá-lo, mas, antes disso, fique de boca calada. E se você já tiver esse maravilhoso CD, ouça-o melhor.
Camila Ceolin Ruffo – Arapongas, PR

Radicalmente contra

Besteira total esse New Radicals. Como o cara pode fazer "crítica" com uma música tão vazia e comercial como a dele? Rebeldia, o caramba! O cara é só mais um aproveitador barato.
Paulo A. R. Terron – São Paulo, SP

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br
Correio: Caixa Postal 66157 - CEP 05315-970
São Paulo, SP
Fax: (011) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço

E-mail: abrilsac@abril.com.br
Tel.: (011) 3990-2112 *(Grande São Paulo)*
0800-55-2112 *(Outras Cidades)*
Fax: (011) 3361-5600
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 22 horas)

NÚMEROS ATRASADOS
Seis últimas edições de SHOWBIZZ

E-mail: abrilna@abril.com.br
Tel.: (011) 3990-2200 / **Fax:** (011) 3990-2233

PUBLICIDADE
Tel.: (011) 3037-6860 / **Fax:** (011) 3037-4909

EDITORA Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente Executivo: Luis Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Terzano
Diretor de Recursos Humanos: Marcel Caig
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Heitor Kobata
Diretor Editorial Adjunto: Matinas Suzuki Jr.
Diretor de Publicidade: Nicolino Spina

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran
Redator-Chefe: Pedro Sá
Editores: Bernardo Araujo e Toninho Spessoto
Repórter: Letícia Calmon
Editor de Arte: Rodolpho Vasconcellos
Editora-Assistente de Arte: Graziella Iacocca
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboraram nesta edição: (Texto) André Gordirro, Ayrton Mugnaini Jr., Carlos Eduardo Oliveira, Celso Masson, Celso Pucci, Daniel Oliveira, Danilo Monteiro, Fabian Chacur, Fátima Gigliotti, Hagamenon Brito, Helton Ribeiro, Helvécio Parente, Jaime Biaggio, José Flávio Júnior, Júlio Moura, Luciano Mareglia, Luciano Vianna, Marcos Filippi, Régis Tadeu, Sérgio Martins, Valéria Rossi, Vitor Paolozzi (Fotos) Alex Silveira, Andrea Estevan, Daniela Dacorso, Marcelo Ximenez, Marcos Hermes, Moira Seadon, Rui Mendes (Ilustração) Felix Reiners, Milton Trajano (Revisão) Jorge Cotrim

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo
Abril Press: José Carlos Augusto
Nova York: Grace de Souza
Paris: Pedro de Souza

Publicidade
Diretor de Publicidade: Moacyr Guimarães
Executiva de Contas: Márcia Regina Braga

Marketing
Gerente de Produto e Promoção: André Felipe D'Amato
Assistente de Produto: Fernando Eusébio dos Santos

Assinaturas
Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Lídia Cidavilli
Diretor de Vendas: William Pereira

Diretor Escritório Brasília: Luis Edgar P. Tostes
Diretor Escritório Regional: Jacques Ricardo
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

Abril

Presidência: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*

Vice-Presidentes: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luis Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.azul.atleitor@abril.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

O baiano Tom Zé: chegando à era dos remixes

Coisa de baiano

Queria saber a discografia do genial Tom Zé.

Vonaldo Mora – Santo Antônio de Jesus, BA

Abaixo, listamos todos os LPs, CDs e compactos lançados. Com exceção de *20 Preferidas – Tom Zé* e *Com Defeito De Fabricação*, os discos do artista encontram-se fora de catálogo. Em compensação, a gravadora Trama vai lançar em julho *Postmodern Platos*, com remixes de *Com Defeito De Fabricação*. Por falta de espaço, não podemos publicar as participações do baiano em discos alheios e coletâneas. Essa relação, porém, pode ser encontrada no site oficial do cantor (www.tomze.com.br).

LPs: *Tom Zé* (1968), *Tom Zé* (1970), *Tom Zé* (1972), *Todos Os Olhos* (1973), *Estudando o Samba* (1976), *Correio Da Estação Do Brás* (1978), *Nave Maria* (1984), "Dodó E Zezé" (1972), "Conto De Fadas" e "Teu Coração Bate, O Meu Apanha" (1974), "Só" e "Mã" e os volumes 6, 11, 27 e 36 da coleção infantil *Taba*, da Editora Abril, em que Tom cantou, arranjou e/ou compôs temas musicais (1976).

Compactos Duplos: *Arena Canta Bahia*, com quatro temas da peça homônima (1965), e o compacto de "Só", "Tô", "A Felicidade" e "Mã" (1976).

CDs: *The Best Of Tom Zé* (1990), *Roots, Rock And Rhythm* (1991, nunca lançado no Brasil), *The Hips Of Tradition* (1992), *Tom Zé* (1994), *Prestígio 7* (1994), *20 Preferidas – Tom Zé* (1997), *Parabelo* (1997), *No Jardim Da Política* (1998), *Com Defeito De Fabricação* (1999), *Postmodern Platos* (1999).

Compactos Simples: "Não Buzine Que Eu Estou Paquerando" e "Sem Entrada E Sem Mais Nada" (1965), "São São Paulo" e "Curso Intensivo De Boas Maneiras" (1968), "Você Gosta?" e "Feitiço" (1968), "Jeitinho Dela" e "Bola Pra Frente" (1969), "Escolinha De Robô" e "Lá Vem A Onda" (1969), "Silêncio De Nós Dois" e "Senhor Cidadão" (1970), "Se O Caso É Chorar" e "A Babá" (1971), "Irene" e "Jimmy, Renda-se" (1971), "Augusta, Angélica E Consolação" e "Quem Não Pode Ser Tchaikovsky" (1972), "Botaram Tanta Fumaça" e

Água Fria

Gostaria de saber se há possibilidade de a nova turnê da Sheryl Crow (que já está acontecendo nos Estados Unidos) passar pelo Brasil...

Mariana Perroni – Pindamonhangaba, SP

As chances de Sheryl aparecer por aqui são praticamente nulas, Mariana... A gravadora Universal desconhece qualquer possível data no Brasil.

Estrela de TV

Gostaria de saber qual o nome da música que toca no comercial do Peugeot 206. Que banda toca essa música?

Ana Carolina V. Carneiro – Belo Horizonte, MG

A música em questão chama-se "Fly Away", cujo autor e intérprete é o cantor Lenny Kravitz. Ela está em seu último disco, intitulado 5, e lançado no ano passado. Assim como "Fake Plastic Trees" popularizou o Radiohead no Brasil por meio de um comercial de TV, "Fly Away", primeiro single do disco, voltou a tocar nas rádios e está sendo bem pedida na MTV brasileira.

Bonfá em evidência

Por onde anda o Marcelo Bonfá e quais são seus planos? Ouvi dizer algo sobre um novo disco, é verdade?

Vagner S. Dutra – São Paulo, SP

Apesar de o Marcelo Bonfá já ter confessado o desejo de gravar um disco solo *(na matéria de capa da SHOWBIZZ, edição 154)*, pelo menos até outubro ele, Dado e familiares de Renato Russo estarão ocupados escolhendo o repertório para a versão em CD do *Acústico MTV*, gravado em 1992, com previsão de lançamento pela gravadora EMI até o fim do ano.

Ressurreição

Vocês têm informações sobre Suzi Quatro, que já teve grandes sucessos nos anos 70, como "48 Crash" e "Strumblin' In", entre outros? Ela ainda vive?

Anderson Machado – Caçapava, SP

Suzi Quatro ainda vive e... canta, Anderson! Este ano ela toca na Inglaterra, Alemanha, Austrália, Malásia, Finlândia e talvez Estados Unidos e Canadá. Em fevereiro Suzi participou do programa *This Is Your Life* (esta é sua vida, em português) da TV inglesa BBC, que reuniu amigos como Chrissie Hynde, dos Pretenders. Há rumores na Internet sobre um novo disco, que seria gravado em Nova York ainda este ano.

Vai e volta

Gostaria de saber a discografia do Camisa De Vênus e do Marcelo Nova. Eles vão se juntar novamente?

César Rafael Ferreira – São Paulo, SP

Anote aí, César: *Controle Total* (compacto com duas faixas, 1982), *Camisa De Vênus* (1983), *Batalhões De Estranhos* (1985), *Viva!* (1986), *Correndo O Risco* (1986), *Duplo Sentido* (1987). Nesse mesmo ano, a banda se separou e Marcelo seguiu carreira solo.

O resultado pode ser ouvido em *Marcelo Nova & A Envergadura Moral* (1988). No ano seguinte, Marcelo e Raul Seixas gravaram *A Panela Do Diabo*. Em 1991, ainda com A Envergadura, o cantor lançou *Blackout*. Em 1994, Marcelo chamou os ex-colegas do Camisa, manteve outros do Envergadura e lançou *A Sessão Sem Fim*. Gravaram ainda *Camisa De Vênus Ao Vivo – Plugado!* (1995) e *Quem É Você?* (1996). No ano passado Marcelo voltou a gravar solo, com o disco *Eu Vi O Futuro, Baby, Ele É Passado*. Apesar de não ter havido briga, não existem planos para uma nova reunião do Camisa De Vênus, exceto em ocasiões especiais, como a do casamento de Robério Santana (leia mais na seção *Bizzes* desta edição).

Procura-se Grohl

Onde andam os Foo Fighters? Sumiram de repente...

Erik Schuh – São Paulo, SP

A banda de Dave Grohl toca no Woodstock, em Nova York, no verão americano. Enquanto isso, os meninos continuam sua turnê nos EUA e prometem disco até o início de 2000.

Jesus e Maria

Será que vocês poderiam publicar a discografia da maior banda de todos os tempos: Jesus & Mary Chain?

Acácio Piotto – por e-mail

Vamos lá, Acácio: *Psychocandy* (1985), *Darklands* (1987), *Barbed Wire Kisses* (1988), *Automatic* (1989), *Honey's Dead* (1992), *Sound Of Speed* (1993) *Stoned & Dethroned* (1994), *Hate Rock'n'Roll* (1995) e *Munki* (1998).

Ficha: ZZ TOP

A pedido de **Rodrigo M. Costa**, de Belém, PA

Dusty Hill, Billy Gibbons e Frank Beard: trio caipira do Texas

Importância

Com seu jeito sujo e estranho de ser, o ZZ Top chegou manso aos anos 70 e virou um grande grupo da era do videoclipe nos anos 80, colocando a música texana (uma mistura de blues e rock) em evidência mundial. Auto-apelidados de "Little Ol' Band From Texas" (pequena velha banda do Texas), eles têm entre seus maiores sucessos "La Grange", "Gimme All Your Lovin'", "Legs" e "Sleeping Bag". Billy Gibbons chegou a ser apontado como um dos maiores guitarristas de blues da história americana.

Biografia

Tendo no currículo elogios recebidos de Jimi Hendrix, para quem abriu show quando ainda tocava com o Moving Sidewalks, Billy Gibbons forma o ZZ Top em 1970, na cidade de Houston, Texas, com o baixista Dusty Hill e o baterista Frank Beard, ambos vindos da banda American Blues. Lançam o primeiro disco (*ZZ Top's First Album*) e caem na estrada para uma longa turnê, que dura, com algumas interrupções, sete anos e coloca no palco búfalos, cobras e bezerros, entre outras loucuras típicas do sudoeste americano.

Já em 1972, no meio dessa interminável excursão, o grupo abre um show dos Rolling Stones. Em 1977, os músicos decidem tirar férias prolongadas de três anos. Na volta, Gibbons e Hill, que haviam parado de se barbear, ostentam longas barbas, que, junto com os óculos escuros e os chapéus de abas largas, viram marca registrada da banda. Em 1983, adicionam sintetizadores ao estilo roqueiro em *Eliminator*, que se mantém nas paradas americanas por 135 semanas e vende 10 milhões de cópias. Além disso, os três viram astros da MTV, com vídeos em que dirigem o Eliminator, um Ford Coupé vermelho fabricado em 1933. Em 1985, Hill atira no próprio estômago acidentalmente, é operado e se recupera. A turnê mundial de *Afterburner* (1986) dura 212 dias ininterruptos. Em 1990, atuam em *De Volta para o Futuro III* como eles mesmos. Apesar do flerte com o cinema, esta não tem sido a melhor década do ZZ Top. Sem muita evidência, o grupo participa da trilha sonora de *Armaggedon* e vem planejando disco novo.

Discografia

ZZ Top's First Album (1970), *Rio Grande Mud* (1972), *Tres Hombres* (1973), *Fandango!* (1975), *Tejas* (1976), *Best Of ZZ Top* (1977), *Deguello* (1979), *El Loco* (1981), *Eliminator* (1983), *Afterburner* (1985), *Recycler* (1990), *Greatest Hits* (1992), *Antenna* e *One Foot In The Blues* (1994), *Rhythmeen* (1996).

Bizzes

Mingau, Flávio, Roger e Heraldo: tudo a declarar

Fim do jejum

Ultraje A Rigor completa 18 anos e arma nova invasão à praia pop com CD ao vivo e quatro músicas inéditas

Durante os últimos seis anos, as principais gravadoras do país fecharam as portas para o **Ultraje A Rigor**, avaliando que o repertório da banda paulistana estava esgotado e nada mais havia para ser dito ao público. Mas, a julgar pela receptividade das rádios a "Nada A Declarar", a nova música do grupo, ainda existe muita gente disposta a prestar atenção no que Roger Moreira e companhia têm para mostrar.

Em seu primeiro dia de execução em São Paulo (13 de maio), "Nada A Declarar" foi tocada 46 vezes, segundo a Rádio Link, que acompanha a programação de emissoras em todo o Brasil. Levando-se em conta que não há mais do que cinco emissoras de rock na capital paulista, isso significa que a música pode ter aparecido até dez vezes em uma mesma rádio. "É um alívio saber que ela foi bem recebida, mas também estamos muito felizes com o disco em si", comemora Roger.

O CD em questão é *18 Anos Sem Tirar* – referência ao tempo de atividade do Ultraje –, lançamento da Abril Music que traz dezessete músicas antigas (entre elas as clássicas "Ciúme", "Eu Me Amo", "Sexo!", "Inútil" e "Rebelde Sem Causa"), gravadas num show em Curitiba em 1996, e mais quatro inéditas. O material novo, segundo Roger, recebeu uma "atualizada". "O som anos 80 do Ultraje mudou, mesmo porque os músicos hoje são outros. Quanto às letras, queria algo que fosse a expressão da banda, mas sem parecer a volta da Jovem Guarda, que aliás eu adoro."

Embora a banda nunca tenha parado de fazer shows, agora a agenda vai ficar bem mais lotada – um problema para Roger, que não gosta de voar. Salvo duas exceções, o cantor e guitarrista não entra num avião há treze anos. "Curto fazer paradas na estrada, ver coisas esquisitas, além do que é muito mais natural demorar para chegar a um lugar distante", disfarça. Ele já traça planos para o futuro: "Daqui a dois anos estaremos com nosso próximo disco na praça e vamos contar pra todo mundo que estamos na ativa desde o século passado, já pensou nisso?".

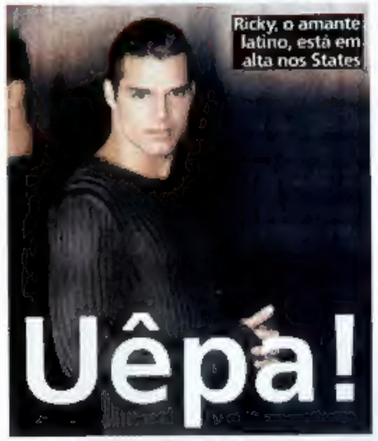
As quatro músicas inéditas, segundo Roger:

"Nada A Declarar": "Eu estava sem assunto e notei que isso era geral, quase mundial. Fiz uma música sobre a falta de assunto, pensando que ninguém nunca pensou nisso! Tem participação especial dos filhos do Flávio *(baterista do Ultraje)*, que gritam 'c*'. Infelizmente meu papagaio ainda não pronuncia esta palavra".

"O Monstro De Duas Cabeças": "É sobre dúvidas. Às vezes penso uma coisa, aí vem outra... acabei fazendo uma sacanagem com as duas cabeças. A letra não deixa claro: pode ser sobre linhas de pensamento ou uma coisa sexual também".

"Preguiça": "É raro, mas acontece... Principalmente se você está meio deprimido. Preguiça de progredir é uma característica do brasileiro. Fiz umas quatro ou cinco versões até chegar a esse resultado. Terminei um dia antes de gravar e, mesmo assim, ainda mudei um tiquinho da letra".

"Giselda": "Me dei o direito de fazer uma música descompromissada, um tema de rock'n'roll, com namorada, carro, esse tipo de coisa. Podia fazer uma dessas por dia, mas aí ficaria muito repetitivo".



Ricky, o amante latino, está em alta nos States

Uêpa!

A festa de lançamento de ***Ricky Martin***, o primeiro disco em inglês do ex-integrante do Menudo, causou grande tumulto em Nova York, paralisando o trânsito das ruas próximas ao Lincoln Center. Aos 27 anos, o cantor vendeu mais de 600 mil cópias em uma semana e conseguiu a façanha (inédita) de emplacar ao mesmo tempo o primeiro lugar nas paradas geral e latina da *Billboard*, feito que o colocou na capa da revista *Time*. O hit? "Livin' La Vida Loca". Desde fevereiro Ricky vem causando *frisson* no público americano, quando sua atuação rebolativa na entrega do Grammy arrancou suspiros até de Madonna.

Fotografias e textos de diversas seções da revista, como *Bizzes*, *Democracia*, *Letra Traduzida*, *Entre Leitores* e *Discoteca Básica*, estão disponíveis na Grande Rede

SHOWBIZZ Online

Agora SHOWBIZZ está também na Internet (**www.uol.com.br/showbizz**). Além de encontrar parte do material que é publicado na revista, os surfistas do cyberspace têm à disposição notícias frescas do universo pop/rock com atualização diária. Aproveitando os recursos multimídia oferecidos pela Internet, os visitantes poderão ouvir trechos de músicas de suas bandas favoritas e também conhecer o som dos artistas iniciantes destacados na seção *Democracia*. Um mecanismo de pesquisa permite a consulta a textos de números anteriores (durante a etapa de implementação, estarão disponíveis somente as resenhas de álbuns lançados neste ano).

Com as principais reportagens da edição que está nas bancas, o site apresenta a íntegra de algumas atrações fixas da revista. Inicialmente, as seções que estão disponíveis são *Bizzes*, que traz informações quentes sobre o mundo da música; *Teste*, onde seus conhecimentos musicais são colocados à prova; *Democracia*; *Letra Traduzida*; *Entre Leitores*; *Discoteca* – subdividida em *Discoteca Básica*, que faz um levantamento dos discos mais importantes da história do rock, e *Minha Coleção*, em que personalidades ligadas ao mundo da música mostram os seus álbuns favoritos –; e *Lançamentos*, com novidades comentadas pelos colaboradores e críticos da revista.

Gustavo ressuscitou o Black Alien, mas não saiu do Planet Hemp

ETs cerebrinos

"**Black Alien** nave-mãe retornando ao seu devido lugar!" É com o recado-refrão de "Lar Doce Lar" que o rapper Gustavo Black, do Planet Hemp, avisa que seu ex-grupo está de volta. Hibernando desde 1993 por causa de brigas internas, os alienígenas Gustavo, Speed (voz e baixo) e DJ Rodriguez (bases, samplers e *scratches*) viram que ainda há muito o que ser feito no rap tupiniquim. A banda manda um som coeso e inquietante, que consegue incorporar, além de cultura hip-hop, Tim Maia, reggae, BRock e o que mais der na telha. Antes de reunir novamente sua banda, Gustavo trabalhou com os Raimundos, Nativus, Pavilhão 9, Carlos Lyra e Roberto Menescal e o rapper americano Shabazz.

E o Planet Hemp? "Não saí. Meus outros trabalhos geraram esses boatos." Mas nem tudo é como antes entre ele e Marcelo D2. Depois de participar do disco solo do hemper, Gustavo fez duas apresentações e saiu da turnê. "É... agora estamos bem. Mas a relação tinha dado uma abalada", confessa.

Canário do samba

Roberto Silva: a voz potente continua a mesma aos 78 anos

Um dos últimos expoentes da chamada época de ouro da música brasileira (1929-1945), **Roberto Silva** está em plena forma aos 78 anos. A voz, cheia e firme, é a mesma da sensacional série de LPs *Descendo O Morro*, marco do samba nos anos 50. Sem beber e sem fumar há décadas, Roberto segura a platéia por mais de quarenta números, sejam do seu repertório ou de Orlando Silva, Francisco Alves e Ciro Monteiro. "Comigo não tem essa de ficar contando história para fazer o tempo passar. Eu canto mesmo", orgulha-se. E completa: "Não é conversa de 'canário' *(gíria com a qual os compositores tratavam os cantores)*".

Em geral, Roberto se apresenta em clubes do subúrbio carioca ou no Nordeste. Além disso, é uma das atrações do Réveillon em Copacabana e, no Carnaval, presença certa nos bailes populares da Cinelândia. No fim do ano passado, dividiu o palco do Hipódromo Up com a cantora Cristina Buarque, em rara e festejada apresentação na Zona Sul do Rio.

Há três anos a situação era bem diferente. Abalado com a morte da mulher, Jurema, ao lado de quem viveu 58 anos, Roberto andava triste, chorando pelos cantos, enchendo de preocupação os cinco filhos. Só não perdeu a vontade de cantar, mas quase. Ao conhecer Sione Guimarães da Costa, uma advogada vinte anos mais nova, a depressão passou. "É por causa dela que me sinto um garoto. Com vontade de começar de novo", diz ele, que passa os fins de semana no apartamento da nova mulher, no Flamengo. O samba agradece.

A voz da bossa

Nara Leão: encanto da MPB

No dia 7 de junho de 1989, morria, vítima de tumor cerebral, uma das mais importantes cantoras brasileiras: **Nara Leão**. Diversos shows e exposições no Rio marcaram os dez anos do desaparecimento da Musa da Bossa Nova – título que, por sinal, ela detestava. Até dezembro, a Universal irá relançar todos os seus 23 discos, vários deles inéditos no formato digital.

Em 25 anos de carreira, Nara marcou presença em praticamente todos os movimentos musicais surgidos por aqui. Além de dar vida à bossa nova, Nara cantou sambas de morro (em discos com músicas de Cartola e Nelson Cavaquinho e no histórico show *Opinião*, de 1964), projetou o nome de Chico Buarque em 1966 (com "A Banda"), gravou Roberto e Erasmo Carlos (em 1978, no álbum *Que Tudo Mais Vá Pro Inferno*) e voltou às origens nos últimos anos fazendo CDs com clássicos da geração "banquinho e violão".

O figurante Papa-Léguas exibe sua máquina; abaixo, a galera da Vila Joaniza invade o clipe

Foto: Marcelo Ximenes

Vida ao Vivo

Manhã diferente no Morro do Zaíra, Vila Joaniza, Zona Sul de São Paulo: o grupo de rap **Pavilhão 9** começa a rodar o clipe de "Vai Explodir". Rildo, conhecido como DJ Branco, nasceu nesse pedaço que é conhecido como um dos principais pontos de tráfico de drogas em São Paulo. Mesmo assim, faz parte da pré-produção do clipe uma negociação com os "figurões" locais para que tudo corra na paz. Filmagens rolando, dois figurantes têm armas na mão. Depois de algumas tomadas, alguém da produção lembra-se de verificar se estão descarregadas. Papa-Léguas, um dos figurantes, retira então o pente de balas de sua pistola automática e entrega para um amigo, que assiste ao lado.

SHOWBIZZ: Por que vocês escolheram a Vila Joaniza para rodar o clipe?
DJ Branco: Porque é o fim do mundo. É violência direto, não se vê ninguém desarmado. E dessa região saiu Thaide, Rap Sensations, o pessoal do Câmbio Negro mora lá perto, então é um lugar carente, mas de muita cultura.

Por que vocês começaram a usar a formação de banda a partir do disco passado, *Cadeia Nacional*?
Ro$$i: Acho que ninguém tem que ficar imitando Racionais ou Thaide e DJ Hum ou Doktors MC's. Cada um tem que partir para uma linha diferente, para o hip-hop crescer e abranger vários lados. A gente se uniu e saiu um som legal. Os tradicionalistas do hip-hop não curtiram, porque tinha guitarra.

Vocês preferem shows na periferia ou tocam para quem quiser ouvir?
Doze: Eu acho até legal tocar para playboy, porque fazendo isso você está passando a consciência para um povo que não tem visão do que acontece na periferia.
Ro$$i: Eu moro na favela desde o primeiro disco e nunca tive esse ponto de vista, de não tocar para playboy. O som é para todo mundo curtir, não tem essa história de apartheid. Na turnê do *Cadeia Nacional*, a gente acabou nem tocando muito em periferia, porque as casas black não oferecem muitas condições para banda, o equipamento deles é para DJ. Agora, o pessoal está cobrando. Dessa vez, a gente quer fazer mais shows na periferia e no interior para promover o CD.
Danilo Monteiro

frases

"Aos 13 anos eu tinha aulas de piano, sapateado e balé."
Tommy Lee, baterista do Mötley Crüe e marido violento, lembrando a adolescência na revista americana Detail

"Viva a pátria brasileira!"
Alceu Valença, cantor, ao ser transportado, de maca, para a sala de cirurgia de um hospital carioca, onde passou por uma cirurgia cardíaca

"Ewan McGregor com um corte de cabelo à Flock Of Seagulls? Não é bem a minha idéia do que é legal."
Rob Zombie, em show nos EUA, dá sua impressão inicial do Episódio I de Guerra nas Estrelas

"Não entendo quem diz que sou sexualmente muito explícita, enquanto Marilyn Manson urina nas pessoas."
Foxy Brown, rapper, no tablóide inglês New Musical Express

"As senhoras do Upper West Side tiveram medo que seus maridos cortejassem a cantora nos elevadores."
Morador do nobre bairro de Nova York, explicando por que seu condomínio recusou permissão à cantora Mariah Carey para se mudar para o local

"Ele é uma pessoa melhor agora, embora um pouco mais chato."
Noel Gallagher, ao tablóide diário inglês The Daily Star, *falando sobre Liam, que parou de beber depois de o irmão mais velho ameaçar acabar com o Oasis por causa de seu alcoolismo*

"Eu ejaculo fora."
Reginaldo Rossi, cantor, respondendo à pergunta da jornalista Marília Gabriela, do SBT, que queria saber por que ele tinha apenas um filho

Reginaldo é um homem irresistível

Léo Cadeia/Ag. Lumiar

Trilhas do Brasil

Música do Brasil faz um registro do folclore de todas as regiões do país; abaixo, Gilberto Gil encontra-se com o É O Tchan!

Fotos: Divulgação

Gilberto Gil apresenta a partir de setembro documentário na TV sobre a música brasileira

Chega à TV brasileira em setembro o mais amplo projeto de mapeamento dos incontáveis estilos musicais do país: dividido em quinze programas semanais, o ***Música do Brasil*** tem direção de Belisário Franca, roteiro do musicólogo Hermano Vianna (os dois são ex-participantes do *Programa Legal*, da Globo) e apresentação de Gilberto Gil.

Ao longo da série serão apresentados depoimentos e performances de mais de 140 artistas, destacando-se nomes como Chico Buarque, Caetano Veloso, Martinho Da Vila, Beth Carvalho, Carlinhos Brown, Fernanda Abreu, João Bosco, Igor Cavalera, Egberto Gismonti, Paralamas Do Sucesso e ídolos regionais, como Wanderley Andrade, rei do brega paraense.

Os programas são divididos por temas, que têm nomes como "música para santo negro", "música para santo branco", "música para bater em lata e tambores", "música para sopro" e "música para rituais de antropofagia tecno". Além de ser o "mestre-de-cerimônias" que faz a ponte entre os variados gêneros musicais, Gilberto Gil também proporciona alguns dos melhores momentos da série, como quando toca um set acústico com o É O Tchan!.

"Pungada" no Maranhão: desafio dolorido para os machos

O projeto esquivou-se de qualquer preconceito e não fez distinções entre música sofisticada, ritmos populares e a influência de estilos estrangeiros, como hip-hop, heavy metal, funk e reggae. Do marabaixo do Amapá ao fandango paranaense, passando pelo pássaro (Alagoas), siriri (Mato Grosso) e os mais conhecidos pagode, carimbó, forró, maracatu, não ficou nada de fora. "É um panorama da música brasileira como nunca foi feito. Tendo qualidade, tudo foi registrado. Mas o conceito de qualidade não dependeu só da musicalidade. Entrou também a originalidade", explicou o produtor-executivo do projeto, Victor Civita Neto.

Realizado pela Abril Produções, o *Música do Brasil* vai gerar muitos outros filhotes: livro, CD-ROM, possivelmente um documentário de longa-metragem e vários CDs musicais. Ainda não está definido em que canal de TV a série será apresentada.

Comunidade Nin-jitsu: grupo gaúcho é lançado em CD por Dado Villa-Lobos

Divulgação/Rock It!

Broncas gaúchas

"Tive, tive, detetive/ meu pai é detetive/ ...mas o teu é despachante." Quase dois anos se passaram desde que "Detetive" levou o prêmio de melhor democlipe no Video Music Brasil da MTV. Mas só agora os gaúchos do **Comunidade Nin-jitsu** terão o prazer de ver seu hit registrado num álbum com distribuição nacional. *Broncas Legais* chegou a ser fabricado pela Continental na época em que um "executivo roqueiro" assumiu a gravadora. Porém, segundo o guitarrista Fredy Endres, "o cara foi mandado embora e brega e sertanejo voltaram a ser prioridade dentro da empresa". O quinteto porto-alegrense ganhou os 2 500 CDs prensados e vendeu tudo rapidinho durante shows pelo sul do país. A divulgação do disco começou a ser feita antes da reviravolta, permitindo que os rapazes fossem ao *Jô Soares Onze e Meia* e ao *Quem Sabe Sábado*, da TV Record, de onde foram limados sob a acusação de terem "saído dos padrões do programa". Agora, o selo Rock It!, de Dado Villa-Lobos, faz justiça e lança o álbum. Mesmo com um som amplamente inspirado no *miami bass* dos bailes da periferia carioca, melôs como "Rap Do Trago" podem fazer o mesmo estrago que "Detetive". Como eles cantam em "Merda De Bar": "Funk e charme é massa mesmo/ hard rock nada a ver".

túnel do tempo

Nos idos de 1992, quando era a Sandy do Canadá, a arrumadinha **Alanis Morissette** guardava muito poucas semelhanças com a estrela descolada, absoluta e riponga que estourou anos depois. A economia em spray de cabelo e maquiagem deve ter sido significativa...

notas

RiR III a caminho

O **Rock In Rio III** – que a princípio se realizaria no próximo mês de julho – foi confirmado pela Artplan para início em 7 de janeiro do ano que vem. Por outro lado, o festival itinerante americano Lollapalooza foi mais uma vez cancelado. A festa, inicialmente idealizada por Perry Farrell, não acontece desde 1997.

Música para o Kosovo

O **Pearl Jam** está com uma música, "The Last Kiss", no topo das paradas americanas. A canção, que não aparece em nenhum dos discos do quinteto, é uma versão para o sucesso de J. Frank Wilson & The Cavaliers, de 1964, e foi gravada apenas para o fã-clube da banda. Um single deve ser lançado este mês e toda a renda será revertida para os refugiados do Kosovo. A canção deve entrar também no disco *No Boundaries*, uma reunião de faixas raras e inéditas de gente como Alanis Morissette, Rage Against The Machine, Tori Amos e Oasis em prol das vítimas dos sérvios.

Fatboy

Divulgação

Shows que vêm aí

O Brasil deve ver nos próximos meses apresentações dos Beastie Boys e do DJ *funk soul brother* **Fatboy Slim**. O Blur também aparece por aqui, mas só para shows fechados.

Joy Division ao vivo

Dezenove anos após a morte do cantor Ian Curtis, a gravadora Factory está lançando um disco ao vivo do **Joy Division**, *Fractured Music Archive Preston*. Já o New Order deve entrar em estúdio em breve para registrar um novo disco.

INXS sem Hutchence?

Boatos na Austrália afirmam que o **INXS**, parado desde a morte do cantor Micheal Hutchence, no final de 1997, pode voltar com uma cantora ou o vocalista da banda Cold Chisel, Jimmy Barnes. É possível também que os outros integrantes do grupo lancem o tradicional disco póstumo com sobras de antigas gravações.

Hutchence: disco póstumo

Casório rock'n'roll

Com padrinhos e noivos ao fundo, reverendo Elias puxa uma oração

Os pombinhos Robério e Maytê: com as bênçãos de John Lydon e Joe Strummer

Marcelo *(à dir.)* e Robério *(no centro)*: juntos de novo no Camisa

Jam session irada: Nasi *(agachado)* e Scandurra comandam o baile

Fã do Camisa De Vênus que é fã mesmo paga até a lua-de-mel do baixista. **Robério Santana**, 39 anos, novo roqueiro a entrar no time dos encoleirados, contou com o público para viabilizar sua viagem de núpcias a Nova York. Por 15 mangos, os "convidados" tiveram direito de presenciar o casório, curtir uma *jam session* com o pessoal dos anos 80 e observar os VIPs tomando uísque no mezanino.

A cerimônia aconteceu numa segunda-feira, 10 de maio, na casa paulistana Hollywood Project. Quem arrastou o baiano para o palco/altar foi a morena Maytê Haas, de 23 anos. A entrada dos noivos e padrinhos aconteceu ao som da guitarra do jornalista Cláudio Tognolli, solando "Cathedral", do Van Halen.

Trajando uma bela camiseta preta sem mangas, o futuro esposo era todo empolgação. A felizarda, em seu vestidinho curto e decotado, também não parava de sorrir. Reverendo Elias, pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, iniciou o sermão dizendo que "Jesus contestava a hipocrisia, igualzinho ao rock and roll". Os noivos trocaram juras de amor e saíram algemados, até que o Camisa os separasse – o que aconteceu logo em seguida.

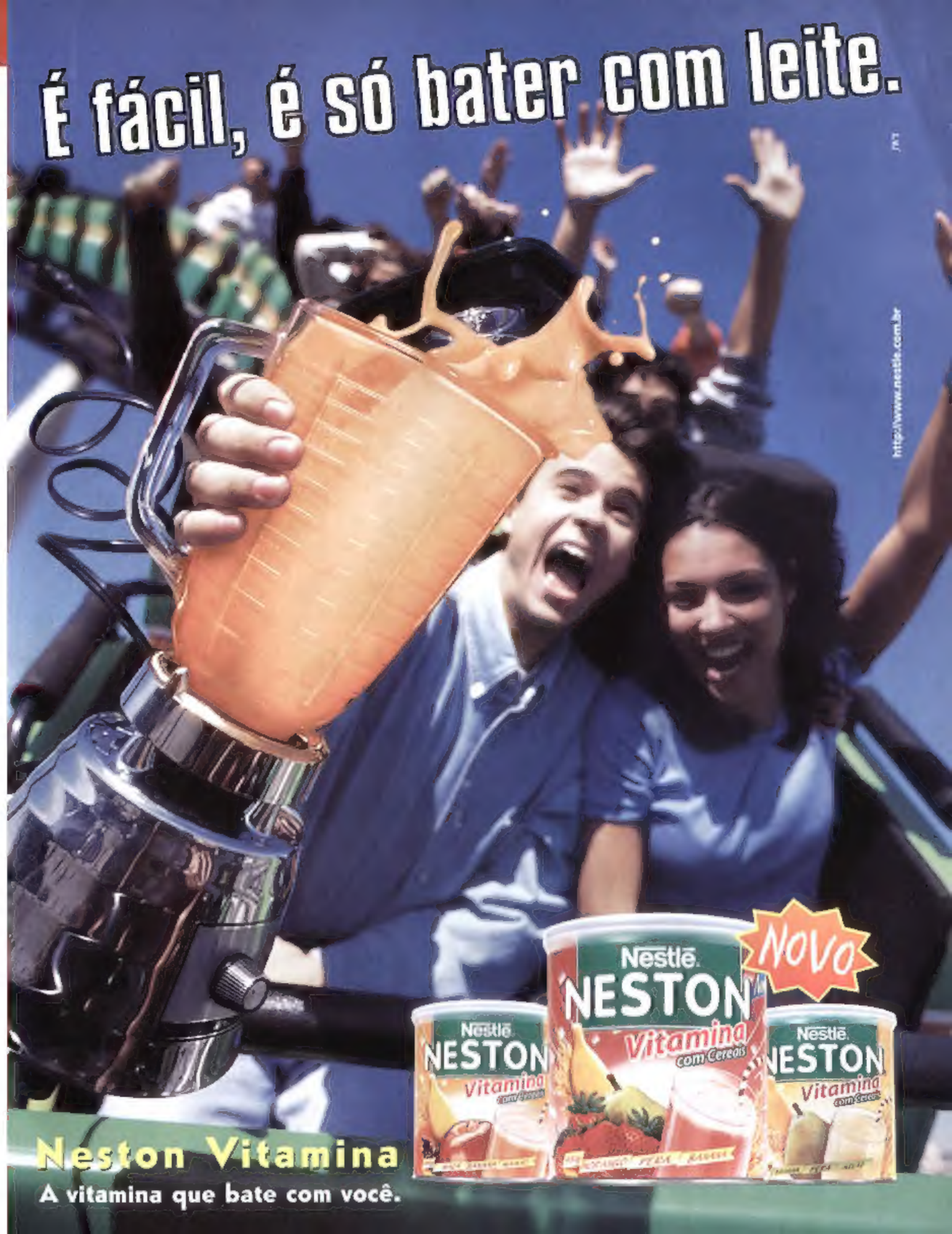
Robério, Marcelo Nova e companhia tocaram os esperados clássicos: "Beth Morreu", "Silvia", "Só O Fim" e "Eu Não Matei Joana D'Arc". A *jam*, meio capenga, porque a maioria dos músicos preferiu ficar bebendo, foi conduzida por Clemente, dos Inocentes, Dinho Ouro Preto, Nasi, Edgard Scandurra e pela galera do Rumbora (!). Os rapazes provaram que qualquer casamento pode ser divertido quando "Anarchy In The UK", dos Sex Pistols, e "Should I Stay Or Should I Go", do Clash, fecham a noite.

Fotos: Mona Jaddon

Neomangue

O Sheik Tosado é o representante da nova música regional pesada do manguebit

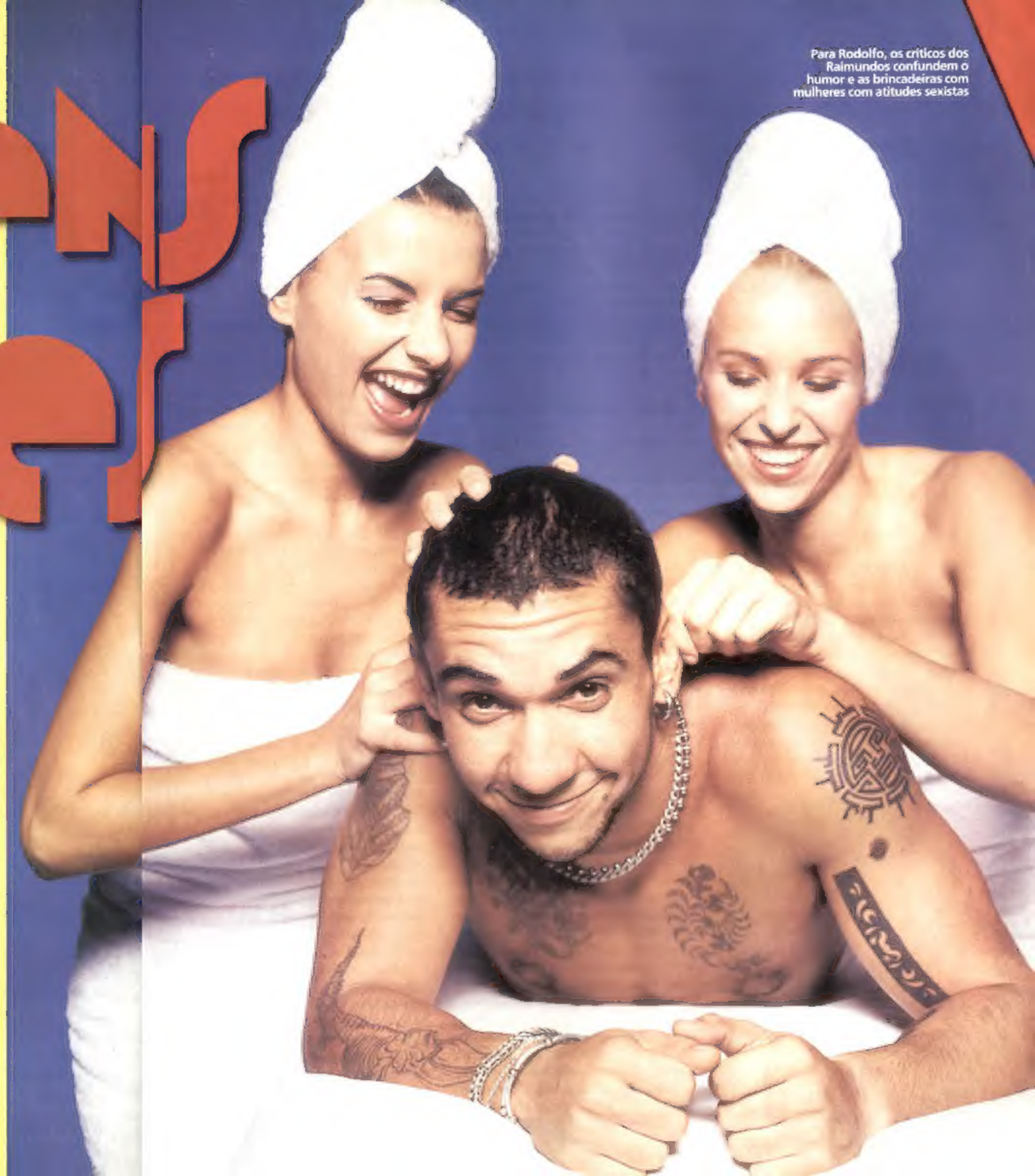
Engana-se quem pensa que é fácil a vida de uma banda nova na festejada cena mangue de Recife. Os integrantes do Sheik Tosado, por exemplo, acordam cedo, ensaiam até sete horas por dia e estudam harmonia. Nos shows que deram em sua cidade, não ganharam dinheiro. Pelo contrário, acabaram detonando dois carros na utilização para o transporte de equipamentos. Eles tocam com sede, com fome de se expressar – não por acaso, peles e couros foram rasgados de primeira nas sessões de gravação do CD de estréia, *Música De Caráter Urbano E De Salão*. Aprenderam segredos percussivos com Pupillo, da Nação Zumbi, mas ouviram muito Alceu Valença. "O manguebit nos influenciou mais como atitude", afirma o guitarrista Bruno Ximarú. Com tanta seriedade e talento na mistura de rock pesado com ritmos regionais, dá para prever uma longa carreira para os meninos.



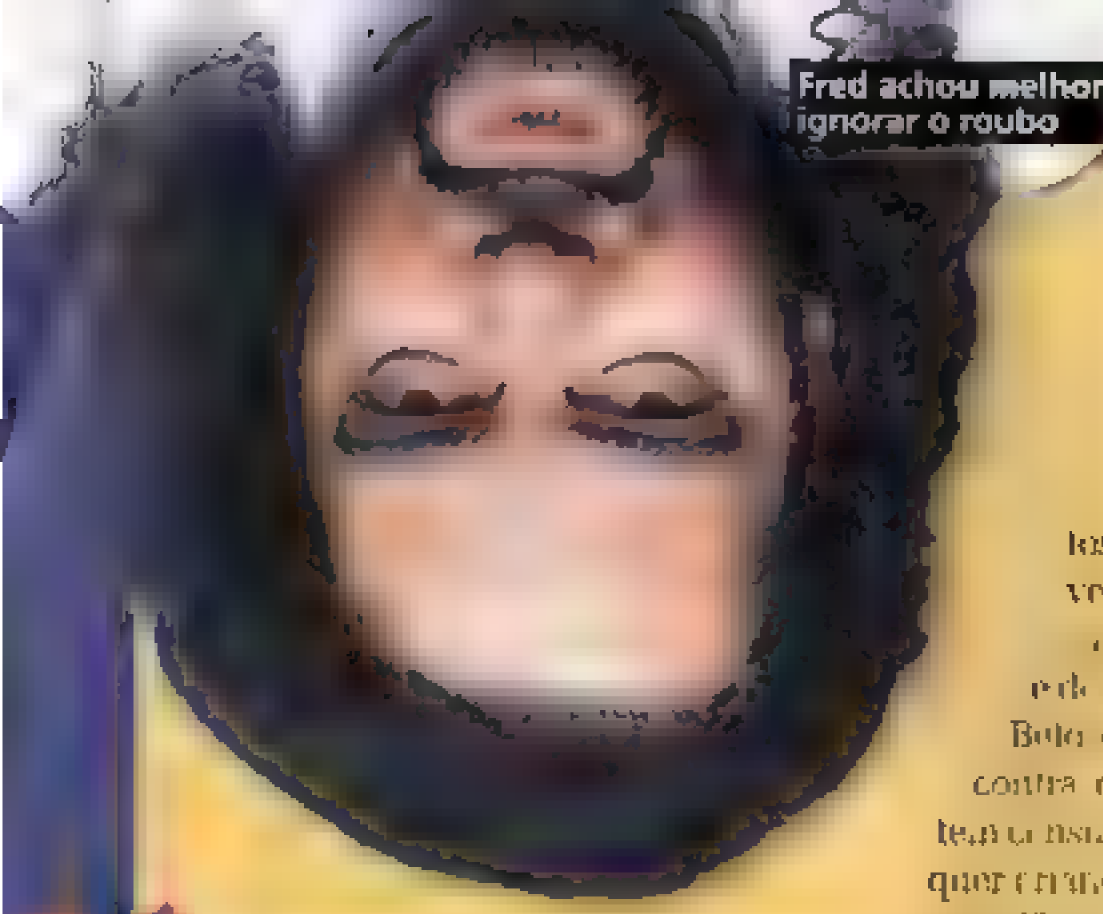
Homens sem fase

Ao lançar o quarto disco, *Só No Forevis*, os **Raimundos** respondem no seu estilo a quem os rotula de machistas: com mais piadinhas de bom (e mau) gosto

por Bernardo Araujo
Fotos Rui Mendes



Para Rodolfo, os críticos dos Raimundos confundem o humor e as brincadeiras com mulheres com atitudes sexistas



Fred achou melhor ignorar o roubo

"Não fazemos nada que os pagodeiros não façam, mas só nós somos censurados",

Fred

los, resolvemos nos disfarçar para ver se somos bem tratados [illegible] com [illegible] que para as fotos da capa [illegible] descoloriu os cabelos a Belo, cantor do grupo Soweto. Nada contra, mas por que é que o nosso show tem censura para 18 anos e no deles qualquer criança pode ver o útero das dançarinas?" pergunta o baterista Fred, o mais ser[illegible] dos quatro.

[illegible] Deu uma cantada no [illegible] do ela apareceu ao [illegible] Vendeu o furo [illegible] TV a rabo aqui só no [illegible] não poderia ser mais [illegible] primeira música de So No Forevis [illegible] quartet [illegible] de suas letras, ao mesmo tempo [illegible] a atenção para [illegible] de mulheres [illegible]

A [illegible] nos vestir [illegible] (na arte do CD) é [illegible] para nos [illegible] vocalista Rodolfo. "Não fazemos nada que essas artistas populares não façam, mas estamos sempre sendo chamados de sexistas. [illegible]

"NÃO V[illegible]RAMOS PAGODE"

Os quatro têm pencas de exemplos de [illegible] do mundo da música que não sofrem [illegible] uma espécie de cerceamento [illegible] coletânea de samba por aí [illegible] mulher nua de costas [illegible] baterista Digão. "Na televisão [illegible] pode ver mulher seminua, mas [illegible] trabalho é indecente" lamenta Rodolfo. Referências a esses problemas estão em várias letras do disco, além de Mata O Véio, Deixa Eu Falar [illegible] que me explicar tintim por tintim. Por que a letra se aplica a mim? [illegible] A Mais Pedida. "Pense como ia ser bom [illegible] um som que ultrapassasse a barreira das FM e AM e dos elevador". É claro que os temas de *menino* que encantaram adolescentes espinhudos em canções como Puteiro Em João Pessoa e Tora Tora continuam presentes sem recuar um milímetro sequer. Trabalhar uma música mais chegada ao romantismo, como Mulher De Fases, era um velho desejo da banda. "Tentamos fazer isso com [illegible] e Bestialidades antes, mas acabou não [illegible]", lembra Canisso, que classifica as canções como "hardcore romântico".

A esta altura os quatro esperam que ninguém os venha acusar de ma[illegible] [illegible] por causa de uma letra sobre tensão pré-menstrual. Fred comenta a declaração de Alessandra Burgant [illegible] Raimundos "escracham as mulheres". "Sou muito amigo da Ale e adoro o Pin Ups, se essa é a opinião dela, tudo bem. Não concordo que sejamos machistas, é tudo uma grande brincadeira", diz, sempre ponderado [illegible] baterista. Já estava na hora de parar e [illegible] de encher o nosso saco com essa história de machismo, as pessoas levam tudo a sério demais", diz Rodolfo, que não aguenta mais lembrar que os rapazes da banda não escravizam ou maltratam mulheres. Antes de mais nada, os quatro observam que [illegible] TPM como nada [illegible] um charme feminino". Digão, Fred e Canisso são bem casados [illegible] sendo que os dois primeiros [illegible] de filhos cada um [illegible] gravidez da mulher [illegible] recentemente [illegible] solteiro da banda. "Mas isso não quer dizer que [illegible]", diz o cantor, um homem [illegible] aos 26 anos e pai de um menino [illegible]

A [illegible] posicionar sobre um assunto [illegible] críticas à banda [illegible] fãs, que, antes do lançamento [illegible] sacando o conceito do CD [illegible] o site do nosso fã-clube [illegible] Raimundos [illegible] pessoas [illegible] estão entendendo que essa é a [illegible] onda das nossas vidas [illegible] "Tem gente achando que [illegible] banda de pagode", surpreende-se o baterista.

FORÇA PARA ESQUECER A TRAGÉDIA

Só No Forevis também tem a preocupação de [illegible] um outro ponto: depois da [illegible] de *Lapadas Do Povo* [illegible] sempre. Basta [illegible] Canisso a perguntar [illegible] várias visitas a rádios de Brasília [illegible] passou uma semana [illegible] Mulher De Fases [illegible] o disco.

[illegible] Canisso, como está o CD?

– Raimundos!

A definição é precisa. *Só No Forevis* [illegible] título que faz alusão à preferência nacional por certa parte da anatomia feminina usando vocabulário do humorista e sambista Mussum, dos Trapalhões e do conjunto Os Originais Do Samba, tem punk rock, tem forrocore, tem gracinha, tem besteira na baixaria, tudo no melhor estilo do quarteto. "O título é uma referência à alegria

Afinal [illegible] alegria dos brasileiros?" [illegible] Rodolfo. "Mas o disco anterior [illegible] mais pesado" [illegible] para [illegible] *Lapadas* também [illegible] muito Raimundos, a diferença é que a gente gravou em Los Angeles [illegible] por causa do produtor e dos técnicos de lá [illegible] a gente entrou numa de [illegible] que a gente queria fazer [illegible] diz Rodolfo. O forrocore [illegible] [illegible] Para piorar [illegible] primeiro show [illegible] de *Lapadas* [illegible] 1997 [illegible] Oito fãs morreram e mais de [illegible] ficaram feridos quando o corrimão da escada de saída do ginásio do Clube do Re[illegible] provocando a queda [illegible] Abalada, a banda cancelou [illegible] meses de [illegible] ao [illegible] de 200 [illegible] recheado da tradicional *raimundice* que [illegible] *O Cesta Básica* (de 1996) [illegible] engraçad[illegible] [illegible] Natal [illegible] lembra Rodolfo.

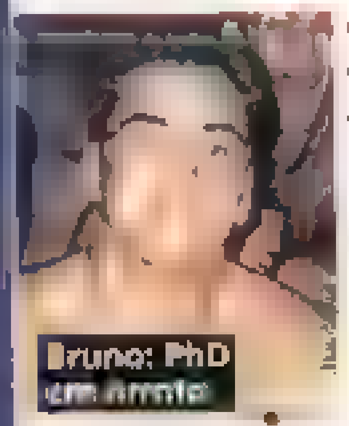
Os quatro [illegible] dizer que não [illegible] mais que façam [illegible] algumas letras. Só para [illegible] ponto final na triste história [illegible] reportagem [illegible] SHOWBIZZ [illegible] *Lapadas* do Povo [illegible]

AMIGOS ENCHERAM O ESTÚDIO

A hora [illegible] clima de descontração para o registro [illegible] CD. E [illegible] os Raimundos [illegible] O primeiro [illegible] a chamar para a produção [illegible] velhos amigos Carlos Eduardo Miranda (que os descobriu e foi responsável pelo disco de estreia, *Raimundos*, de 1994) e Tom Capone, parceiro desde os tempos de Brasília [illegible] e atual diretor artístico da gravadora da banda [illegible] Warner [illegible]

A gente gravou [illegible] Rodolfo, nostalgia [illegible] Canisso [illegible] Rodolfo e Digão estão [illegible] Los Angeles [illegible] Natiruts e rapper Gustavo Black [illegible] Los Djangos. [illegible] [illegible] *brothers* [illegible] diz Digão. [illegible] *raimundice* [illegible] Deixa Eu Falar [illegible] Natiruts [illegible] ▶

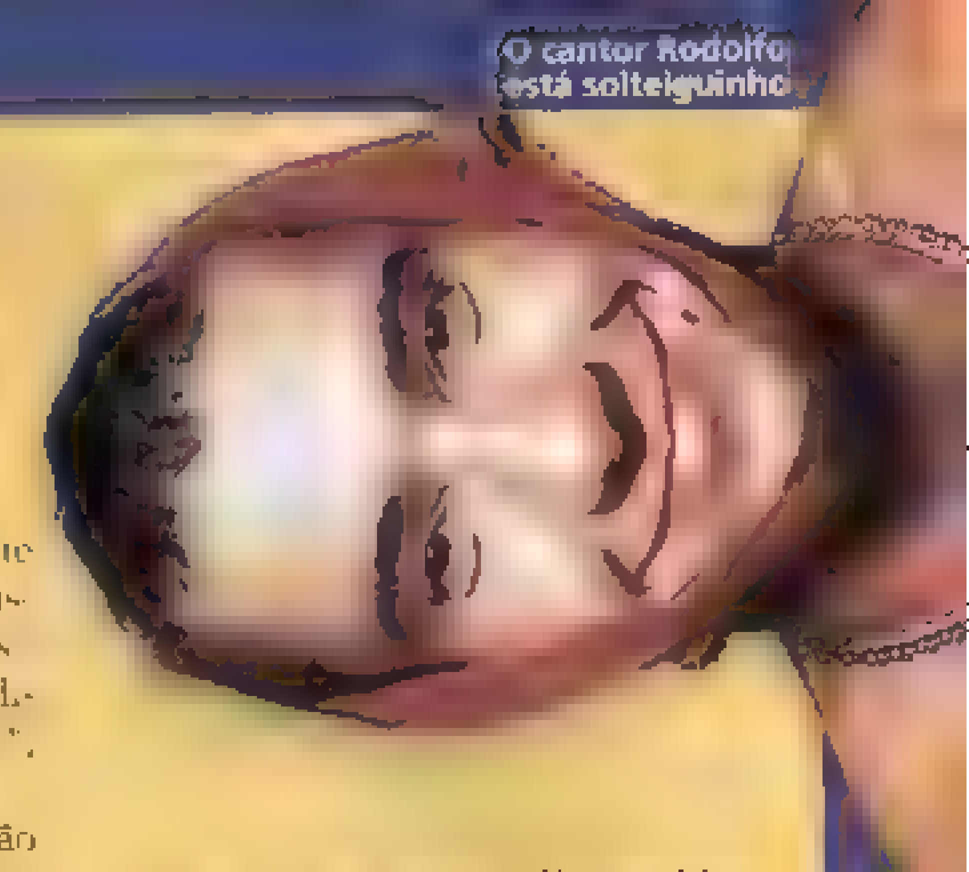
Duo de piano e intestino



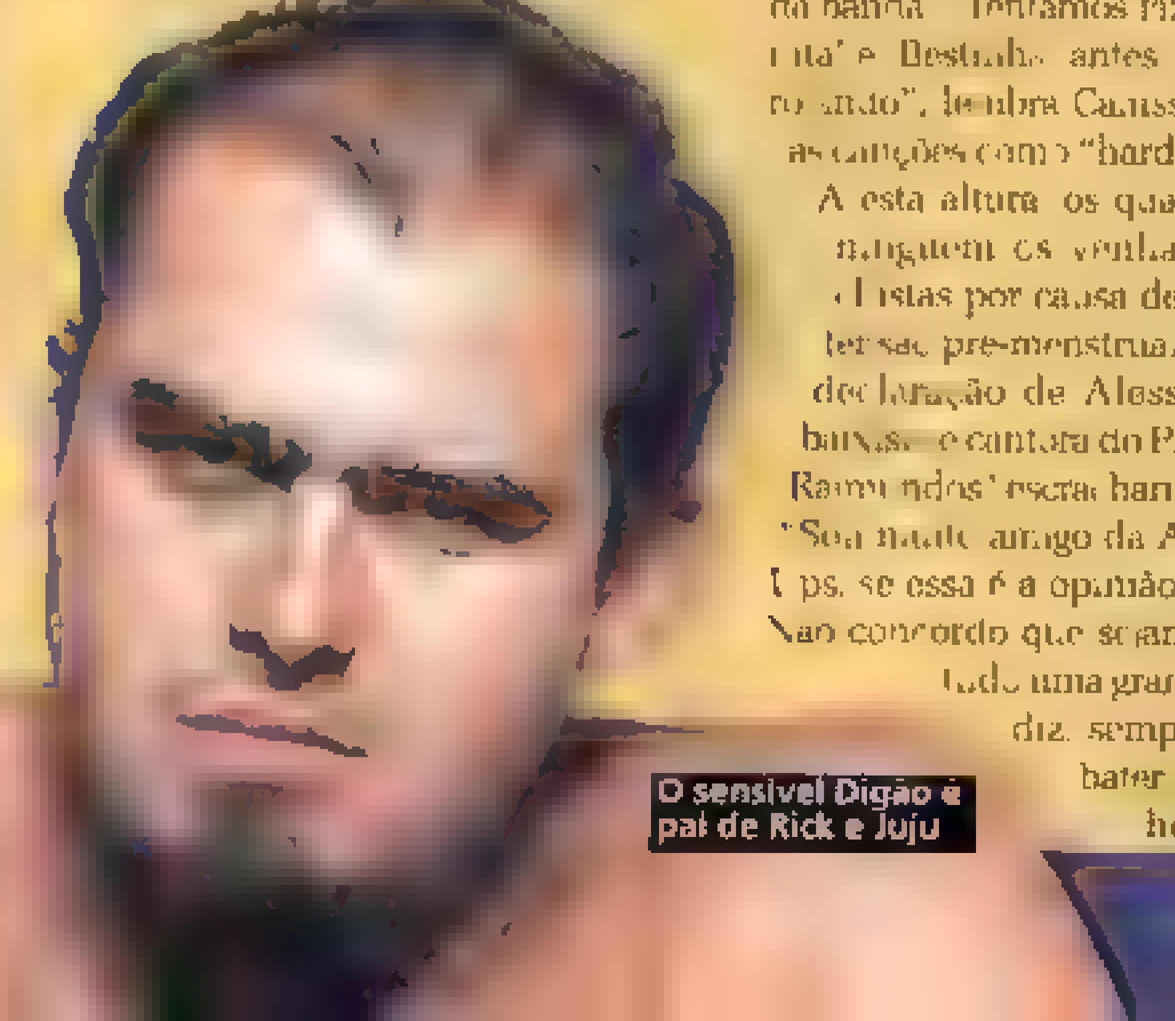
Bruno: PhD em Arroto

Conforme *Só No Forevis* vai chegando ao fim, toma-se conhecimento de sua faixa escondida, com um piano ao fundo e uma sucessão de arrotos grotescos, que dizem, entre outras coisas, o nome da banda e o do disco. Indagado sobre o autor da façanha, Rodolfo entrega: "Foi o porquinho do meu irmão". Mesmo sem ter ouvido a versão final da "música", Bruno Abrantes, 24 anos e estudante de Direito no Rio de Janeiro, se diverte com a comoção que causou. "Meu irmão, já sabendo da potência, me chamou porque queria colocar um lance muito escroto no disco." O lance a princípio não seria um ato solo. "O Fred e o Digão também foram convidados a arrotar, mas, depois que viram minha performance, eles se acanharam. Não dava pra competir!"

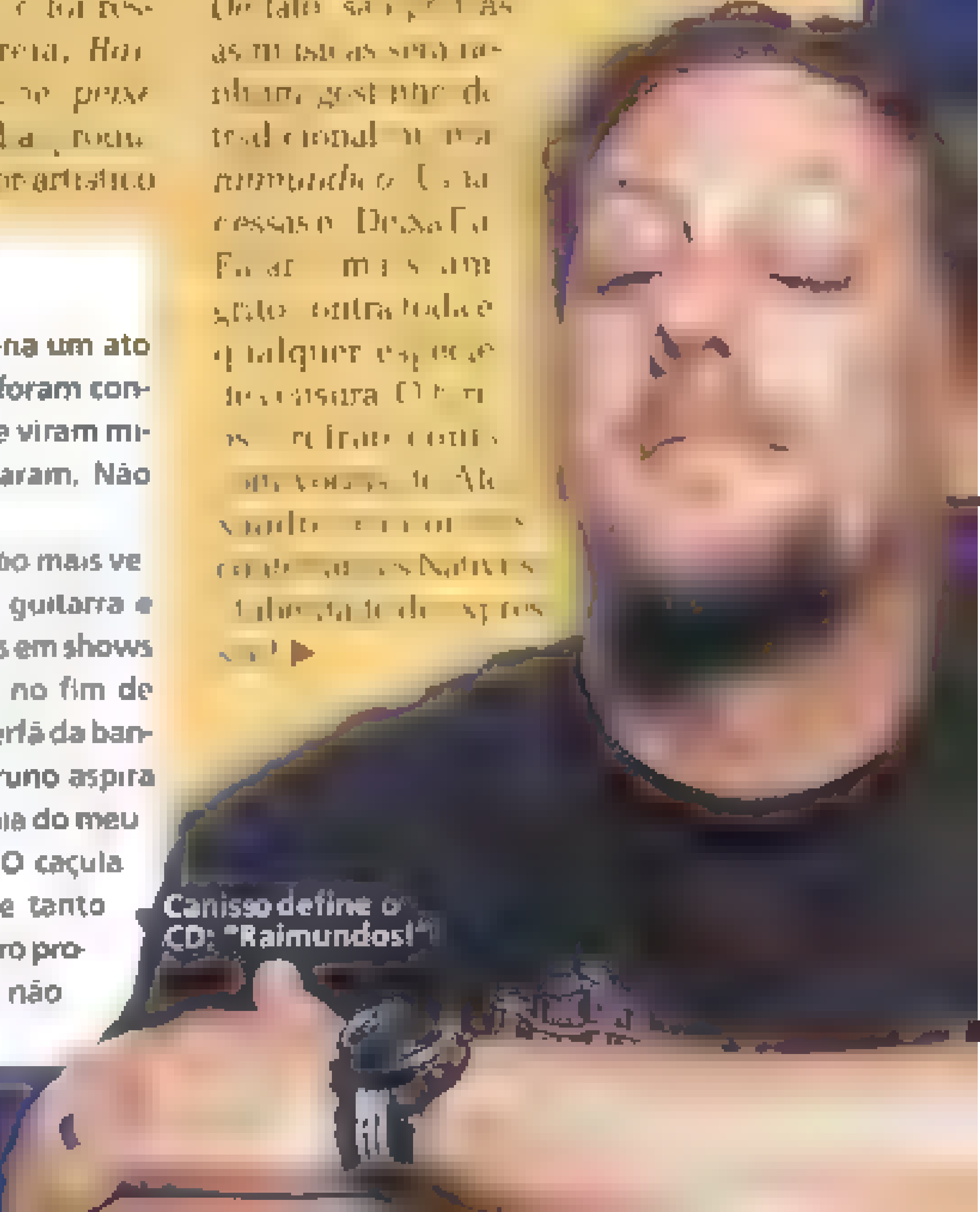
Bruno, que já morou com o irmão mais velho em São Paulo, toca violão e guitarra e faz algumas participações especiais em shows dos Raimundos. "Às vezes entro no fim de 'Eu Quero Ver O Oco', sou um superfã da banda." O que não quer dizer que Bruno aspira à posição de popstar. "Essa é a praia do meu irmão. Meu negócio é estudar." O caçula dos Abrantes não considera que tanto arroto poderia prejudicar seu futuro profissional. "E por acaso advogado não arrota?"



O cantor Rodolfo está solteiguinho



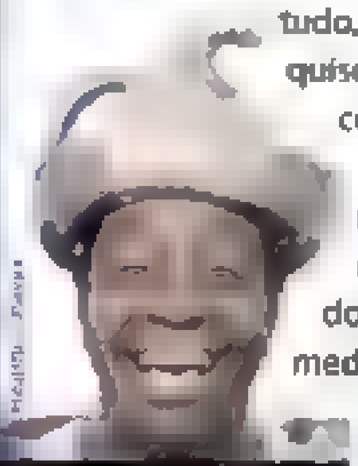
O sensível Digão é pai de Rick e Juju



Canisso define o CD: "Raimundos!"

Homenagem ao trapalhão

A partir de uma brincadeira com Herbert Vianna, nos bastidores do festival Skol Rock, os Raimundos tiveram a idéia para o nome do novo disco. "O Mussum era um cara ducaralho, ultrabrasileiro e que sacaneava tudo, como a gente. Por isso quisemos homenageá-lo", conta Canisso.



Mussum se foi e deixou saudades

Nascido em 1942 no Morro da Cachoeirinha, na Zona Norte do Rio, o sambista e comediante Antônio Carlos Bernardes Gomes tornou-se na década de 70 uma das personalidades mais populares da TV brasileira interpretando o personagem ingênuo e louco por mulheres e bebida Mussum.

Antes de integrar o quarteto humorístico Os Trapalhões, ele havia servido na Aeronáutica por nove anos e fundado o grupo de samba Os Sete Modernos, que depois se chamaria Os Originais Do Samba e emplacaria o clássico "Tragédia No Fundo Do Mar" (o popular "Assassinaram O Camarão"). No final dos anos 60 ele já atuava no programa televisivo *Bairro Feliz* ao lado de Grande Otelo, que lhe deu o apelido por achar Antônio Carlos "comprido demais para nome de crioulo".

Mussum conheceu Manfried Sant'Anna, o Dedé, na TV Excelsior, e, em 1970, entrou para o grupo que o tornou famoso, ao lado de Renato Aragão (Didi) e Mauro Gonçalves (Zacarias). Na telinha – num programa que chegou a astronômicos 55 pontos de audiência –, ele popularizou termos como "mé" (bebida), "forevis" (nádegas) e outros com a terminação "is" ("cacildis", por exemplo).

Mussum morreu de septicemia em 1994 após passar por um transplante de coração. O artista estava na miséria após o período em que ele, Dedé e Zacarias romperam com Renato Aragão e criaram uma empresa que acabou falida. A Rede Globo custeou sua internação na Beneficência Portuguesa, em São Paulo, mas não pagou o transporte do corpo para sua cidade natal. Mussum foi sepultado no cemitério de Congonhas, na capital paulista.

A tradicional *raimundicie* está presente em quase todas as letras de *Só No Forevis*

Deixa eu [illegible] filha da (bip, bip)", com o tradicional bombardeio de palavrões censurados. Além do grito de protesto, a autobiográfica "A Mais Pedida" (que seria lançada como música de trabalho não fosse a insistência da banda com a já clássica "Mulher De Fases") [illegible] ainda que sutil (à maneira dos Raimundos, claro, com versos como "mostra o seio that you saw"). De resto, *Só No Forevis* é o mais puro Raimundos: [illegible] melodias agitadinhas do ska "Me Lambe" (e a pérola lírica "Acho que ela viu que eu era um picolé"), "Me Lambe" [illegible] "Aquela" (originalmente do Little Quail) [illegible] "Fome Do Cão" [illegible] "Língua Presa" [illegible] tudo ameaça de [illegible] mar de língua presa [illegible] cia à Clóvis Bornay, é claro.

TEMPOS DIFÍCEIS NO COMEÇO

De volta a Brasília, a banda lembra suas origens, quando os Raimundos eram um trio, com Rodolfo na guitarra e voz, Canisso no baixo e Digão na bateria. "Tocamos um tempão assim, como banda cover, mas chegou uma hora que ficou um saco, a gente [illegible] até Pink Floyd e Guns N' Roses", lembra o cantor. Após um tempo parados, os três voltaram com uma bateria eletrônica ("um fiasco", segundo Digão) até que chamaram o baterista Fred, velho amigo e fã. "Na época, início dos anos 90, uma cena musical começava a se formar na capital federal. Tinha o Little Quail, Maskavo Roots, Câmbio Negro, Sunburst, todo mundo organizando shows", recorda Canisso, saudoso. Ele lembra que a principal motivação da banda era tocar um repertório diferente dos Smiths, Led Zeppelin e Doors, que dominavam as festinhas da época. "A única forma de ouvir Dead Kennedys e Ramones era a gente mesmo tocando", conta o baixista. Como toda banda que se preza, eles foram desclassificados de diversos festivais. Isso os animou a abandonar as covers e passar a compor material próprio. A partir daí, as coisas começaram a acontecer [illegible] para o Rio, tocar [illegible] vezes no Circo Voador [illegible] em muita coisa [illegible] dos shows [illegible] para uma seleta platéia de diretores de gravadoras. "O Maurton Bahia (*produtor e dono do selo Banguela Records*) saiu dizendo que a gente já estava com ele, e isso afastou outras gravadoras. Até tivemos um [illegible] na Sony [illegible] vieram com a idéia de que o som tinha que mudar [illegible] o Rodolfo entrar em aula de dicção [illegible] Então a decisão foi continuar no palco até que aparecesse alguém disposto a gravar os Raimundos como eles eram. O salvador foi o tal Miranda (ex-jornalista da SHOWBIZZ e na época diretor do selo Banguela) [illegible] *front* em *Só No Forevis*. O resto é história [illegible] A primeira [illegible] da carreira dos Raimundos [illegible] define Fred [illegible]

[illegible] tour para divulgar *Só No Forevis*. "Acho que vamos sair para tocar pelo Brasil e não vamos voltar numa [illegible] interesse dos contratantes", comemora Fred. O problema é que os Raimundos estão resolvendo o contrato com seu antigo empresário, José Muniz Neto, após anos de parceria. "Estamos resolvendo isso juridicamente", diz Fred. "Toda relação tem problemas, principalmente um como o nosso, que era totalmente amigável", lembra Digão. "Temos motivos para estar sentidos e preferimos não falar muito sobre esse assunto, desde que ele não nos [illegible] se de nada, claro. É uma pena", diz o baixista. Nada que tire o sorriso dos [illegible] candangos. A esperteza *raimundiana* é tanta que nem [illegible] fotos da banda ao vivo em diversos lugares do Brasil, sempre [illegible] "Ora", responde Fred, [illegible] o disco se chama *Só No Forevis*, né?"

Os preferidos dos piratas

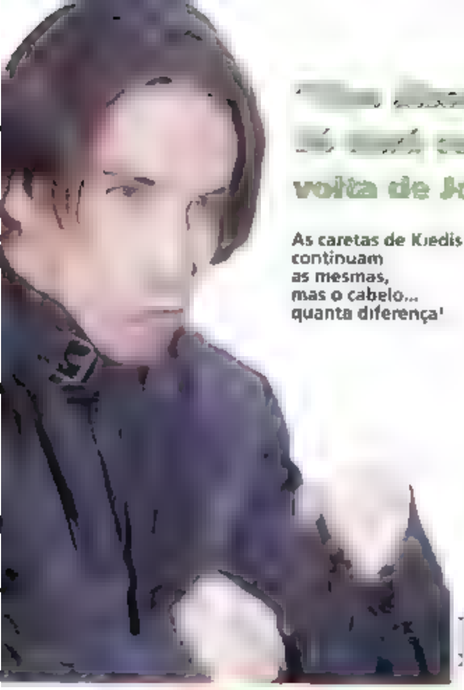
Dezoito de maio de 1999 foi o dia escolhido pelos Raimundos e pela gravadora Warner Music para o lançamento de *Só No Forevis*. "Pô, véio, graças a Deus, não aguentava mais!", comemorou Rodolfo quando soube da data, ainda em Brasília, no início do mês. Afinal, já era tempo. "Mulher De Fases" estava no primeiro lugar em rádios de diversos estados, tendo atingido até a quarta posição na Jovem Pan – um feito, considerando-se que essa rede nacional de emissoras tem pouca tradição no rock, sendo mais versada em *pomperô*. Tudo certo e o quarteto zarpou para São Paulo para uma maratona de entrevistas. Na segunda-feira, véspera do grande dia, a notícia: um carregamento de quase 100 mil CDs (toda a tiragem inicial de *Só No Forevis*) fora roubado do depósito de uma fábrica em Barueri, na Grande São Paulo.

Após alguns boatos de que o disco sairia com outra capa – ou com uma alteração na arte original –, os Raimundos resolveram adiar o lançamento para o dia 27 e ignorar o problema. "Se a gente fosse mudar a programação visual, além de demorar demais, o disco original ia virar peça de colecionador, todo mundo ia querer um. Vamos deixar para lá e os nossos fãs vão comprar os discos dentro da lei", anunciou Fred. Segundo o baterista, como a Polícia Federal está conseguindo conter a reprodução ilegal de discos (após uma extensa campanha de artistas e gravadoras), os piratas agora estão recorrendo ao roubo de CDs para manter o negócio com os camelôs e outros pontos que vendem álbuns fora-da-lei. O roubo (que, além dos Raimundos, atingiu a tiragem inicial da trilha sonora da novela *Suave Veneno*, da TV Globo) foi o terceiro no espaço de dois meses. "Brasileiro é acostumado a ser sempre roubado", lamenta Fred.

no meio das ruínas

Depois de três anos tumultuados por acidentes de moto, problemas com heroína e falta de entusiasmo, os [illegible] descobrem que a vida é bela e voltam com *Californication*

A



As caretas de Kiedis continuam as mesmas, mas o cabelo... quanta diferença!

Músicos de alta rotação

Kiedis e o australiano Flea são os únicos músicos fixos do RHCP. Já passaram pelo grupo os bateristas Cliff Martinez (1983-1985), D.H. Peligro (1986, ex-Dead Kennedys) e Jack Irons (1983 a 1985-1986, ex-Pearl Jam), mas é na guitarra que ninguém para...

Hillel Slovak
Nascido em Israel, entrou no grupo em 1983, viciou-se em heroína e saiu em 1984. Voltou no ano seguinte, gravou os discos *Freaky Styley* (1985), *The Uplift Mofo Party* (1987) e *Abbey Road* (EP/ 1988). Morreu de overdose em junho de 1988.

Jack Sherman
Músico de Los Angeles, tocou no disco *The Red Hot Chili Peppers* (1984) e saiu quando Hillel voltou.

Blackbyrd McKnight
Membro do grupo funk George Clinton and the P-Funk All Stars, teve rápida passagem em 1988 e não gravou disco

"Uma vez que a volta de John era como um sonho" *Anthony Kiedis*

De tudo o que aconteceu nos últimos tres anos, o que realmente causou o atraso de *Californication*?
Anthony Kiedis: As coisas levam mais tempo se você está infeliz e menos inspirado numa banda. Houve situações deprimentes antes de John voltar – problemas com drogas, acidentes de moto e insatisfação pessoal. Mas o disco ou saiu pronto rapidamente. A composição, o ensaio e gravação das músicas duraram um ano, o que é pouco tempo.

Você admitiu seu envolvimento com heroína em entrevista à MTV dois anos atrás. Você ainda sente fraqueza em relação às drogas?
Não sei se chamaria isso de fraqueza. Na verdade, nem sei o que dizer. Não fui sincero quando tomo drogas. Estive dentro e fora delas muitas vezes. Estou feliz agora porque não sinto mais necessidade de usá-las. A vida é bela e quero usar minha energia em coisas positivas. Não quero ser egoísta e "hibernar" com minha energia negativa.

Como foi seu acidente de moto?
Eu estava num parque e uma mulher bateu na moto. Fui jogado para cima do carro, caí na rua e meu braço ficou todo estourado. Doeu pacas! Fui para o hospital e precisei operar. Os médicos disseram que eu havia arrebentado as juntas. Cuidei da cicatriz e fui nadar por dois meses na Tailândia, Austrália e Nova Zelândia. Tudo está bem agora.

O que aconteceu com John Frusciante nesses anos fora do grupo?
Ele não poderia continuar conosco sem dedicação. Foi uma situação confusa na época (*início de 1992*), porque curtíamos nosso sucesso, mas ele não. Foi chato quando John saiu. Ele precisou se redescobrir e entrou em depressão – foi sua opção. Acho que ele até gostou dessa vida nos primeiros anos. Esteve sozinho e com suas responsabilidades. Pôde estudar arte e tocar sem preocupações. Até que chegou um ponto em que esse estilo de vida não deu mais certo. Ele se sentiu triste e sozinho. Depois decidiu se livrar das drogas.

Quem o trouxe de volta?
Flea teve uma intuição e nos disse: "A banda não está funcionando com Dave. Só dará certo se John voltar". Fiquei chocado ao ouvir isso porque a volta de John era como um sonho. Os Smashing Pumpkins tiveram uma história parecida – o baterista Jimmy Chamberlin voltou após anos sumido.

Por que Dave Navarro saiu?
Gravamos um disco, excursionamos mas não deu certo. Ele não se dedicava ao grupo. Química musical é importante, mas não deu certo com ele.

Como andam as relações dentro do grupo atualmente?
Do mesmo modo de sempre. Nossa amizade é uma das coisas mais importantes. Não sei como as outras bandas funcionam, mas tem que haver amor, respeito e consideração entre a gente. Tudo isso está rolando agora.

A guitarra de Frusciante contribuiu para o maior hit do Red Hot Chili Peppers, "Under The Bridge". Agora que ele está de volta, você acha que alguma canção de *Californication* poderá atingir o mesmo nível de sucesso?
Não vemos esse disco por meio de músicas individuais. O sucesso de "Under The Bridge" foi mais um acidente. O disco novo é tão bom quanto qualquer um dos que lançamos. Ele tem um pouco da energia do *Bloodsugarsexmagik*. Acreditamos no trabalho que fizemos – muitas canções poderão explodir.

A banda sempre demonstrou humor em música e imagem. Agora que vocês estão mais velhos, fica difícil manter essa descontração?
Entendo o que você quer dizer, mas não somos caras sérios. Se você visse [illegible] ensaios e as sessões fotográficas nas últimas duas semanas... Rimos e falamos besteiras sem parar. Mas não porque somos obrigados a passar essa imagem. Somos caras estúpidos e divertidos por natureza. Somos bastante disciplinados na hora de compor, mas não levamos nada a sério.

Alguns jornalistas argumentam que o hip-hop está superando o rock'n' roll em popularidade. O que você acha dessa opinião?
O rock esteve chatíssimo, mas nunca morreu. Grandes canções de rock surgiram nos Estados Unidos há seis ou oito anos. O movimento estava demais com o Nirvana e tantos outros grupos. As pessoas ficaram tão animadas que começaram a copiar. O rock então ficou chato e sem significado. Outros estilos apareceram e ganharam atenção. Se tenho algo a dizer é: o rock está de volta! Só tirou um cochilo.

O que você tem escutado?
Uma monte de coisa – de Fugazi, PJ Harvey e Queens Of The Stone Age até Bob Marley & The Wailers, Al Green e My Bloody Valentine.

Existe um motivo para que algumas das letras de *Californication* tenham um aspecto tão internacional?
As idéias surgiram naturalmente. A música "Around The World" fala de nossas viagens ao redor do mundo. O ator Roberto Benigni e o filme *A Vida É Bela* inspiraram o disco. Estamos da China da Suécia e de outros países porque tivemos sorte de visitar e refletir sobre diversos lugares do planeta.

Falando em viagens, como foi sua experiência de encontrar Dalai Lama, o líder espiritual do Tibete?
[illegible] porque o encontrei foi um final maravilhoso para minha viagem à Índia. Estive na cidade dele, Dharamsala, que é refúgio dos tibetanos. Há chineses bons no mundo, mas o governo é muito brutal com o Tibete. Fui ao monastério do Dalai Lama e perguntei: "Seria possível encontrá-lo?" O secretário riu e respondeu: "Bem, estamos aqui, ninguém quer vê-lo". E eu disse: "Então diga a ele que foi uma honra poder tocar no Tibetan Freedom Concert (*festival organizado por Adam Yauch, dos Beastie Boys, com o objetivo de levantar fundos para o movimento que luta pela independência do Tibete invadido pela China em 1950*)". Quando voltei ao meu quarto no hotel, havia um recado: "Dalai Lama pode que você venha pela manhã". Fui lá, passei pelo detector de metais e os seguranças [illegible] minha máquina fotográfica. Ele se aproximou, mandou todo mundo embora e quis saber como foi minha viagem na Índia. Depois perguntou: "Onde está a máquina fotográfica?" Eu respondi. Os seguranças levaram. Ele ordenou que a trouxessem de volta.

Você tirou fotos com ele?
Sim, ele foi muito gentil e me fez sentir bem. O Dalai Lama é um homem com muita alma.

Vocês estão confirmados para o Woodstock.
Sim, participaremos do trigésimo aniversário do Woodstock. Mas estamos animados para todos os shows. Tocaremos em universidades americanas só por diversão. Faremos shows secretos na Europa em junho. Excursionaremos nos Estados Unidos em setembro e comemoraremos a virada do século com um show em Los Angeles.

E o Brasil?
Recebemos uma proposta para tocar com Page & Plant alguns meses atrás, mas o show foi cancelado. Vamos voltar [illegible] sabem o que penso.

Chad e Navarro: lançando o Spread

Chad e Navarro continuam juntos

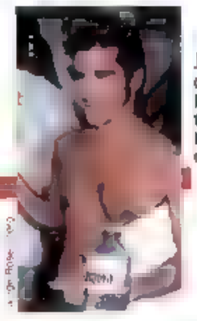
Enquanto os Red Hot Chili Peppers andavam parados no começo de 1997, o baterista Chad Smith e o guitarrista Dave Navarro decidiram se manter em atividade e montaram o Spread. O disco de duplo estava planejado para sair em junho daquele ano, mas acabou sendo adiado.

"O projeto está em andamento", Chad explica. "Dave continua trabalhando no disco enquanto eu me concentro nos Red Hot Chili Peppers." Com Dave nos vocais e Flea dando uma força no baixo – eles também tocaram juntos na reunião do Jane's Addiction, em 1998, o trabalho do Spread deve sair ainda este ano. "É apenas um rock legal e divertido", diz o baterista.

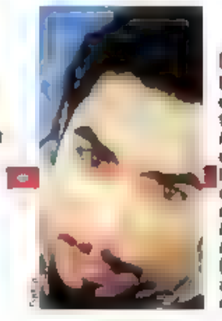
Chad explica que Dave saiu do RHCP amigavelmente, sem rancores. "Ele é muito talentoso. Gostamos muito dele e lhe desejamos o melhor." O guitarrista devolve os elogios: "Adoro os caras. Tocar com eles foi uma das maiores experiências da minha vida, mas explorei melhor minha criatividade com o Spread."

John Frusciante
Fã de Hillel Slovak, tocou nos discos *Mother's Milk* (1989) e *Bloodsugarsexmagik* (1991). Saiu pouco antes do festival Lollapalooza em 1992 e afundou-se nas drogas nos anos seguintes. Recuperou-se em 1997 e voltou no ano passado.

Arik Marshall
Amigo de Flea, entrou em 1992 para tocar no Lollapalooza, excursionou na América do Sul em 1993 (inclusive no Hollywood Rock, no Rio e em São Paulo) e saiu sem gravar disco.



Jesse Tobias
Guitarrista de Alanis Morissette em 1996, tocou com o grupo brevemente em 1993 e não gravou disco.



Dave Navarro
Ex-Jane's Addiction, entrou em 1993, tocou no disco *One Hot Minute* (1995) e gravou o hit "Love Rollercoaster" (cover dos Ohio Players), da trilha do filme *Beavis e Butt-Head Detonam a América* (1997). Saiu no ano passado por diferenças musicais.

A volta do Rei do Ritmo

O Rappa

Sergio Neves

Paralamas

Redescoberto pelas novas gerações, Jackson Do Pandeiro vai ter a sua biografia publicada e é homenageado em CD com interpretações dos Paralamas, Fernanda Abreu, O Rappa, Cascabulho, Chico Buarque Funk Fuckers e Gal Costa

por Júlio Moura

Para a legião de jovens forrozeiros que está se espalhando pelo Brasil, Jackson Do Pandeiro é uma referência quase mítica. seu nome ocupa o mesmo lugar que o de Bob Marley no santuário dos rastas e o de Kurt Cobain no céu dos grunges. Admirado por ídolos da MPB dos anos 70, como Gilberto Gil, Gal Costa e Alceu Valença, o trabalho do artista paraibano ressurge mais uma vez no ano em que se comemora o 80º aniversário de seu nascimento e ganha o reconhecimento de uma nova geração de músicos com o lançamento de *Jackson Do Pandeiro Rei do Ritmo e Sampleado*.

Além da homenagem, as gravadoras por onde Jackson passou – Copacabana Sony PolyGram e Continental – estão, aos poucos, reeditando sua obra. Completando o ciclo, Jackson deve ganhar no ano que vem uma biografia, que vem sendo preparada pelos jornalistas Antonio Vicente e Fernando Moura.

Idealizado pelo fotógrafo, jornalista e radialista Maurício Valladares e lançado pela BMG, o tributo reúne um elenco de intérpretes de respeito, que inclui desde herdeiros diretos do Rei do Ritmo – Dominguinhos, Marinês, Elba Ramalho, Cascabulho – e passa por Gal Costa, Paralamas Do Sucesso, Lenine, Chico Buarque, Zeca Pagodinho e outros artistas cujos trabalhos não têm tanto parentesco assim com o pandeiro de Jackson, como Fernanda Abreu, Gabriel O Pensador e as bandas O Rappa e Funk Fuckers.

Os Paralamas Do Sucesso foram a primeira banda da onda roqueira ▶

Lenine

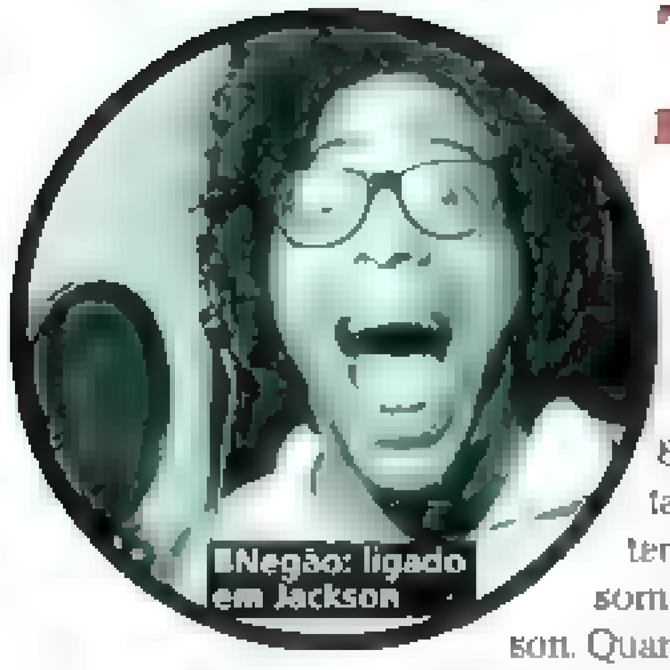
Gal Costa

Chico Buarque

Funk Fuckers

Gabriel O Pensador

Fernanda Abreu



BNegão: ligado em Jackson

"Tocamos 'Cremilda' por ser a música mais sacana do Jackson. É a nossa contribuição para a galera se ligar"

BNegão

surgida nos anos 80 a apontar suas baterias para o som de Jackson. Quando gravaram "Um A Um", em 1987, chegaram a causar estranheza nos moderninhos mais radicais. Doze anos depois, voltam a registrar a canção, produzidos por Chico Neves. "Regravamos 'Um A Um' porque faz parte da nossa história e agora ficou mais interessante, a primeira versão era meio de brincadeira. Quando descobrimos o caminho de mesclar rock com ritmos brasileiros, ainda nos anos 80, muita gente atirou pedra nos Paralamas. Hoje Raimundos, mundo livre e Otto consolidam essa tendência", conta João Barone.

Fernanda Abreu, que participa do projeto cantando "Meu Enxoval" (Gordurinha/Almira Castilho), enxerga a criação de uma "nova identidade brasileira": "É muito legal ver essa geração falar de coco e maracatu com o mesmo interesse que dedicam ao hip-hop e aos samplers. É uma perspectiva animadora. Eu descobri o Jackson na época da Blitz, por influência do Evandro Mesquita." Lenine, que contribui com duas gravações, "Jack Soul Brasileiro" – de sua autoria, já conhecida na voz de Fernanda Abreu – e "Sebastiana", de Rosil Cavalcanti, também concorda. "Eu ouvia Jackson desde pequeno, em Pernambuco. Um dia, quando eu já estava na faculdade e só queria ouvir rock, caiu em minhas mãos um *long play* chamado *O Rei Do Ritmo*, que foi a senha para a reabertura de um arquivo que permanecia oculto no meu *hard disk*. A partir daí tive um reencontro não só com a obra de Jackson, mas com toda a música nordestina, que fazia parte da minha história. Jackson foi arrebatador na crônica e no suingue. Ele parecia não conseguir cantar uma música duas vezes da mesma maneira e por isso mesmo não deixou escola. Hoje as pessoas o redescobrem, estão recuperando a alegria de ser brasileiro, querem se reconhecer na história e na música do país".

A aproximação rap/repente toma fôlego na versão de Gabriel O Pensador e Aninha Lima (mulher [illegible]) para "A Mulher Que Virou Homem" (Jackson Do Pandeiro/[illegible]), recentemente regravada por Edson Cordeiro. "Cheguei a compor uma parte para a música, nunca havia feito um repente, no estilo nordestino, e fiquei orgulhoso do resultado. É importante dizer que o Chico Science teve um papel importantíssimo nesse processo de reencontro da cultura pop com a música brasileira", observa Gabriel.

RAP & EMBOLADA

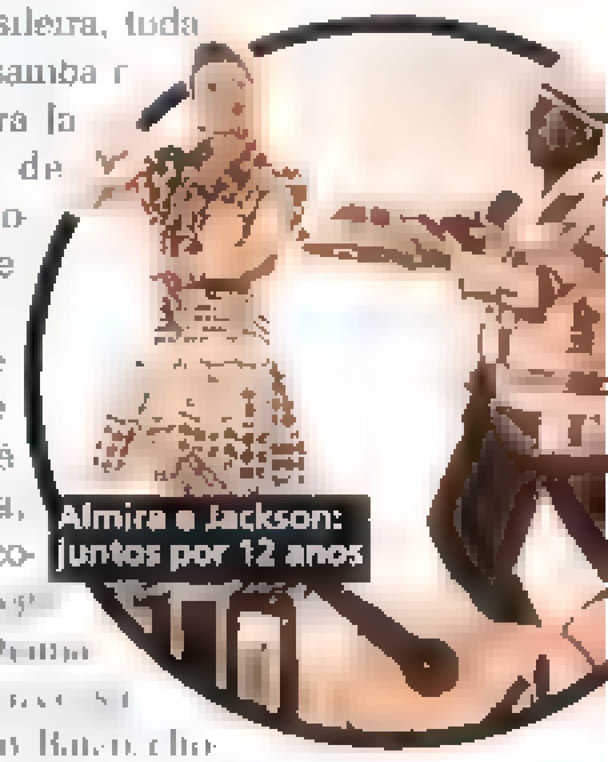
A maior surpresa do disco talvez fique por conta dos Funk Fuckers. A banda de BNegão faz uma releitura devastadora da erótica "Cremilda", de Edgar Ferreira ("Cremilda quer, quer um saiá/ o que Cremilda quer eu dou/ o que eu quero ela não dá"), fazendo a ponte entre a marginalidade de Jackson e o submundo da malandragem carioca, com o auxílio luxuoso do pandeiro de Marcos Suzano. "O rap tem uma relação direta com a embolada, ambos são falados e as letras pintam entretenimento e função social. Tocamos 'Cremilda' por ser a música mais sacana do repertório do Jackson. É a nossa contribuição para a galera mais nova se ligar", explica BNegão.

Zé Jack sai de cena: "Juntaram um esse-ó-ene e virou Jackson"

Fotos: Arquivo Nacional

Almira e Jackson em 1956: a popularidade da dupla garantiu vários convites para participar de chanchadas do cinema brasileiro

Nascido em Alagoa Grande, interior da Paraíba, em 1919, e falecido em Brasília, em 1982, a [illegible] de distância do sucesso que também [illegible] nos anos 50 e 60, Jackson Do Pandeiro é a própria confirmação da teoria de Gilberto Gil de que a música brasileira, toda ela, vem do samba e do baião. Para Jackson, antes de tudo está o coco: "É o pai de todo o negócio. Se você pega o forró e chama no pé da conversa, não passa de coco. Se [illegible] samba [illegible] [illegible] também é coco. Baião, choro, qualquer coisa".



Almira e Jackson: juntos por 12 anos

E foi o coco que transformou José Gomes Filho em Jackson Do Pandeiro. Na infância, o menino José costumava [illegible] a mãe, a cantadora de cocos e emboladas Flora Mourão, quando ela ia improvisar nas feiras do sertão. Aos 13, com a morte do pai, a família se mudou para Campina Grande, onde o moleque José foi trabalhar numa padaria.

PRIMEIRO, A BATERIA

Com 17 anos, trocou os pães pela bateria num conjunto de baile. Tinha que fugir da polícia, que não queria saber de menor metido com negócio de batucada. Pouco depois, mudou de vez para o pandeiro. Já carregava o apelido de Jack. A silhueta magérrima lembrava o ator de westerns do cinema mudo Jack Perry. Quis tirar o apelido, mas não adiantou: ficou Zé Jack e depois passou para Jack Do Pandeiro.

Jack transferiu-se para João Pessoa e [illegible] a vida como cantor na rádio Tabajara. Depois, foi para Recife, trabalhar na rádio Jornal do Commércio. "Lá eles juntaram um esse-o-ene ao meu nome, virou Jackson". Além de integrar os conjuntos regionais da emissora, [illegible] músicas nordestinas e sucessos de Carnaval.

Um dia, ao apresentar no programa

"Sou muito grato a essa juventude. Eles fizeram a minha música de outra maneira. É o tempo deles"

Jackson do Pandeiro

Revista do Carnaval um negócio maluco de "a, e, i, o, u, ípsilone", chamado "Sebastiana" ("Convidei a comadre Sebastiana/ pra dançar e xaxar na Paraíba/ ela veio com uma dança diferente/ e pulava que só uma guariba/ e gritava a, e, i, o, u, ípsilone", de Rosil Cavalcanti), veio a conhecer Almira Castilho, uma cantora e dançarina de mambo e rumba. Almira inventou uma dança, entre sensual e escrachada, para caracterizar a "Sebastiana". O sucesso conduziu a dupla ao primeiro disco, um 78 rpm, pela gravadora Copacabana, com "Sebastiana" e "Forró Em Limoeiro", de Edgar Ferreira.

O disco estourou também no Sudeste e levou-os ao Rio, pela primeira vez, em 1955. Jackson e Almira voltaram a Pernambuco como marido e mulher. Mas Almira [illegible] diretor de rádio de Recife [illegible] a reação do público ao casamento foi a pior possível. A solução foi retornar de vez para o Rio. Começava um tempo de muita diversão e pouco dinheiro.

Os sucessos se enfileiravam: "Mulher Do Aníbal" (Genival Macedo-Nestor De Paula), [illegible] (Edgar Ferreira), "O Canto Da Ema" (Aires Viana-Alventino Magalhães-João Do Vale), "Chiclete Com Banana" e "Xote De Copacabana" (ambos de Gordurinha-Almira Castilho). Eram cocos, rojões, sambas, xotes e baiões que, em plena Bossa Nova, soavam como petardos punk. Enquanto Tom, Vinicius e João Gilberto [illegible] verso idealizado [illegible] *bon-vivant* Jackson levava [illegible] "Rosa" ("Rosa vem ó Rosa [illegible] por você (...)/ Rosa danada, minha [illegible] faceira, minha flor de quixabeira [illegible] posso mais esperar, fiquei [illegible] com outro home [illegible]/ mas eu lhe meto o punhá").

SEPARAÇÃO E OSTRACISMO

A dupla com Almira durou [illegible] porque o casamento [illegible] separação, Jackson [illegible] parceira [illegible]. O motivo do rompimento [illegible] uma aventura [illegible]

Selo Mangroove promove volta da ex-parceira

Com produção de Silvério Pessoa, cantor do Cascabulho, Almira Castilho deve lançar no primeiro semestre de 2000 um novo CD, numa iniciativa do selo Mangroove. Vivendo atualmente em Recife, Almira se diz exultante com a quantidade de homenagens que vem recebendo: "Essa juventude recuperou a alegria do forró. Quando vejo um grupo como o Cascabulho fico feliz e emocionada".

Ela só não gosta quando tem a autoria de suas músicas questionada. "Já vi gente por aí dizendo que Jackson compunha as músicas assinadas por mim. Isso é um absurdo. O que é dele, é dele, o que é meu, é meu". Alguns dos sucessos nem sempre atribuídos a Almira são "Chiclete Com Banana", "Meu Enxoval", "Xote De Copacabana" e "Boi Da Cara Preta". Por problemas relacionados com entidades arrecadadoras de direitos autorais, Almira ficou sem o crédito oficial. "Eu era sócia da SBACEM *(Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Escritores de Músicas)* e quando editávamos alguma obra na UBC *(União Brasileira de Compositores)*, não podia entrar meu nome. Aí, eu assinava José Gomes, que era o nome de batismo do Jackson. Tudo o que é José Gomes, na verdade, foi composto por mim. O que leva a assinatura de José Gomes Filho é dele", explica.

Em seu auge, a dupla tinha um público tão grande que se tornou também atração de cinema. Ao todo, participaram de doze filmes. "Fizemos números musicais em chanchadas como *Cala A Boca Etelvina, Minha Sogra É Da Polícia, Pequeno Por Fora, Grande Por Dentro*. Pra mim, era fácil interpretar, pois eu já era atriz de rádio, em Pernambuco. Para o Jackson era mais difícil, ele não levava muito jeito", diverte-se. Mesmo com o fim da parceria amorosa e artística, ficou a amizade. "Muita gente pensa que eu e Jackson nos tornamos inimigos depois da separação. Isso não é verdade. Fomos amigos até o fim", afirma. Bem de vida, a cantora diz não ter do que se queixar. A regravação de várias de suas músicas, segundo ela, não contribui muito para o orçamento: "Dinheiro de compositor é besteira. O que me dá prazer é ver a meninada ouvindo forró".

Jackson romântico: "Minha morena faceira, minha flor de quixabeira (...) se casa com outro home (...) eu lhe meto o punhá", cantava em "Rosa"

[illegible] Jackson [illegible] proibida [illegible] Correio [illegible] ano de 1967 [illegible] Jovem Guarda explodia em todo o país. Jackson [illegible] mal [illegible].

Foi nessa época que Alceu Valença [illegible] quase [illegible] para [illegible] Festival Internacional da Canção. Alceu conta: "Eu e Geraldo Azevedo acabávamos de chegar no Rio e inscrevemos uma embolada no festival, 'Papagaio Do Futuro'. O Jackson andava por baixo, contrariado com a moda [illegible] aparecer. Nas [illegible] mas [illegible] Jackson [illegible] desconfiado [illegible] não? Quando mostramos [illegible] ele [illegible] no ano 2000". Na década de 70, [illegible] Gilberto Gil e Gal Costa trataram de [illegible] ao posto de mestre. Gil gravou "Chiclete Com Banana", "Cantiga Do Sapo" e "O Canto Da Ema". Gal recriou "Sebastiana".

Jackson morreu pobre, aos 63 anos, de embolia pulmonar. Ao seu lado, apenas Neusa [illegible] que [illegible] ocupava o lugar de Almira. Se estivesse vivo, [illegible] teria grande prazer em [illegible] sendo redescoberto novamente [illegible] O Rappa, Gabriel O Pensador, Cascabulho e Funk Fuckers [illegible] músicas. Jackson provavelmente [illegible] que disse nos anos 70: "Sou muito grato a essa juventude que vive me elogiando. Eles pegaram a minha música e fizeram de outra maneira. Não me importei com as guitarras. Tinham que fazer isso, é o tempo deles".

Gessinger: o líder dos Engenheiros Do Hawaii não se preocupa mais em fazer o que todos esperam que faça

¿Quem? ¿Eu, me preocupar?

Com ¡Tchau Radar!, Humberto Gessinger inaugura nova fase dos Engenheiros Do Hawaii e liberta-se das obrigações e responsabilidades impostas pelo passado da banda

por Vitor Cunha
fotos: Pedro Seabra

Foram precisos [illegible] treze anos desde o lançamento de *Longe Demais Das Capitais*, o primeiro disco dos Engenheiros Do Hawaii, para Humberto Gessinger [illegible] o que chama de seu "grito de libertação". Com *¡Tchau Radar!*, o primeiro álbum da banda pela gravadora Universal, o baixista, cantor e letrista mais malhado pela crítica musical brasileira sente que [illegible] não precisa carregar o [illegible] nas costas. "É uma sensação [illegible] 'Adeus Big Brother' *(o onipresente personagem da sombria ficção futurista 1984, de George Orwell, de cuja vigilância é impossível fugir)*, de Tchau [illegible] *Truman Show*. Não sei o porquê, mas não sinto mais nenhuma obrigação. Quem gosta dos Engenheiros gosta. Não sinto mais que [illegible] preocupando [illegible] para [illegible]", diz Gessinger.

M[illegible] contribuiu para esse estado de espírito [illegible] da relação com a BMG, gravadora pela qual todos os outros discos tinham sido lançados. Depois das vendagens apenas regulares de *Minuano*, de 1997 (95 mil, segundo Gessinger), um reflexo dos tempos de baixa dos Engenheiros que começaram com as saídas do guitarrista Augusto Licks e do baterista Carlos Maltz, a BMG não [illegible] interesse. "Entrei [illegible] da BMG [illegible] vezes no ano passado. A gente conversava, mas não chegava a um acordo. Eram duas visões diferentes de para onde a banda deveria ir", explica.

Gessinger diz que não sentiu [illegible] por parte da gravadora com a "visão" que tinham: "Nossa idéia era gravar [illegible] músicas inéditas e seguir [illegible] para [illegible] a nova formação". E [illegible] do outro lado? "Eles não tinham nenhuma idéia." O resultado é que os Engenheiros Do Hawaii ganharam passe livre

MUNDO POP

Um caso de "amor": Gessinger e a imprensa

Pedimos a alguns críticos que fizessem uma pergunta a Humberto Gessinger. Veja abaixo por que ainda rola um clima "Kosovo" nessa relação:

Depois de lançar dez discos, o que ainda te leva a correr os riscos dessa infinita highway do pop nacional?
Thales de Menezes (Folha de S.Paulo)
Tocar contrabaixo.

Você acha que teria feito algo diferente caso fosse um "queridinho da crítica" e tivesse a obrigação de manter essa expectativa?
Jaime Biaggio (colaborador da SHOWBIZZ)
Achar que o artista escolhe o que vai fazer é ilusão. A gente é prisioneiro da nossa arte.

Por que vocês nunca mais conseguiram produzir nenhuma grande música pop como "Cidade Em Chamas", "Infinita Highway" e "Toda Forma De Poder"?
Marcelo Janot (Jornal do Brasil)
As pessoas romantizam aquele período. As pessoas são muito preguiçosas em procurar pérolas onde elas não estão explicitamente mostradas.

Você não acha uma injustiça nenhuma música dos Engenheiros ter sido incluída no disco *Classicos Do Sul*, de Kleiton & Kledir, que reivindicam um lugar para a música típica do Rio Grande do Sul junto à moderna MPB?
Silvio Essinger (Jornal do Brasil)
Ainda não escrevi meus clássicos. Concordo com o que Kleiton & Kledir falam a respeito da música gaúcha, mas agora estou bem mais desesperançado. Rola um estranhamento muito grande em relação à cultura gaúcha no resto do país.

Você tem mais de cinco discos de rock em casa?
Alvaro Pereira Jr. (Rede Globo)
Do que chamam de rock'n'roll puro não devo ter. Mas de rock progressivo, e seus subprodutos, eu tenho mais de 500.

Após show no Hollywood Rock de 1993, uma assessora tentou sem sucesso fazer as pazes da banda com os jornalistas de São Paulo. Essas rusgas com a imprensa paulista já acabaram?
Fernando Souza Filho (Rock Brigade)
Espero que ainda existam. Quanto mais a gente incomoda, significa que a gente ainda está ocupando espaço.

Os Engenheiros Do Hawaii sobreviveriam sem o messianismo que os caracteriza?
Pedro Alexandre Sanches (Folha de S.Paulo)
Não seria Engenheiros Do Hawaii sem messianismo.

Nos últimos quinze anos, a evolução do agrobusiness tem sido maior do que a da estética do rock gaúcho. Você nunca pensou em se dedicar à pecuária, atividade mais lucrativa do que a de roqueiro?
Luis Antônio Giron (Gazeta Mercantil)
Acho que vou editar os livros que o Giron escreve. Aí sim eu vou fazer dinheiro.

Você se acha um bom letrista ou você é um cara-de-pau?
Sérgio Martins (Época)
Eu sou um bom letrista.

Por que vocês não conseguem repetir o sucesso de dez anos atrás, como é o caso do Barão Vermelho, Titãs e Paralamas?
Marcos Filippi (Jornal da Tarde)
Acho que de repente o que a gente canta não está interessando tantas pessoas, mas isso não posso mudar.

Dizem que você se tornou o Oswaldo Montenegro do rock. Você concorda?
Jotabe Medeiros (O Estado de S.Paulo)
Oswaldo Montenegro do rock? Não. Acho que ele é multimídia e eu não sou.

Grandes momentos do passado

"Gessinger soube costurar filosofia barata, conselhos de almanaque bem ao gosto popular e recursos poéticos típicos de publicidade."
Celso Masson (BIZZ, *janeiro/91*)

"O disco é um rascunho, que repete idéias de trabalhos anteriores e derrapa numa aparente fadiga criativa."
Fabio Rodrigues (Jornal do Brasil, *1º/11/91*)

"O Gessinger não passa de uma Veronica Lake fajuta."
Ezequiel Neves (O Globo, *4/07/92*)

"A salada de rock progressivo, balada pop e sonoridades country-gauchescas soa primária e os recursos de estúdio não encobrem a pobreza instrumental."
Antônio Carlos Miguel (O Globo, *29/10/92*)

"O problema ainda é a voz chata de Gessinger, cantando poesia indigente, encontrável em qualquer diário colegial."
Celso Fonseca (Jornal da Tarde, *5/10/93*)

"Todas as imprecações do mundo não seriam capazes de exprimir a raiva que sinto quando escuto os caras."
Alexandre Rossi (BIZZ, *novembro/1993*)

"Dá para ouvir caixa de dez CDs com a poesia por análise combinatória de Humberto Gessinger? O Exército deveria usar isso como teste de resistência dos recrutas."
André Barcinski (Folha de S.Paulo, *25/01/99*)

É por incrível que possa parecer, Humberto Gessinger soube encontrar um lado bom na situação: "Pela primeira vez na vida fiquei sem gravadora. É uma sensação muito legal". Mas faz a ressalva no mesmo fôlego: "Desde que seja passageira".

Livres, os Engenheiros aproveitaram para fazer coisas que não podiam antes. Coisas simples, como colocar uma música inédita no site da banda na Internet, mas que antes tinham negociações intermináveis com executivos e desfecho nem sempre a contento. Numa ocasião, Gessinger exemplifica, a BMG chegou ao ponto de se colocar contra o lançamento de uma gravação que haviam feito do hino do Grêmio, alegando que poderia prejudicar a vendagem do disco da banda.

Todo esse processo de libertação das amarras acabou resultando em um álbum que Gessinger qualifica de "orgânico", palavra que sugere muito, mas diz pouco.

Orgânico no sentido de saber ouvir melhor o que a canção pede. Sem ficar preso a uma camisa-de-força. "Tenho que ter uma guitarra aqui'", detalha o cantor.

¡Tchau Radar! foi gravado no começo do ano em apenas três semanas no Rio de Janeiro e mixado em outras duas em Los Angeles. O responsável pela mixagem foi o americano Benny Faccone, um especialista em trabalhar com artistas latino-americanos. De acordo com Gessinger, Faccone compreende que a voz do latino deve ser trabalhada de modo diferente.

Há uma outra dinâmica de voz. Os americanos têm dificuldade em entender a importância da voz. A nossa língua tem mais consoantes e, fazendo do jeito deles, perde um monte de esses e erres.

Na prática, isso resultou em mixar algumas músicas num processo pouco convencional. Ao invés de incrementar a voz no final, músicas como "Na Real" foram construídas a partir das trilhas de voz e guitarra, com o resto sendo encaixado dentro dessa base. "Na Real" talvez pode provocar a ira de alguns puristas. Ela começa com uma cópia despudorada da guitarra de "Last Train To Clarksville", dos Monkees. Gessinger diz que não está nem aí para acusações de plágio: "A harmonia e melodia são diferentes. Só há o riff de guitarra, e nem é literal, se for fazer a contagem das notas". De mais a mais, acrescenta, "há uma romantização exagerada sobre a originalidade, a autoria. Bach não assinava suas músicas. A música sempre foi uma coisa sem dono".

Em *¡Tchau Radar!*, a banda repete a mesma formação de *Minuano*. Depois de muito tempo, os Engenheiros conseguiram um pouco de estabilidade, com o guitarrista Luciano Granja, o baterista Adal Fonseca e o tecladista Lúcio Dorfmann. Gessinger, que está com 35, é cerca de dez anos mais velho que o resto do grupo. Além do que chama de "diferença de estrada", vê uma inevitável diferença comportamental. "Eles têm muito mais certeza a respeito de tudo. Sempre achei que amadurecer fosse ser ficar com certezas, mas só aumentam as dúvidas".

Ele diz que muitos fãs ainda perguntam se essa formação é "para valer" ou se os demais integrantes são apenas músicos contratados. Apesar de os três serem contratados, Gessinger diz que os Engenheiros Do Hawaii continuam sim, uma banda e que o tempo vai se encarregar de mostrar isso. Também não se preocupa com comparações com Paulo Ricardo, que depois de anos insistindo com o RPM desistiu ao achar na linha romântica-brega um filão muito mais rendoso, e garante que não vai seguir sua trajetória: "Não tenho o talento dele. Sou prisioneiro das minhas composições. Nesse sentido, sou mais autoral. Não tenho matéria-prima para fazer uma carreira como a dele".

Lúcio Dorfmann
Idade: 23
Instrumento: teclados
Vida pré-Engenheiros: Armadilha, Dedé E Os Ajudantes, Kook's (bandas gaúchas)
O que trouxe à banda?
"A capacidade de traduzir as idéias do Gessinger para o teclado."
Quem é Gessinger?
"Uma pessoa difícil de encontrar igual, para os dois lados: bom e ruim. É um camaleão, sempre mudando. Mas a poesia é constante."

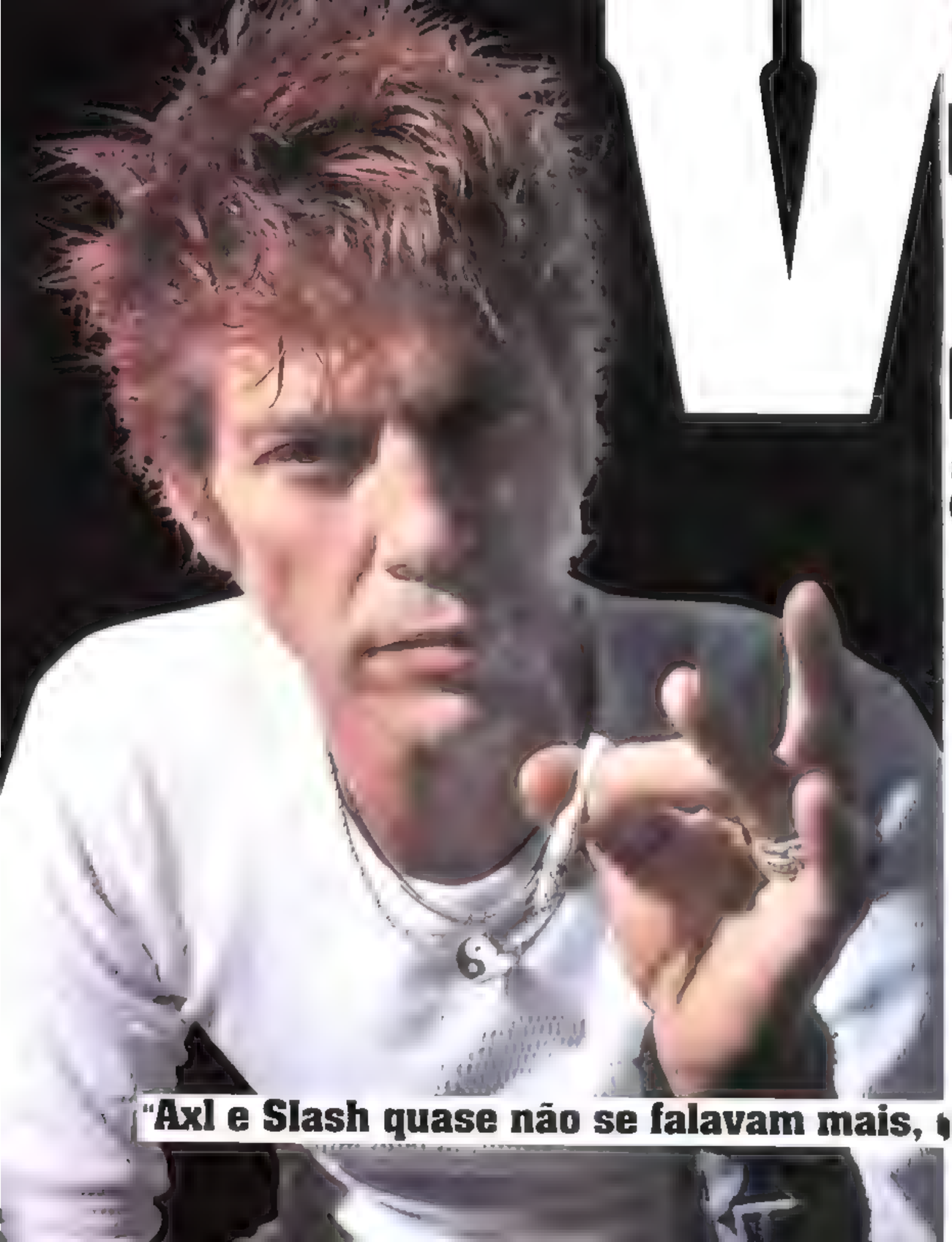
Luciano Granja
Idade: 26
Instrumento: guitarra
Vida pré-Engenheiros: Curto-Circuito, Bandalheira (bandas gaúchas), Humberto Gessinger Trio
O que trouxe à banda?
"Antes o som dos Engenheiros Do Hawaii era mais pop. Acho que a minha guitarra trouxe uma coisa mais rock'n'roll, um lado mais sujo."
Quem é Gessinger?
"Um gremista que não é anticolorado."

Adal Fonseca
Idade: 26
Instrumento: bateria
Vida pré-Engenheiros: Sidney Magal, Rosana, Sublimes, Pepeu Gomes, Humberto Gessinger Trio
O que trouxe à banda?
"Já toquei com muita gente, de vários estilos, do brega ao soul. Acho que isso dá uma maior diversificação para a banda."
Quem é Gessinger?
"Uma pessoa difícil, mas verdadeira. Tem um gênio forte, mas somos todos gaúchos."

Vida após Axl

Duff McKagan, ex-baixista do Guns N' Roses, diz que Axl Rose é um ditador e parte para o estrelato com sua nova banda, Loaded

Por Daniel Oliveira
Fotos: Alex Solca



"Axl e Slash quase não se falavam mais, [illegible]mo duas crianças, e eu ficava no meio deles"

Duff McKagan

"O Loaded é minha prioridade agora, mas eu abriria uma exceção para o Neurotic Outsiders"

Duff McKagan

Vamos começar pelo Neurotic Outsiders. Como foi a experiência de gravar com Steve Jones e John Taylor?
Duff McKagan: Foi como participar do disco *Brick By Brick*, de Iggy Pop. Steve é meu ídolo e um dos meus melhores amigos. Foi fantástico gravar e excursionar com ele. Sempre respeitei John como baixista. O engraçado é que, quando eu era moleque, todos falavam que eu parecia com ele. Esses caras me influenciaram muito.

Vocês lançarão outro disco?
Talvez. O Loaded é minha prioridade agora, mas eu abriria uma exceção para o Neurotic Outsiders.

Após a turnê do Neurotic Outsiders, a imprensa começou a ouvir sobre os problemas de formação no Guns N' Roses. O que realmente aconteceu?
Slash encheu o saco e disse: "Que o grupo se dane!" Ele e Axl quase não se falavam mais por causa das diferenças musicais. Os dois sempre vinham conversar comigo – parecia que eu estava no meio de duas crianças. Depois Axl quis despedir Matt, mas eu disse: "Somos uma banda e a maioria decide. Você está [illegible], porque Matt disse que você está errado".

Errado sobre o quê?
O constante atraso de Axl para gravar o próximo disco do Guns. O grupo se tornou autoritário – só valia a opinião de Axl. Nos ofereceram muito dinheiro para tocar na Europa, mas pensei, "Pora, nunca toquei pela grana. Por que faria isso agora?" Tenho uma casa, um carro, estou bem". Marquei um jantar com Axl e disse: "Cara, as coisas passaram dos limites. Não quero tocar para um comandante".

Por que Axl se tornou tão egocêntrico?
Porque diversas pessoas ficam babando seu ovo, dizendo que ele sempre está certo. Elas têm medo dele porque não querem perder seus empregos. É uma situação triste, mas verdadeira. Se eu ficasse com Axl, estaria contradizendo minha personalidade. Infelizmente, os fãs do Guns N' Roses são os perdedores.

Por que você, Slash e Matt não continuaram a carreira juntos?

Duff começou como baterista, mas hoje passeia entre o baixo, a guitarra e os vocais

Algum dia faremos isso. Ainda somos amigos. Tocamos no festival de cinema Slamdance *(em Park City, Utah, EUA)* e foi demais. O público ficou de boca aberta. Foi uma noite inesquecível.

Mas não é sacanagem ficar dando gostinho aos fãs com essas semi-reuniões do Guns N' Roses?
Não, somos amigos e sempre tocamos juntos. Só não estamos na mesma banda por que não queremos depender do nome Guns N' Roses. Além do mais, o Guns atual é diferente. Me separei do grupo porque não se encaixa mais comigo.

Como você reagiu quando Axl disse que continuaria com outros músicos?
Se eu fosse ele não chamaria o grupo de Guns N' Roses. Não é uma situação justa comigo e com Slash, que criamos o grupo e sua identidade com ele. Nem preciso falar muito porque nossa história está nos discos. Minha reação? Ele não fez algo ilegal, mas não mando nele. Se acha que isso é certo, então...

Vocês ainda são amigos?
Sim, mas não significa que concordamos em tudo. Crescemos juntos, ele é como um irmão para mim. Não estou falando mal de Axl, só estou sendo honesto.

Você sente então uma reação de amor e ódio com o grupo hoje?
Não em relação à música que criamos. Mas sabe o que será demais? Poderei tocar no Brasil e em outros países por causa do Guns. As pessoas vão conferir minha banda pela curiosidade. E quero provar que o Loaded é demais.

Pergunta óbvia: o Guns N' Roses terá futuro sem você e Slash?
Os fãs julgarão. Quando Jimmy Page e Robert Plant voltaram com o Page & Plant, não fui ao show porque o baixista John Paul Jones não estava lá. Também não vi o Aerosmith quando excursionou com Jimmy Crespo e Rick Dufay *(que substituíram o guitarrista Joe Perry no disco Rock In A Hard Place)*. Pensei: Não é Aerosmith, que se dane!

Terminados os problemas do Guns você gravou um disco com seu antigo grupo punk, o Ten Minute Warning. Como isso aconteceu?
O dono da Sub Pop *(gravadora de bandas punk e grunge que lançou os principais nomes de Seattle)* me disse: "Já lançamos discos de todos os grupos de Seattle, só falta o Ten Minute Warning". Ele queria um trabalho nosso para ter a história completa do movimento de Seattle. [illegible] gravar o disco [illegible] [illegible] *banda [illegible] gerado pelo TMW)*.

Você gravou no ano passado o disco solo o *Beautiful Disease*, que acabou não saindo por causa da fusão das gravadoras Universal e PolyGram. Como foi?
O disco ficou pronto em dezembro, mas a Universal comprou a PolyGram e despediu todo mundo da Geffen *(gravadora subsidiária da Universal)*. Imagine como me senti – meses de trabalho para nada! Tive que recomeçar minha carreira. [illegible] que me ajudaram estão na minha nova banda. Montei uma webpage *(www.duffmckagan.com)* e centenas de pessoas escreveram perguntando sobre *Beautiful Disease*. [illegible] um disco ao vivo [illegible] tocando [illegible] músicas de *Beautiful Disease* num clube de Los Angeles. É um disco de colecionador, vendido pela minha webpage.

Então o original não será lançado?
Não. O Loaded está regravando e quatro gravadoras já estão interessadas. Vamos lançar o disco e excursionar mundo afora. Queremos ser uma banda famosa.

Você atingiu o sucesso mundial com o Guns. É frustrante começar por baixo?
As pessoas sempre querem o que não têm. Quando o Guns tocava naqueles estádios monstruosos, tudo que eu queria era tocar em clubes. A vida deve proporcionar desafios. Toquei para milhões de pessoas e foi demais. Mas agora quero provar meu potencial. É ótimo estar fazendo [illegible] novamente.

O show deve continuar

Os fãs seguem aguardando (há anos) o novo disco do Guns N' Roses, que deve se chamar *2000 Intentions*. Sites oficiais da banda garantem que, apesar de algumas influências tecno, o disco tem a cara da banda. Mas por onde andam os antigos integrantes do Guns N' Roses?

Gilby Clarke (guitarra) – Fez alguns shows pelos EUA como atração de abertura para o LA Guns, promovendo o álbum solo *Rubber*, de 1998. Eles se deram tão bem que Gilby acabou produzindo o último CD do grupo, *Shrinking Violets*. Ele também produziu o disco novo de Stevie Rachelle, ex-vocalista do Tuff. Encerrou a turnê em fevereiro deste ano e não vai mais excursionar solo. Fundou uma banda de blues chamada The Blues Mafia.

Matt Sorum (bateria) – Depois de negar boatos de que excursionaria com o Mötley Crüe substituindo Tommy Lee, tocou com o Cult em um show (com participação de Mel C, a Sporty Spice, que, segundo testemunhas, não fez feio) junto com o Neurotic Outsiders no Viper Room de Los Angeles. Deve voltar a integrar o Cult ao lado do cantor Ian Astbury e do guitarrista Billy Duffy.

Izzy Stradlin' (guitarra) – Assim como Duff, foi dispensado de sua gravadora depois da fusão entre Universal e PolyGram e está parado. Já lançou dois discos solo, o primeiro com a banda Ju-Ju Hounds.

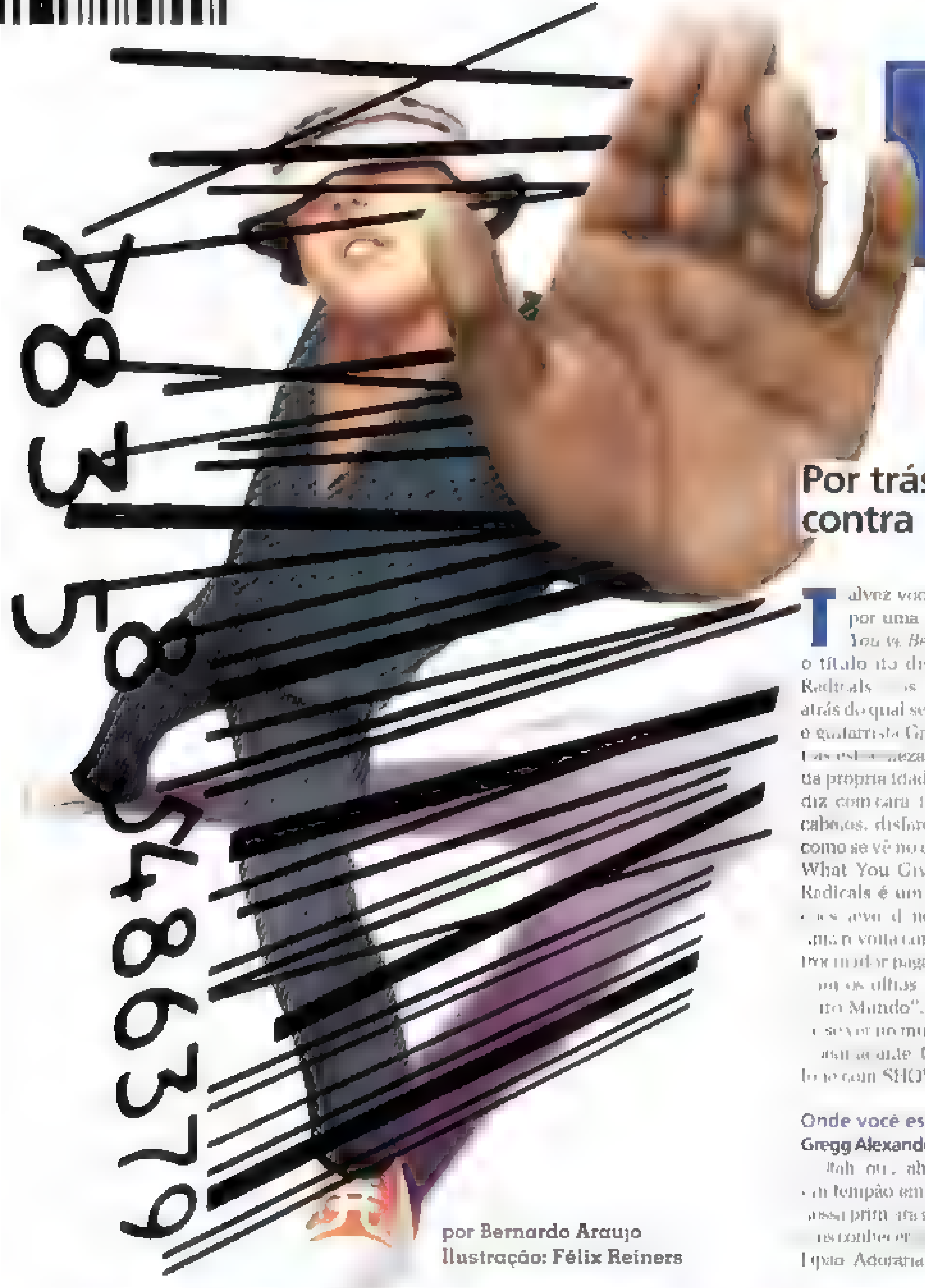
Slash (guitarra) – Está preparando o novo álbum de sua banda, Snakepit, com uma formação totalmente diferente da que gravou *It's Five O'clock Somewhere*, em 1996, e que contava com o baixista Michael Inez, do Alice In Chains e da banda de Ozzy Osbourne, e o ex-companheiro de Guns Gilby Clarke. Participou também de um filme, *The Underground Comedy Movie*, ainda inédito no Brasil.

Steven Adler (bateria) – Saiu no fim de janeiro da cadeia, onde cumpriu pena por agressão a uma namorada. Acabou ficando lá mais tempo do que devia – ao ganhar licença para uma consulta médica fora da prisão resolveu não voltar imediatamente e dar um "pulo" em casa. Depois de libertado, recebeu um prêmio em nome do Guns N' Roses no Diamond Award comemorando a venda de 15 milhões de discos de *Appetite For Destruction*.

Axl Rose (vocais) – Além de preparar o interminável novo disco do Guns – em que o percussionista Dizzy Reed é o integrante mais antigo –, está trabalhando na trilha sonora do filme *Heavy Metal F. A. K. K. 2*.

Izabel Oliveira

O Guns nos bons tempos: Izzy, Steven, Axl, Slash e Duff



Dançando contra a maré

Por trás da inofensiva aparência pop-soul, os New Radicals protestam contra a mídia, o sistema e tudo o mais que há de errado no mundo

por Bernardo Araujo
Ilustração: Félix Reiners

Talvez você também tenha passado por uma lavagem cerebral (*Maybe You've Been Brainwashed Too*), diz o título do disco de estréia dos New Radicals — os Novos Radicais —, nome atrás do qual se esconde o cantor, letrista e guitarrista Gregg Alexander. Entre [illegible] ele jura não se lembrar da própria idade. "Vinte e poucos anos", diz, com cara de 18 e alguma escassez de cabelos, disfarçada pela máquina zero, como se vê no clipe do sucesso "You Get What You Give". A música dos New Radicals é um aglomerado de contradições: [illegible] e doce, ela esconde uma revolta contra o sistema ("Se um pa[illegible] paga o suficiente/ Eles fecham os olhos para o genocídio no Terceiro Mundo", diz a faixa-título) difícil de se ver no mundo pop de hoje. Amável [illegible] Gregg [illegible] com SHOWBIZZ.

Onde você está?

Gregg Alexander: Boa pergunta. Acho que [illegible] ah, Minneapolis! Estamos há um tempão em turnê, o que é ótimo. É a nossa primeira grande excursão [illegible] pude conhecer lugares como a Austrália e o Japão. Adoraria tocar no Brasil também.

Vocês estão excursionando com alguma outra banda?

Sim, os Goo Goo Dolls, que [illegible] Na verdade ainda não vi o show deles inteiro, pois quando [illegible] sempre saímos para [illegible] pela noite. Outro dia [illegible] quadra de minigolfe e tocamos tanto hor[illegible] que chamaram a segurança para nos tirar de lá (risos).

Quantos anos vocês têm?

Estamos todos entre 20 e 30. Na verdade [illegible] direito. Como pa[illegible] vezes as pessoas acham que tenho 18 ou 19 anos, mas estou nos 20 e poucos.

A que você atribui o sucesso repentino dos New Radicals?

[illegible] musical da moda, como o grunge ou o ska, e achei que o público precisava de uma música independente de tendências como a nossa. *Maybe You've Been Brainwashed Too* foi composto para o mundo todo, sem um público-alvo. Acreditamos muito nas canções e pusemos muito pensamento positivo nelas. Nossa música não é sobre os artistas, que [illegible] falar dos grandes [illegible] como a mídia sempre se concentra em besteiras. Os crimes reais não aparecem. O jornalismo de rock sempre inventa rivalidades entre as bandas e outras coisas que nunca existiram. Na verdade essas revistas promoveram um encontro entre dois mu[illegible] [illegible] significado. Parece que o importante é dizer o que é legal esta semana e o que faz o leitor impressionar seus amigos.

A banda é um projeto solo seu?

Mais ou menos. Fui eu que compus todas as músicas do disco (duas em parceria) e [illegible] toquei diversos instrumentos. Mas [illegible] banda de rock [illegible] todos são iguais. Os [illegible] profissionais [illegible] como eu [illegible] possível.

O que você acha da comparação de sua música com Hall & Oates (*dupla americana dos anos 70 que popularizou o chamado "soul de branco"*)?

Não levo isso muito a sério. Acho que eles eram ótimos, mas não vejo muitas semelhanças. O problema é que a imprensa [illegible] sempre quer achar [illegible] coisas parecidas com outras. [illegible] de Daryl Hall estão com [illegible] de nos achar parecidos com World Party (*projeto solo do [illegible] dos Waterboys, Karl Wallinger*) e o meu jeito de cantar com o de Todd Rundgren (*cantor americano dos anos 70 e 80 que trafegava entre o pop e o progressivo*). Eu nunca ouvi esses caras, ouvia muito Smokey Robinson e ninguém vê a influência dele nas minhas músicas! [illegible] chamam de soul porque nosso som tem piano e às vezes eu canto em falsete. [illegible] de rock.

O que você ouvia na adolescência?

De tudo. [illegible] Van Halen, James Brown, [illegible] os garotos da época. [illegible] legal, estar na moda [illegible]

Você acha que está sendo bem compreendido pelo público?

Não, acho que o que realmente representamos ainda não apareceu para o público. Mas você sabe, a mensagem [illegible] tence a quem a ouve. Gostaria de protestar contra o fato de a nossa humanidade estar confinada em computadores e grandes corporações. Por todo o mundo existem cadeias de lanchonetes que vendem uma comida feita com muito pouco amor e refrigerantes que causam câncer a criancinhas! É a isso que me refiro com o nome *Maybe You've Been Brainwashed Too*. [illegible] dessas instituições, as revistas, a propaganda, tudo isso. As pessoas são muito manipuladas e condicionadas, não enfrentam um desafio.

E como é o seu público?

São simpáticos, mas precisam se libertar de tudo isso. Muitos vêm pedir autógrafos, que é exatamente [illegible] somos contra. Isso [illegible] Z

"A mídia só se concentra em besteiras, nunca mostra os crimes de verdade"

Gregg Alexander

Bola na rede

O pau até come no Rock & Gol 1999, mas a paz é selada em *jams* envolvendo pagodeiros, rockeiros e funkeiros

E lá vai Toni Garrido. Entre um grito de "gostoso!" e outro de "tesão!" ele tabela com Dado Villa-Lobos, recebe na frente, passa por Marco Túlio, engana PJ, atira e goooooooooooool! "Quanto está mesmo o jogo?", perguntam alguns desavisados. Muita gente perdeu a conta na terça, dia 4 de maio, gloriosa tarde em que foram aplicadas as duas maiores goleadas da história do *Rock & Gol*, o tradicional torneio de futebol promovido pela MTV.

Em seu quinto ano, a competição reuniu artistas das mais variadas vertentes do pop nacional, como rock, reggae e pagode. Mas se engana quem pensa que os pagodeiros aplicaram um chocolate nos roqueiros. A maior piaba de todas as edições foi do Barão Negro e Reino Animal sobre o Jota Quest. O time vitorioso – apelidado de Otan, já que são muitos aliados – é composto por integrantes do Cidade Negra e Barão Vermelho mais Dado Villa-Lobos (que tem uma banda virtual, Dado E O Reino Animal) e o ex-cantor do Hojerizah, Tony Platão.

Apesar de mais velhos do que os mineiros do Jota Quest, os cariocas mostraram bom sentido de conjunto e venceram por acachapantes 16 a 0. O grupo de Rogério Flausino bateu o recorde de troca de goleiros. Como ninguém queria ficar pegando a bola no fundo das redes, todos acabaram passando pela posição. O favorito da torcida era o bem-humorado trombonista Toninho, baixinho e rechonchudo, que saiu consagrado pelo coro: "Inho inho, inho, queremos o gordinho!"

Na mesma tarde, o esquadrão formado por Claudinho & Buchecha e Os Morenos entrou em campo disposto a superar o Barão Negro. Eles só não esperavam a resistência do Karnak & Pato Fu, e tiveram que se contentar com uma magra vitória por 15 a 0. "É muita rodada", dizia John, guitarrista e cantor do Pato Fu, a respeito de si mesmo. Mas a honra dos mineiros não estava totalmente perdida. Na véspera, o Skank carimbara o passaporte do Karametade com inquestionáveis 9 a 0. Mesmo assim, o craque Samuel Rosa era só reclamação: "Pô, o Art Popular escalou um baiano. Ele não é da banda!"

O critério da MTV este ano dizia que apenas quem aparecesse em clipes poderia jogar. [illegible] times híbridos como o Ozzante [illegible] nada menos do que Otto, Camba Negro, Zoli e Rumbora) e o Sepultura (que incluía músicos do Korzus e dos Ratos De Porão). Mas a seriedade de Samuel e outros craques incomoda futebolistas mais chegados à diversão e à gandaia, como o baterista dos Raimundos Fred. "No início era tudo bagunça, ninguém se importava com o placar, agora só falta se matarem". E com razão. Anderson, cantor do Molejo, quase chegou às vias de fato com Ivan Busic, baterista do Dr. Sin (que compôs o elenco do time da MTV), em jogo vencido pelos sambistas por 5 a 2. Ambos foram expulsos. Na partida seguinte do Molejão, contra o Skank, Anderson quis chutar o [illegible]. "É inevitável que o torneio [illegible] ndo que [illegible] gar bar", ponderava Samuel.

Nas duas primeiras noites da competição os músicos se reuniram na casa noturna Tom Brasil para *jams* históricas que a MTV também vai mostrar. [illegible] tocar juntos artistas [illegible] O [illegible] d [illegible] Capital Inicial e Art Popular e Pato Fu, Karnak e Molejo. Um dos melhores momentos foi [illegible] dos Raimundos com Claudinho & Buchecha. "Não tinha a m[illegible] como ia ser, mas acabou arrebentando", lembra o guitarrista Digão. Os seis levaram "Do Leme Ao Pon[illegible]" [illegible] Maia, e "Polícia" [illegible] com direito a Claudinho [illegible] do cabeça como se fosse João Gordo. "Mas o mais lindo foi quem viu", lembra o cantor Rodolfo. "Foi o Claudinho cantando 'Selim' no camarim com aquele defeitinho que ele tem na língua: 'Eu queria ser o banquinho da bicicleta'."

• *Os jogos do Rock & Gol estão sendo transmitidos pela MTV ao longo do mês de junho*

1) Toni *Carl Lewis* Garrido 2) Roberto Frejat 3) Raimundos/Nativus 3 x Soweto 2 4) Tony Platão e Fernanda Takai 5) Silvio Luiz, o Rei do Apito 6) O centroavante enfiado André Abujamra 7) Raimundos/Nativus, a Esquadra Verde 8) Toni *Orfeu* Garrido 9) O time verde decide sua tática 10) Alexandre enfrenta o meio-campo do Soweto 11) Lazão, o pulmão do time da Otan 12) O meio-campo do Soweto enfrenta Alexandre 13) Rodolfo e Canibal concentrados para o segundo tempo 14) O bom humor da Otan antes dos 16 x 0 15) Tony *Dadá Maravilha* Garrido guarda mais um na rede do Jota Quest 16) Éder e Fernanda não salvaram o Pato Fu/Karnak de levar de quinze

Mande suas fitas-demos e CDs para: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, SP

A vez das guitar bands

Moonrise: dois apaixonados e uma iniciativa

Resultado de uma cooperativa de músicos, *Different Songs* é uma das [illegible] fonográficas de guitar rock mais representativas já lançadas no país. César [illegible], responsável pela união dos grupos, teve o cuidado de convidar gente de seis Estados do Brasil para que o CD não assumisse um caráter provinciano. As nove bandas comparecem com três faixas cada. [illegible] aos curitibanos do **Swamps**, que têm apenas uma.

different songs

[illegible] 1991, quando César montou um microsselo para a distribuição de fitas demos e fanzines, o Woodland Recordings. Depois da consolidação da [illegible], só restava sonhar um pouco mais [illegible].

Different Songs ficou pronto no ano passado e um dos destaques é a **Moonrise**, de Santos (SP), banda do próprio César. Sua mulher, Isabel, completa o duo, que soa como um cruzamento de Velvet Underground, Smiths e Jesus & Mary Chain. A perfeita "Youthful Song" virou videoclipe e, com alguma sorte, pode ser conferida no programa *Lado B*, da MTV.

Six Degrees é Omar e só

Amparado pela eletrônica, o **Six Degrees** é outra grata surpresa. Omar Godoy empunha uma guitarra semi-acústica de três cordas (as graves) e toca o projeto solo, fazendo participações em shows de amigos. T-Rex é a influência nítida nas estridentes músicas de Omar.

O **Chronic Missing**, de Natal (RN), se distingue pela fé no pedal de distorção. As letras são em inglês [illegible] Alexandre Alves [illegible] fica dizendo que "cantar na língua portuguesa por cima de três acordes de guitarra é difícil".

Cristiane é a nova voz do Chronic Missing

Idioma é um dos assuntos mais polêmicos quando se discute a cena guitar rock brasileira. Anderson Badaró, da **Bughouse**, de Ubá (MG), acha brega cantar seu rock influenciado por Lemonheads e Ride em português. Sabe que tocará pra si mesmo, já que "o povo daqui tem resistência e o lá de fora não quer [illegible] nosso [illegible] carregado de sotaque".

Divine se arrisca no português e acerta

Mas se todas as bandas da coletânea usam [illegible] em inglês (sem dúvida, a canção [illegible] **New Wave Hookers** tem o melhor), existe uma que privilegia a língua pátria. A **Divine**, de Brasília (DF), prova que [illegible] português é viável nas belas "Lar Católico" e "Al[illegible]".

Duas bandas de São Paulo completam a seleção. **Indoor**, de Franca, e **The Old Suit**, de Cerquilho, têm como missão divulgar o "rock de guitarras" pelo interior do Estado. Tarefa facilitada se considerarmos que todos os artistas envolvidos em *Different Songs* possuem vontade e talento. **Contatos: Rua Jair Melo Viana, 144, São Paulo - SP 04815-090 tel. (011) 5666-1560 e-mail: o bosque@hotmail.com**

The Old Suit traz o guitar sound do interior de Sampa

Dez anos querendo rock

1999 é o ano em que os curitibanos do **Relespublica** comemoram uma década de luta na cena independente. O tempo passou e a atitude *mod* – característica dos garotos britânicos dos idos de 60 que consistia em usar terninho, andar de lambreta, tomar anfetamina e tentar subverter o sistema – já não é mais a mesma. Sobrou o rock. "Não que a gente tenha parado de usar terninho, mas o CD é mais 70, tem ska, tem baladas", conta o baterista Emanuel Moon. O CD em questão é *E O Rock N'Roll Brasil?*, lançado no final de 98. As primeiras mil cópias se esgotaram em três meses e a segunda prensagem já foi providenciada. Êxito merecido se considerarmos que o Relespublica, inicialmente um quarteto, perdeu o vocalista Daniel Fagundes há cinco anos num acidente de carro, seguiu como trio com o guitarrista Fabio Elias cantando, abriu shows de Fugazi e Mamonas Assassinas e abocanhou vários prêmios de crítica e público por todo o Paraná. Depois de gravar a maior parte do disco, os rapazes recrutaram um tecladista e um novo vocalista, que adicionaram suas partes em cima das bases. Surpreendentemente, esse processo, de mais de quinze meses, resultou num registro bem legal. O plano agora é invadir outros Estados, mesmo que seja necessária a inclusão de uma cover de "Do You Love Me?" do Kiss no repertório para enlouquecer o público. Estão prontos para intimar com o título do álbum: E o rock'n'roll, Brasil?

Contatos: (041) 338-8023

Menos *mod*, mas ainda muito rock'n'roll

Stela troca o rock pelo experimentalismo

A face eletrônica da multimulher

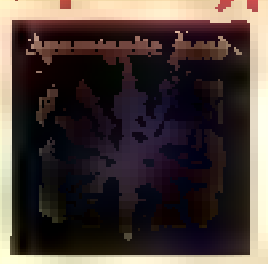
Se você ouvia a banda Lara Hanouska [illegible] **Stela Campos** [illegible] cadência do blues *Rode Pa[illegible]* também. Idem para *America Ao Povo* [illegible], tem uma impressionante participação do percussionista Otto como ator. O currículo de Stela ainda [illegible] apresentações [illegible] tando jazz em bares recifenses e a presença como tecladista no Funziona Senza Vapore, outro projeto do pessoal do Feelin. Mas a paulistana de 33 anos, que tem como base a capital [illegible], [illegible] que é hora de dar férias à sua formação roqueira. Os anos no comando de Lara Hanouska ficaram para trás e o CD [illegible] *Céu De Brigadeiro* é sua [illegible] produção [illegible] Adriano Lemos [illegible] a entrada de Stela [illegible] dos artistas que [illegible] e tocam vários instrumentos. Experimentalismo [illegible] letras bem sacadas garantem sua fuga do lugar-comum. Cadão Volpato assina "Se Você For Onde Você For"; "Uma Questão De Prioridade" tem versos de Fred 04. E os fãs do Lara, que sempre trataram Stela com carinho, não terão argumentos para chiar. **Contatos: (081) 427-6096 ou e-mail stelacampos@usa.net**

Raio-D Um exame das demos mais interessantes do mês

Attack!

Som: Pop rock com reggae
Origem: Santos, SP
Auto-retrato: "Som fincado no pop, misturando ska, funk, folk e música nordestina a letras críticas – herança de Legião Urbana e Titãs"
Resumo crítico: Mesmo com o auxílio do naipe de metais da banda paulistana Tiroteio, será difícil vender a idéia de uma música festiva pontuada por letras sisudas.
Produção: Boa
Contatos: tels. (013) 961-9557 e (013) 363-1622, com Cida, e-mail: attackbrazil@hotmail.com

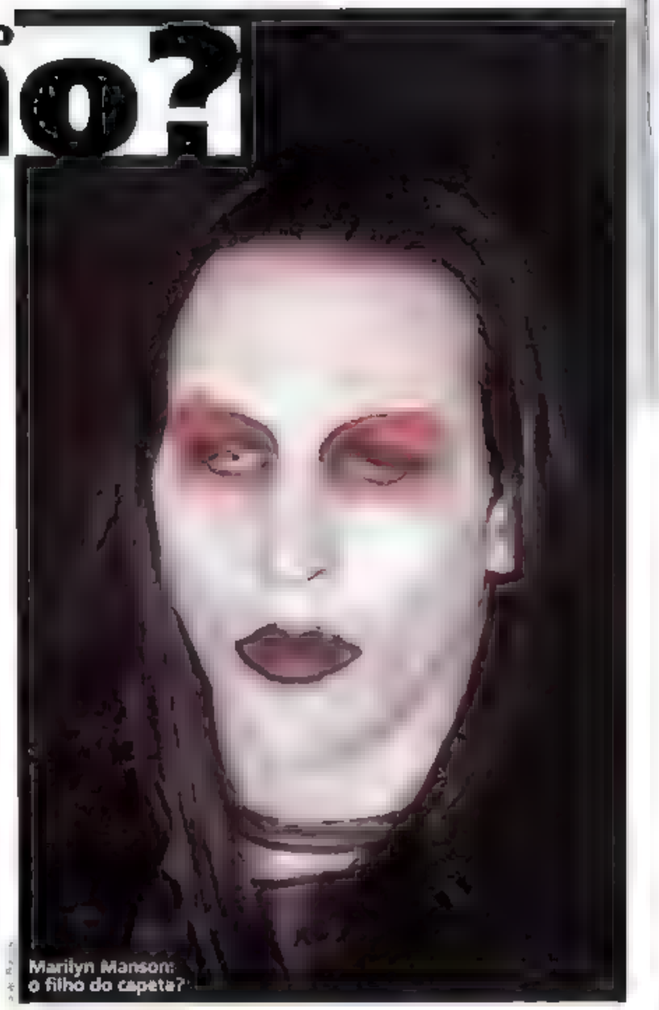
Apocalyptic Raids



Som: Death metal clássico
Origem: Rio de Janeiro, RJ
Auto-retrato: "Poucos solos, poucas frescuras e muito barulho em alta velocidade, influenciado por Hellhammer, Sodom e Bathory"
Resumo crítico: Demo-ensaio de ótima qualidade, banda entrosada, CD no ponto para quem curte o gênero
Produção: Boa
Contatos: tel. (021) 521-4808, com Leon Manssur, e-mail: apocalypticraids@hotmail.com home page: http://www.geocities.com/SunsetStrip/Underground/7877

Você vai para o inferno?

Tragédias acontecem e o rock vive levando a culpa


Marilyn Manson: o filho do capeta?

1 O que fez Marilyn Manson quando soube do massacre de treze pessoas em Littleton, Colorado, EUA?
a) Abriu um champanhe e bateu um pouco em Twiggy Ramirez para comemorar.
b) Cancelou shows e divulgou uma nota de pesar sobre a catástrofe.
c) Chorou muito antes de ir para sua reunião semanal do clube sadomasoquista Sobrinhos de Tia Alice.
d) Disse que não tinha nada a ver com a história.

2 Quais os hábitos supostamente bizarros de Eric Harris e Dylan Klebold, os assassinos de Littleton?
a) Comiam sapos vivos, estupravam velhinhas e gostavam de Rush.
b) Pediam hambúrguer de carne de soja no McDonald's e cuspiam no chão.
c) Usavam capas negras, eram sacaneados na escola e gostavam de ch clete.
d) Ouviam rock, participavam de *chats* na Internet e jogavam o videogame *Doom*.

3 Com quem estava o baterista do Hanoi Rocks, Razzle, no acidente de carro que o matou?
a) Sebastian Bach, do Skid Row.
b) Vince Neil, do Mötley Crüe.
c) Ace Frehley, do Kiss.
d) Anthony Kiedis, do Red Hot Chili Peppers.

4 Quais os nomes verdadeiros de Marilyn Manson, Alice Cooper e Blackie Lawless, vocalista do W.A.S.P.?
a) José Mojica Marins, Vincent Price e Boris Karloff.
b) Robert Zimmerman, Michael Philip Jagger e Prince Rogers Nelson.
c) John Lower, Frank Iommi e Daisy Berkowitz.
d) Brian Warner, Vincent Furnier e Steve Duren.

5 Com que diretor de cinema era casada a atriz Sharon Tate e que canção teria motivado o grupo que a assassinou, liderado por Charles Manson?
a) Cacá Diegues e "Sympathy For The Devil", dos Rolling Stones.
b) Steven Spielberg e "Tears In Heaven", de Eric Clapton.
c) Roman Polanski e "Helter Skelter", dos Beatles.
d) Alfred Hitchcock e "My Heart Will Go On", de Celine Dion.

6 Que bandas já manifestaram admiração pelo trabalho do cineasta e ator brasileiro Zé do Caixão?
a) Culture Club e Sonic Youth.
b) Lemonheads e Porpe lerheads.
c) Ramones e Sepultura.
d) Fam lia Lima e The Ronettes.

7 Que artistas de rock já foram processados (e mais tarde absolvidos) porque canções suas teriam induzido jovens a praticar o suicídio?
a) Cradle Of Filth e Lizzy Borden.
b) Judas Priest e Ozzy Osbourne.
c) Slayer e Megadeth.
d) Zumbi Do Mato e Gangrena Gasosa.

8 Qual o nome do roqueiro diabólico norueguês que esfaqueou um rival e qual era sua banda?
a) Varg Vikernes, Burzum.
b) Beck Hansen, Euronymous.
c) Jay Jay Johansson, Abba.
d) Mika Hakkinen, Europe.

9 O que têm em comum Kurt Cobain, Brian Jones, Michael Hutchence e Julio Barroso?
a) Todos cantavam mal.
b) Todos participaram da gravação de "Ps codelismo Em cinema", de João Penca & Miquinhos Amestrados.
c) Todos cometeram suicídio.
d) Todos morreram em circunstâncias obscuras.

Veja se o rock é o bicho-papão

0 a 3 acertos: O diabo é o pai do rock
Pode até ser que você ouça um rockzinho de vez em quando, mas você acha realmente que Alice Cooper e Marilyn Manson são diferentes encarnações do demo. Punição: saia pela rua e queime vivos todos os Teletubbies que encontrar.

4 a 6 acertos. O inferno não é um mau lugar para estar
Você não ouviria Black Sabbath sozinho em um quarto escuro, mas já deve ter descoberto que o sangue cuspido por Gene Simmons não é de ele nem de nenhuma virgem recém-sacrificada. Punição: vomite em todas as pessoas com camisas dos Backstreet Boys que encontrar.

7 a 9 acertos: O céu pode esperar
Muito bem. Você acende velas negras, já arranhou todos os seus discos querendo ouvir mensagens escondidas e tortura baratas sempre que pode. Prêmio: uma semana trancado em um quarto com Marilyn Manson e Courtney Love.

respostas: 1-b, 2-d, 3-b, 4-d, 5-b, 6-c, 7-b, 8-a, 9-d

O megafestival
Planeta Atlântida,
Kiss, Metallica,
Rammstein e
Sepultura.

Só mesmo com a Atlantida você vê esses grandes shows no sul do país.

A maior rede de rádio jovem do sul do país.

Porto Alegre: 051 218.5700 rede@atlantida.com.br

Diário de um DJ

Discos arrumados cronologicamente contam a história da vida profissional de um dos principais disc-jóqueis e produtores do pop nacional

É impossível não ficar impressionado ao adentrar o apartamento/estúdio do DJ e produtor Marcelo *Memê* Mansur, em Copacabana, no Rio. Na sala vazia, filei- [illegible] intermináveis de discos de vinil (cerca de 2 mil nos cálculos de Memê) afora outro tanto espalhado em vários cigarras [illegible] estações de rádio e a casa da mãe [illegible] irmão, classificados por ano. "Minha biografia está toda aqui embaixo", diz ele. Em um canto soberano, está um Darth Vader em tamanho natural. "Só fizeram 500 destes, e acredito que o meu é o mais bem conservado de todos", orgulha-se o feliz proprietário, que considera a noite das apresentações do ídolo Burt Bacharach no Brasil (previstas para o segundo semestre) "a segunda melhor novidade do ano". A primeira claro, é a estreia de *Episódio I: A Ameaça Fantasma*, o novo filme da saga *Guerra Nas Estrelas*.

Todo o meu aprendizado sobre música foi por meio dos discos, escolhendo, comprando, ouvindo", conta, dando uma mostra do quão [illegible] a coleção.

Aos 11 anos o pequeno Marcelo já discotecava nas festinhas do playground de seu prédio. Ao 13 começou a frequentar boates e, logo depois, a ajudar o discotecário. Em pouco tempo o DJ era ele mesmo. "Minha escola foram as boates e bailes. Minha universidade foi a rádio. Passei no teste e fui trabalhar fazendo discos, que são como os livros para mim", filosofa. Das casas noturnas vieram os bailes de subúrbio e Memê tem um grande carinho por elas até hoje.

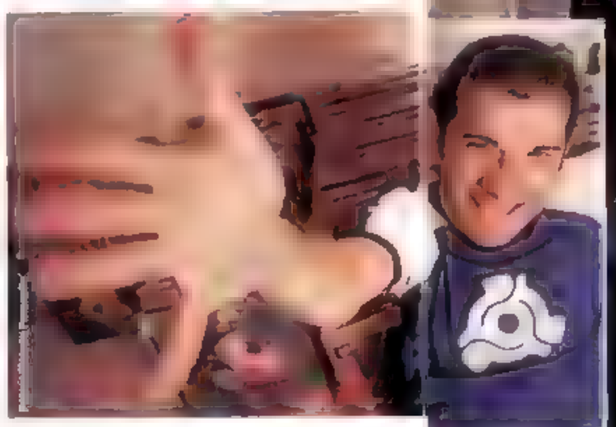
Aos 20 anos, sem parar as outras atividades, ele se tornou profissional de rádio. "Eu já tocava nas músicas em casa, com um gravador cassete, da maneira mais tosca possível." Dentro da rádio, ele colocou em prática esse conhecimento com as velhas fitas de rolo, propícias para a edição e a concepção do remix, este desconhecido. Então veio um empresário com o [illegible] estúdio, e daí para a produção. Quando o mundo começou a reconhecer os DJs como criadores de música, eu estava bem no olho do furacão, criando remixes de uns dos estudos". Lembra-se. Ele acha que ganhou destaque porque sempre operou os equipamentos e instrumentos de maneiras diferentes das tradicionais. "Se alguém me manda tocar um do maior com setima eu sei, como é, mas sempre acaba sendo uma inversão, diferente do que fazem os instrumentistas em geral", diz.

As filerias de discos começam na década de 70, com arrumação em ordem alfabética providenciada pelo bedel do estúdio de Memê, Júlio. A maior parte foi comprada nos anos em que foram lançados. "Muitas lembranças todas são associadas a músicas e discos", diz Memê. Existem anos, como 1993, em que a quantidade de discos assusta. "Nesse ano eu estava comandando um programa de rádio e minha voracidade para comprar discos era enorme. Tem coisas que eu jamais chegue a tocar, claro, como esse tal Alexander [illegible] que eu nem sei por que comprei", orienta, apontando para o primeiro disco da fileira.

É claro que a música dançante de raiz, do funk e soul dos anos 70 à dance music atual, é maioria na coleção. "Na hora de comprar eu tento separar os discos de trabalho dos que são só para prazer, mas no fim eles acabam se misturando", conta. Além do potencial para as pistas, as melodias são o que mais atraem numa canção. "Me lembro que, quando era pequeno, me apaixonei por 'Tarde Em Itapoã' e ficava torcendo para que fosse tocada no rádio", diz. Daí o amor por Burt Bacharach, gênio da melodia e arranjador de mão-cheia.

"Hoje em dia tenho quantidade de coisas para fazer e, infelizmente, não consigo ouvir tanta música quanto gostaria em casa", lamenta ele, recém-chegado de Nova York e [illegible] de uma partida de mais de vinte vinis (ele não é a maior bola para CDs, só trouxe quatro) novinhos para passar na [illegible]. Tanta ocupação vem de todas as produções – ele acaba de lançar um disco pessoal (com participações de Lulu Santos, Lô Jaime e outros) e quando trabalha com a cantora Cris Braun & Fat Family e prepara remixes de canções como "Mandrake E Os Cubanos" –, além da discotecagem em festas e rádios que ele sempre encontra tempo para fazer.

Bernardo Araújo



O herói Darth Vader e milhares de discos de vinil decoram o apê-estúdio de Memê

Prateleira especial

EARTH, WIND AND FIRE
In Brazil
"Sou o fã número um dessa banda. Meu disco é autografado por todos os músicos e guardo o ingresso do show deles – que filmei em super 8 – no plástico da capa. Tem grandes sucessos, a banda estava em seu auge e começou a decair logo depois. O som deles era tocado em boates do mundo inteiro."

NEW YORK CITY DISCOTEQUE
New York City Discoteque
"Este é o disco da primeira boate que eu freqüentei, lá pra 1977, quando tinha uns 12 anos. O DJ era este da capa, Ricardo La-mounier. Eu olhava aquela figura na cabine, a música não parava... ele era um deus ali dentro. Foi quando me deu o primeiro clique: 'é isso aí'. As músicas são todas mixadas, e eu fiquei fascinado, uma entrava por dentro da outra e eu não sabia como aquilo funcionava."

BURT BACHARACH
Greatest Hits
"As músicas deste disco são da época em que começou o meu interesse pelas melodias. Desde pequeno eu ouvia as composições dele em filmes como *Cassino Royale* e *Butch Cassidy e Sundance Kid* e só mais tarde fui descobrir que era tudo dele."

CHIC
Chic
"O primeiro disco importado que eu tive. Tinha alguma coisa diferente na música do Chic, que depois eu fui descobrir que era a cultura negra, o funk e o soul metidos na música de discoteca. As linhas de baixo do Bernard Edwards renovaram a música."

BEE GEES
Saturday Night Fever
"Não precisa nem explicar por quê. Eu já era DJ, comprei este disco nas Casas Sendas e tocava o tempo todo."

ROBSON JORGE E LINCOLN OLIVETTI
Robson Jorge e Lincoln Olivetti
"Ouvi este disco, do início dos anos 80, e reconheci nele algumas músicas que eu já ouvia na televisão. Lincoln Olivetti é o meu único ídolo brasileiro. Ele e o Robson Jorge mudaram a cara da música brasileira com seus arranjos. Tem um clássico das pistas na época, 'Aleluia'."

C + C MUSIC FACTORY
C + C Music Factory
"Este é o disco perfeito. Todas as faixas são boas. É como se fosse uma coletânea, mas tem uma unidade porque tudo foi feito junto. É a minha principal referência."

LULU SANTOS
Eu E Memê, Memê E Eu
"Foi o primeiro disco que fiz com os parâmetros que adquiri após ouvir o C + C. O Lulu me elevou a uma categoria que eu não estava esperando, me elegeu artista junto com ele. Muita gente ficou sabendo que existe o produtor que trabalha no disco junto com o artista convencional. E ele deu muito certo, foi o que mais vendeu entre todos os que tinha feito até então."

APAIXONE-SE !

Discos/Críticas

Hard rock quarentão

Sem medo de soar datado, **Def Leppard** mostra competência ao retomar o estilo que o consagrou

Notas de ⓪ a ⑩ dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

DEF LEPPARD
Euphoria ⑧
Mercury/Universal

O sucesso e a tragédia são duas das principais marcas da carreira do quarteto britânico Def Leppard. Logo após incendiar o mundo do rock com *Pyromania*, de 1983 (que ultrapassou 10 milhões de cópias), os rapazes sofreram uma baixa com o acidente de carro do baterista Rick Allen, que acabou por custar lhe um dos braços. Quatro anos depois veio *Hysteria* e o sucesso foi ainda maior: 16 milhões de CDs vendidos. O disco seguinte, *Adrenalize*, de 1992, trouxe uma queda nas vendas (apenas 7 milhões) e a certeza de que o som estava ficando repetitivo. Para piorar, em 1995 foi mais uma a desgraça: o guitarrista Steve Clark morreu após anos de batalha contra o alcoolismo.

A banda (o cantor Joe Elliot, o baixista Rick Savage e o guitarrista Phil Collen, além de Allen) respirou fundo, chamou Vivian Campbell (ex Dio e Whitesnake) para o posto e gravou *Slang*, um disco oposto a tudo o que havia lançado até então. O resultado, ao menos em termos de vendas, não foi bom: 2,5 milhões de discos vendidos e uma turnê fraca em matéria de público. "Sabíamos que estávamos correndo esse risco, mas precisávamos mudar, no mínimo para depois voltarmos ao nosso velho estilo", disse, à época, Joe Elliot.

Se o osso foi roído, agora é a hora de comer o filé. Sem medo de encarar um público jovem de ouvidos alimentados com rap, grunge e música eletrônica, o Def Leppard faz em *Euphoria* o que sabe de melhor: o bom e velho hard rock romântico. Logo de cara vem "Demolition Man", com as guitarras de Campbell e Collen na cara dos alto-falantes e os tradicionais refrões com harmonias vocais do grupo. A seguinte, no mesmo pique incendiário, é "Promises", em que Joe Elliot solta a voz rouca como em seus melhores dias, mais de uma década atrás. O primeiro single e clipe a sair de *Euphoria* deve ser "Back In Your Face", o ato seguinte da aeróbica roqueira do quinteto. As baladas, seguindo uma tradição que tem pérolas como "Foolin'" e "Bringin' On The Heartbreak", seguram bem a pe[dida]. "Goodbye" (nada a ver com as Spice Girls) e "To Be Alive" são dois dos melhores momentos do disco. A bateria "mono" de Rick Allen continua simples e eficiente, sem virtuosismos, como sempre foi a praia do Def Leppard.

Até pela coincidência de nomes, *Euphoria* vem ao mundo para ficar na linhagem de *Pyromania* e *Hysteria*. O Def Leppard fez um belo trabalho, só resta saber se o trem da história já não se foi.

Bernardo Araujo

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista

VÁRIOS
Best Of Sugarhill Records (a)
Rhino/WEA

Coletânea com os primeiros discos de rap

Como cantora Sylvia Robinson não foi além de um sucesso – "Pillow Talk", no qual gemia de prazer enquanto cantava sobre a noite de amor que o namorado conseguiu em troca de um disco de Stevie Wonder. Mas o seu selo Sugarhill Records, criado com o marido Joe Robinson, foi um dos primeiros a gravar rap. A Sugarhill foi pioneira depois que Sylvia se encantou com uma garotada do Bronx (bairro negro de Nova York), que costumava gravar suas bandinhas em fita cassete e distribuir pela vizinhança.

Aqueles que gostam do falatório maluco de Puff Daddy e Master P vão cair de quatro ao conferir o som da Sugarhill. Principalmente porque a gravadora usava uma banda de verdade (o baixista era Doug Wimbish, que depois tocou com Mick Jagger e o Living Colour) para apimentar os raps de gente como Grand Master Flash, Sugarhill Gang e agregados. Tudo no CD é bisconto fino: "Rapper's Delight" (cuja base foi surrupiada de "Good Times", do grupo disco Chic), "The Message" (uma das primeiras letras sociais da história do rap), "Beat Street"... Festa garantida.
Sergio Martins

RITCHIE
Vôo De Coração (a)
Epic/Sony

Chega ao CD um clássico do pop nacional

Em 1984 as rádios foram tomadas de assalto por uma canção grudenta, interpretada por um sujeito ligeiramente fanhoso e com sotaque inglês. A música era "Menina Veneno", o sertanejo autor e autor, um certo Richard Ritchie, de nome artístico Ritchie. Egresso da banda Vimana (de curta existência e da qual também Graham Bell fez parte Lulu Santos e Lobão), Ritchie se transformou em ídolo numa velocidade meteórica, vendendo 1 milhão de cópias do compacto de "Menina Veneno". *Vôo De Coração*, seu primeiro álbum, emplacou oito das suas dez músicas. Algumas delas ainda hoje são bastante executadas nas rádios flash-back, casos da baladaça-título (com participação de Steve Hackett, ex-guitarrista do Genesis), de "A Vida Tem Dessas Coisas", do swing "Casanova" (tema de abertura da novela *Brilhante*) e do calipso "Pelo Interfone". Sem falar, claro, na própria "Menina Veneno", regravada há três anos por Zezé Di Camargo & Luciano. Ritchie fez mais três álbuns e conseguiu alguns outros hits, mas *Vôo De Coração* segue sendo seu melhor trabalho (venda exclusiva para sócios do MusiClub - fone (011) 3037-2600)
Toninho Spessoto

DMX
It's Dark And Hell Is Hot (7)
Def Jam - IMPORTADO

Apesar da bandidagem estilizada, sobra talento

Criado nos guetos nova-iorquinos, DMX nem precisou aderir ao gangsta rap para ter rumo e nome do momento na cena do rapper norte-americano. *It's Dark And Hell Is Hot* disparou e permaneceu longo tempo no topo das paradas, provando que a bandidagem estilizada ainda seduz o público. Em sua estréia, o rapper abusa do manjado simplismo (nas sirenes-palavrões para autenticar seu recado. Não carecia pois se não é brilhante. *It's Dark* tem méritos. Um deles é "Ruff Ryders' Anthem", hit e produção. A produção foge do lugar-comum ao usar teclados e arranjos de cordas tentando aproximar-se dos climas densos e nervosos à Dr. Dre e MC Eight. Quando uma pausa na arte é passada, mostra balanço em grande estilo, casos de "How's It Goin' Down" e "I Can Feel It" (esta sampleando um trecho de "In The Air Tonight", de Phil Collins). Bandidagem ainda vende. Como
Carlos Eduardo Oliveira

Correção de rumo

LULU SANTOS
Calendário (7)
RCA/BMG

"Bem que eu notei/ que era artificial/ fogo de palha!" Assim começa a primeira faixa do novo disco de Lulu Santos. Um crítico maldoso aproveitaria a deixa no ato: é autocrítica, referente a *Liga Lá*, álbum de 1997 no qual a dinâmica do salta-um-hit-quentinho-de-hora-em-hora foi interrompida em favor de brincadeiras egoístas de arranjador. Vamos então dispensar a maldade e aproveitar a idéia, porque procede. *Calendário* é a seqüência natural de *Anticiclone Tropical*, de 1996: descomplicado, fluente, e em busca do ponto G do pop perfeito que Lulu tão habilmente manipulava no passado. Ele ainda não achou, mas está cada vez mais perto.

Com Memê, em uma parceria que se estendeu por três discos, Lulu deu uma guinada em sua carreira. Agora, com Liminha pilotando o estúdio, o homem corrige o rumo, incorporando o que aprendeu. As bases programadas revestem todo o disco, mas integradas às melodias de forma mais natural. Por cima delas, pode surgir um curioso samba-lounge ("O Brasil Legal"), uma tentativa frustrada de trip-hop ("Sábado À Noite", hit com o Cidade Negra) ou um rhythm'n'gaiatice seco e eficiente ("Paraíso Perdido"). Mas sempre fortemente munidos de riffs, versos e refrões, bombardeando a mente do ouvinte. "Aquilo Que Chamam", "Navegadora" e "Nau Dos Insensatos" acertam o alvo em cheio. Outras, menos inspiradas e carregando o peso morto de teclados em demasia nos refrões, são menos certeiras. Mas Lulu está certamente aprimorando a pontaria.
Jaime Biaggio

Som sem frescuras

Esse disco contrasta muito com o anterior, *Liga Lá*. Como foi essa viagem de um extremo a outro?
Lulu Santos: Na verdade, é o *Liga Lá* que contrasta com o restante do meu trabalho. Era uma tentativa de fazer algo fora do usual, corri voluntariamente esse risco. Já *Calendário* é uma aproximação com o mercado.

Me entristeceu pensar que a quantidade de pessoas que apreciavam meu trabalho poderia ter diminuído.

A sonoridade desse disco lembra mais os seus trabalhos dos anos 80, não?
Mas as composições são melhores. Esse disco é mulatésimo. Ausentes estão os lá-lás, aquela coisa da guitarra... A não ser por "Shanl" *(a faixa instrumental que encerra o disco)*, que é uma piada, uma coisa jocosa. Pensei até em chamá-la de "Beat The Meatles" *(trocadilho com* Meet The Beatles, *de conotação masturbatória)*.

Como foi a convivência com Liminha, com quem você estava brigado desde a gravação de *Tudo Azul*, de 1984?
Tivemos que nos reacostumar um com o outro. Construímos o trabalho juntos. O disco pronto é uma espécie de coleção de remixes do que a gente tinha começado a fazer.

Pop classe especial

BURT BACHARACH
After The Fox (7)
Rykodisc/ST2
The Best Of Burt Bacharach (8)
A&M/Universal
Painted From Memory – Limited Tour Edition (9)
Mercury/Universal - IMPORTADO

Aos 71 anos de idade, Burt Bacharach continua com a corda toda, compondo e fazendo shows – ele acaba de escrever a trilha do filme *Isn't She Great?*, com Bette Midler, e pode vir ao Brasil ainda em 1999 para uma série de apresentações. Desde que foi redescoberto pelo Oasis em 1994, que o reverenciou na capa do álbum *Definitely Maybe*, o homem vem sendo a vo de tributos e suas músicas têm recebido regravações de artistas dos mais variados gêneros e tendências.

Mas ouvir o Bacharach intérprete também é interessante. A trilha de *After The Fox* (no Brasil, *O Fino Da Vigarice*) é de 1965 e traz dezessete temas que vão de canzonetas italianas a baladas. A música-título é interpretada pelo grupo beat inglês The Hollies, com participação do astro do filme, Peter Sellers. O CD tem uma faixa interativa.

A coletânea *The Best Of Burt Bacharach* contém vinte canções, gravadas entre 1965 e 1974, entre elas clássicos como "I Say A Little Prayer", "Alfie", "What The World Needs Now" e "Close To You". *Painted From Memory*, com Bacharach e Elvis Costello, de 1998, volta em edição especial, lançada por ocasião da turnê que os dois fizeram pela Europa no começo deste ano. Traz um CD bônus com cinco faixas gravadas ao vivo, sendo uma com Bacharach e Costello ("This House Is Empty Now") e outras quatro também da dupla, mas interpretadas apenas pelo roqueiro inglês. É item obrigatório para colecionadores.
T. S.

Bacharach: melodias sofisticadas, sucessos populares

ECHO & THE BUNNYMEN
What Are You Going To Do With Your Life? (9)
London/Universal

De volta uma das melhores bandas dos anos 80

O título do novo CD do Echo pergunta "o que você vai fazer com a sua vida?" Se a questão foi dirigida à banda, a resposta é um disco de calar a boca de qualquer crítico à volta dessa que foi uma das melhores coisas da cena musical dos anos 80. Com a participação fixa de apenas dois integrantes da formação original, o Echo conseguiu ressuscitar a poesia e a melancolia dos velhos tempos em inspiradas canções, como "Rust" (o primeiro single), "Get In The Car" (com influências do *easy listening* de Burt Bacharach e participação de [illegible] Lovin Criminals) e "[illegible] Fools Like Us". Retorno em grande estilo.
Luciano Vianna

VÁRIOS
Da Magia À Sedução (7)
Reprise/WEA

Stevie Nicks embala aventuras de bruxinhas pop

O grande [illegible] da trilha de *Practical Magic* (*Da Magia À Sedução*), [illegible] estrelado por Sandra Bullock e Nicole Kidman, fica por conta de duas músicas com Stevie Nicks, "If You Ever Did Believe" e "Crystal", essa última com produção de Sheryl Crow, já havia sido gravada anteriormente por Nicks duas vezes (pelo Fleetwood Mac e em disco solo ao lado de Lindsey Buckingham). Mas há outros petardos como a balada "The Kiss", com a gata country Faith Hill, "A Case Of You", na voz da sempre refinada Joni Mitchell, e clássicos com Marvin Gaye, Harry Nilsson e Elvis Presley. Ver Sandra e Nicole na tela [illegible]. Com boa música, então...
Fabian Chacur

RAUL SEIXAS
Uap-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!/A Pedra Do Gênesis (7)
Copacabana/EMI

Dois últimos discos de Raulzito num único CD

A EMI, dona da Copacabana, [illegible] num único CD [illegible] os últimos discos solo do "Maluco Beleza", *Uap-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!* (1987) e *A Pedra Do Gênesis* (1988). Após três LPs bons, porém algo indefinidos na WEA, Raul retomou fôlego nesses discos que, em [illegible], "Cowboy Fora-Da-Lei", a pérola escondida "Cantar" e curiosidades como "Gita" em inglês. O libelo-antidroga-da-boca-pra-fora "Não Quero Mais Andar Na Contramão" (versão de "No No Song", de Hoyt Axton) e "Check-Up" (censurada em 1976 e lançada por Rita Lee com letra e título modificados, "Bruxa Amarela") sobraram de *Uap-Bap*. As duas, no entanto, foram resgatadas em *A Pedra Do Gênesis*, cujos pontos altos incluem "A Lei", "Cavalos Calados" (regravada por Cazuza), e uma cover "Lua Bonita" (Zé Do Norte), que fez parte da trilha do filme *O Cangaceiro*.
A. M. J.

IMPERIAL TEEN
What Is Not To Love (8)
Slash Records - IMPORTADO

Ex-tecladista do Faith No More muda som e se dá bem

Roddy Bottum [illegible] Deus quando o Faith No More acabou. Abandonou [illegible] hard rock e criou o Imperial Teen. Duas [illegible] e um carismático vocalista ajudam Roddy a cruzar Abba com Pixies. Eles falam de [illegible], homossexualismo, batons e garotos bronzeados, enquanto [illegible] power pop e punk fundem-se maravilhosamente. *What Is Not To Love* já é o segundo álbum do IT. Eles exploram aspectos grudentos do rock, de um jeito sincero e competente. O fã-clube deve crescer graças ao [illegible] entre Courtney Love e Bottum, o Imperial arrumou uma vaguinha na turnê do Hole pelos Estados Unidos. Sempre se revezando nos instrumentos, os quatro integrantes da banda conseguiram ótimos resultados nas faixas [illegible], "Yoo Hoo", "The Beginning", "Year Of The Tan", "Seven", "Hooray", [illegible] Beauty". Ou seja, quase [illegible].
José Flávio Junior

Venturini (à [illegible]), Hinds, Magrão e Moreno: o Terço nos anos 70 mistura de estilos

Eclética Competência

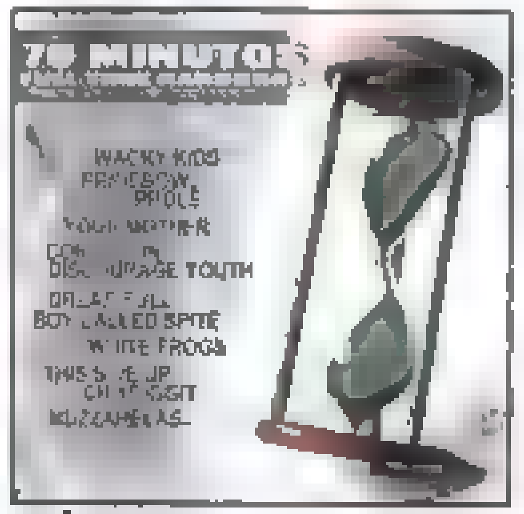
O TERÇO
Criaturas Da Noite (8)
Casa Encantada (8)
Copacabana/EMI

reedição

O grupo carioca O Terço, criado em 1969 pelo guitarrista e vocalista Sérgio Hinds, é também dos mais inconstantes em termos de estilo, do progressivo ao heavy, do rock rural à disco music, mas, convém lembrar, é dos raros constantes em qualidade vocal e instrumental. E dois de seus três LPs na Copacabana voltam em ótima hora para as celebrações dos 30 anos (falta *Mudança De Tempo*, de 1978). O Terço era formado à época por Hinds, Flávio Venturini (teclados, voz), Sérgio Magrão (baixo) e Luis Moreno (bateria).

Criaturas Da Noite (1975) é o mais famoso disco do Terço, com bons motivos, como o rock básico de "Hey Amigo", as baladas country "Queimada" e a faixa-título e "1974", suíte instrumental de mais de 10 minutos (para a reedição ser perfeita, só faltaram as versões em inglês dessas baladas, lançadas em compacto).

Casa Encantada (1976), igualmente recomendável, inclui "Flor De La Noche" (em duas versões), "Foi Quando Eu Vi Aquela Lua Passar", "Pássaro" (original com Sá & Guarabyra) e "Luz De Vela", de fazer qualquer fã de rock sair pulando "feito um elétron doido", como diz a criativa letra.
Ayrton Mugnaini Jr.



VÁRIOS
70 Minutos Full Time Hardcore (8)
Tamborete

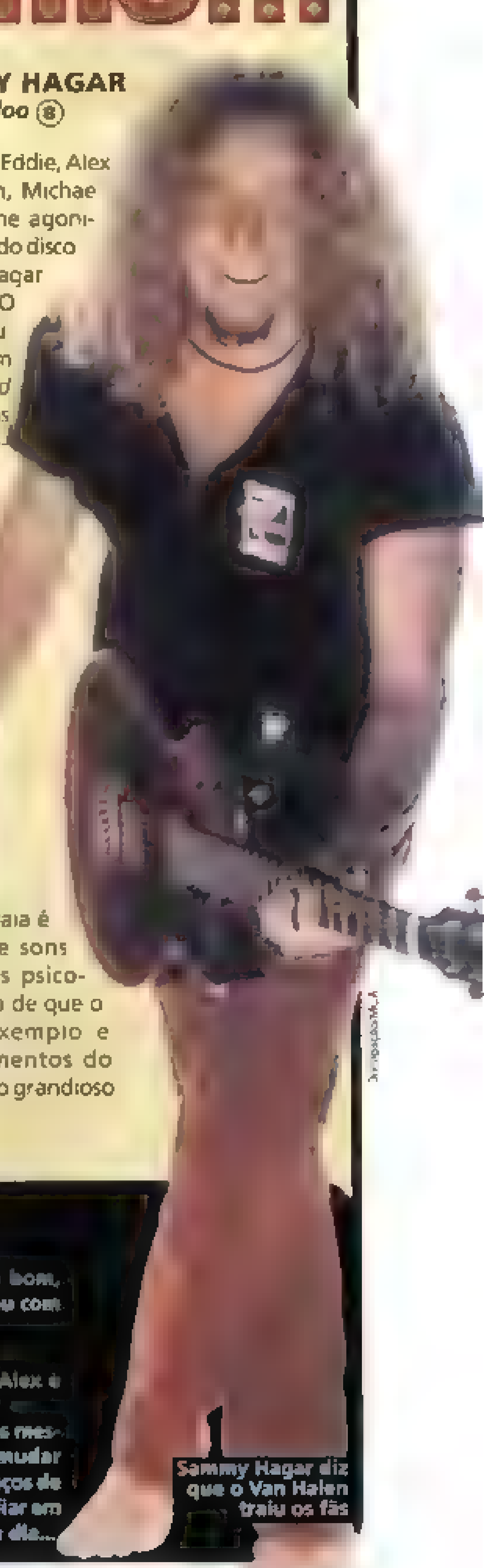
Hardcore multinacional em boa amostragem

Uma coletânea de 70 minutos de um mesmo estilo pode causar tédio. Mas não é o que ocorre com este CD. Doze bandas hardcore do Brasil, Canadá, EUA, Argentina, Itália e Suécia dividem as 32 faixas. O painel é abrangente, indo desde o som melódico do grupo sueco Pridebowl (com "In The End" e "A World Undertaken") até o punk rock tosco, mas empolgante, dos paulistas do Prole (em "Quartel General" e "Porrada"), passando pelo hard do White Frogs (grupo de Santos, aqui com "Friendly" e "Time For Warning"). Outras bandas interessantes são Muzzarelas e White Frogs, ambas brasileiras, e a norte-americana Your Mother. É justamente essa variação que não permite que o CD se torne cansativo.
Marcos Filippi

Quem ri por último...

SAMMY HAGAR
Red Voodoo (8)
Universal

Enquanto Eddie, Alex Van Halen, Michael Anthony e Gary Cherone agonizam pelas baixas vendas do disco *Van Halen 3*, Sammy Hagar está de bem com a vida. O ex-vocalista do VH mergulha no rock pesadão em seu novo disco solo, *Red Voodoo*, e consegue bons resultados. O álbum celebra as noites festivas e cheias de tequila do night-club Cabo Wabo, aberto por Sammy em Cabo San Lucas, México. As músicas se prendem aos clichês do rock tradicional – letras animadas, batidas 4/4, refrões cativantes –, mas esbanjam técnica e energia. Sammy sabe que sua praia é o rock'n'roll, nada de sons industriais ou viagens psicodélicas. Fica a esperança de que o Van Halen siga o exemplo e abandone os experimentos do último disco, voltando ao grandioso estilo original.
Daniel Oliveira



Sammy Hagar diz que o Van Halen traiu os fãs

Um disco com sabor de vingança

***Red Voodoo* é um disco animado. Qual foi sua inspiração?**
Marching To Mars, meu álbum anterior, é muito pra baixo, pois eu não estava nem um pouco satisfeito com minha saída do Van Halen, me sentia traído. Mas fiquei animado depois de fazer uma turnê solo. Gravei *Red Voodoo* com muito amor à música.

***Van Halen 3* fracassou comercialmente. Você sentiu um gostinho de vingança?**
Sim, porque o grupo traiu os fãs. Os caras acharam que se eu pude substituir David Lee Roth, qualquer um poderia me substituir. Os fãs não concordaram e não compraram o disco. Mas quero deixar claro que não tenho nada contra o Gary Cherone, o atual vocalista. Ele é bom, mas ainda não se acertou com a banda.

Você voltaria se Eddie, Alex e Michael o convidassem?
Não, porque ainda são os mesmos. Eles teriam que mudar para reatarmos nossos laços de amizade. Não posso confiar em quem me apunhalou um dia...

BUFALLO TOM

Smitten (7)
Roadrunner

Canções de qualidade para ouvir na estrada

Na ativa desde 1989, o Bufallo Tom traz influências do melhor do pop alternativo, como My Bloody Valentine, Sebadoh e Stereolab. Mas, ao ouvir seu sexto CD, dá pra jurar que quem está por trás das melodias é Tom Petty, que na década de 80 fez um hard-country-rock arrebatador. Parte disso se deve aos lados incluídos nas composições do guitarrista-vocalista Bill Janovitz, o capitão do time. *Smitten* é um disco de interpretações apaixonadas (divididas entre Bill e o baixista Chris Colbourn), canções à flor da pele e pitadas de melancolia. Com ele, o grupo ratifica uma regularidade incomum quando o assunto é o chamado indie rock. Ligue o carro, aumente o som e acelere rumo ao sol.

Carlos Eduardo Oliveira

NAZARETH

Boogaloo (8)
CMC/BMG - IMPORTADO

Veterana banda de hard rock continua em forma

Quem conhece um pouco a carreira deste grupo escocês sabe que, depois do sucesso mundial da balada "Love Hurts", os [illegible] nunca mais conseguiram gravar um disco decente. Portanto, é surpreendente ouvir este *Boogaloo* e verificar que o espírito de álbuns clássicos como *Razamanaz* (de 1973) e *Rampant* (1974) resolveu "baixar" mais uma vez no quintal deles. O artífice dessa reviravolta foi o guitarrista Jimmy Murrison, que imprimiu um peso até então ausente nos discos lançados da década de 80 para cá, seja em canções mais arrastadonas, como "Light Comes Down" e "Open Up Woman", seja nos rocks safados (no bom sentido) "Cheer Leader" e "Robber The Roadie". Em alguns momentos, como nas músicas "Loverman" e "Party In Kremlin", o Nazareth chega até a soar como o Aerosmith dos bons tempos, além de arriscar (e se dar bem) no blues pesadão de "God Save The South". A última faixa, "May Heaven Keep You", mostra que o grupo, quando quer, ainda sabe fazer baladas não-açucaradas.

Regis Tadeu

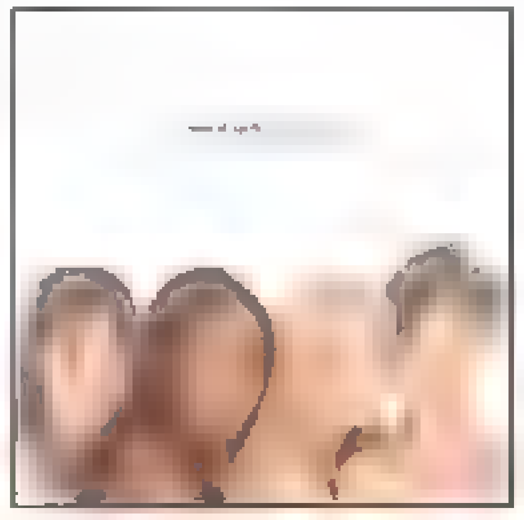
STEREOPHONICS

Performance And Cocktails (7)
V2/Roadrunner

Originalidade não é o ponto forte da banda

Difícil categorizar o tipo de rock do Stereophonics. O trio galês chega ao segundo álbum, *Performance And Cocktails*, frequentando duas panelinhas britânicas. A dos "indie pesados" (Reef, Terrorvision, Skunk Anansie) e a "super pop" (Catatonia e Space). Talvez esse trânsito de mão dupla explique as 44 mil cópias vendidas no dia de lançamento de *Performance* no Reino Unido. E dá-lhe capa de revista orgulhosa, sabatina em semanário inglês, pôster em quarto de adolescente. "Roll Up And Shine", que abre o disco, é bem legal. [illegible] "That's New", "T-Shirt Sun Tan" [illegible] idem. Mas fica uma pergunta: o que o Stereophonics gravou que o Ocean Colour Scene, ou qual quer banda inglesa atual, ainda não tenha gravado? Nada. São as mesmas referências resultando nas mesmas releituras. Em polgante mesmo só o Oasis, que enquanto não solta material novo, anula as possibilidades de se dar nota dez para um álbum de rock. Um selo já está bem legal para o Stereophonics.

José Flávio Junior



SPICE GIRLS

Goodbye (7)
Virgin

Primeiro single da nova fase das garotas temperadinhas

A se considerar pela prévia, nada mudou nas Spice Girls sem Geri Halliwell. Pelo menos musicalmente, já que duas delas viraram mamães e três mexeram no visual. Mel B, Mel C, Victoria e Emma continuam fazendo os vocalzinhos açucarados, eficientes e sensuais que deixam marmanjões suspirando, como prova a baladinha "Goodbye", presente em duas versões neste single, uma prévia do novo disco das meninas a ir para as lojas no segundo semestre (o repertório aqui é completado por "Christmas Wrapping" – explica-se: foi lançado na Inglaterra no Natal do ano passado). Depois de um período marcado por indefinições causadas pela saída de Geri, as Spice deixaram o baixo-astral de lado e mostraram que têm tudo para continuar se dando bem por um longo tempo, para a alegria da enorme legião de fã baboes.

Toninho Spessoto

THE PRETENDERS

Viva El Amor (8)
Warner/WEA

Outro disco classudo de Chrissie Hynde e sua banda

Se dependesse de Chrissie Hynde, o novo álbum dos Pretenders iria se chamar *Biker*. [illegible] "O *biker* vive por seus próprios princípios e luta pela liberdade. É muito romântico", justificou a roqueira. A gravadora odiou o título (nome também de uma das faixas, que conta com um belíssimo [illegible] de violinos) e acabou optando pelo espanhol *Viva El Amor*. Mas o idealismo e o romantismo continuam presentes no disco. Das doze músicas, dez são [illegible] autoria de Chrissie, a não ser pelo primeiro single, "Human", de Shelly Peiken e Mark McEntee e mixado por Tim Finn Out (responsável pelo sucesso britânico do The Corrs), e "Rabo De Nube", do cubano Silvio Rodriguez, cantada em espanhol pela roqueira atualmente casada com um colombiano. O som inconfundível dos Pretenders mais uma vez se faz ouvir na voz agridoce de Chrissie e nas suas letras ácidas que transformaram a banda em um clássico do rock há duas décadas. De volta à cena depois de um hiato de [illegible] anos, os músicos contaram com a ajuda dos produtores Stephen Street (Blur, The Cranberries) e Stephen Hague (New Order, James) para lançar este novo disco, que tem uma participação especial do guitarrista Jeff Beck na faixa "Legalize Me". Um álbum que vale a pena ouvir de novo, de novo e de novo.

Valeria Rossi

VÁRIOS

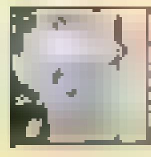
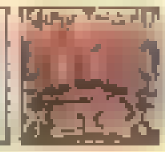
Prova Final (9)
Epic/Sony

Clássicos e novidades da rebeldia juvenil

O cultuado Robert Rodriguez (diretor dos explosivos *Um Drink no Inferno*, *El Mariachi* e também da versão hollywoodiana deste último, *A Balada do Pistoleiro*) [illegible] que tem [illegible] suficiente para convencer o Pink Floyd e conseguir autorização pela primeira vez [illegible] uma canção da banda para uma trilha sonora, no caso a de *Prova Final*. Resultado: Layne Staley (Alice In Chains), Tom Morello (Rage Against The Machine), Steve Perkins (Jane's Addiction) e Martyn Le Noble (Porno For Pyros), juntos na banda Class Of 99, regravaram "Another Brick In The Wall". O mexicano fez mais: selecionou [illegible] as versões "modernas" de clássicos da rebeldia juvenil "School's Out" e "I'm Eighteen", de Alice Cooper, com Soul Asylum e Creed, respectivamente, e [illegible] de David Bowie, com Shawn Mullins, e combinou com canções originais [illegible] cantadas por Garbage ("Medication"), The Offspring ("The Kids Aren't Alright"), Sheryl Crow ("Resuscitation") e Oasis ("Stay Young"), entre outras bandas e solistas bacanas. Se o filme é apenas mais um produto da atual onda de horror teen que domina Hollywood, sua trilha sonora tem a qualidade, o ecletismo, a eloquência e a modernidade de um hino atualizado [illegible] abandonados do final dos 90. Obrigatória.

Fatima Gigliotti

Império do mangue

MESTRE AMBRÓSIO

Fuá Na Casa De Cabral (10)
Chaos/Sony

SHEIK TOSADO

Som De Caráter Urbano E De Salão (8)
Matraca/Trama

JORGE CABELEIRA

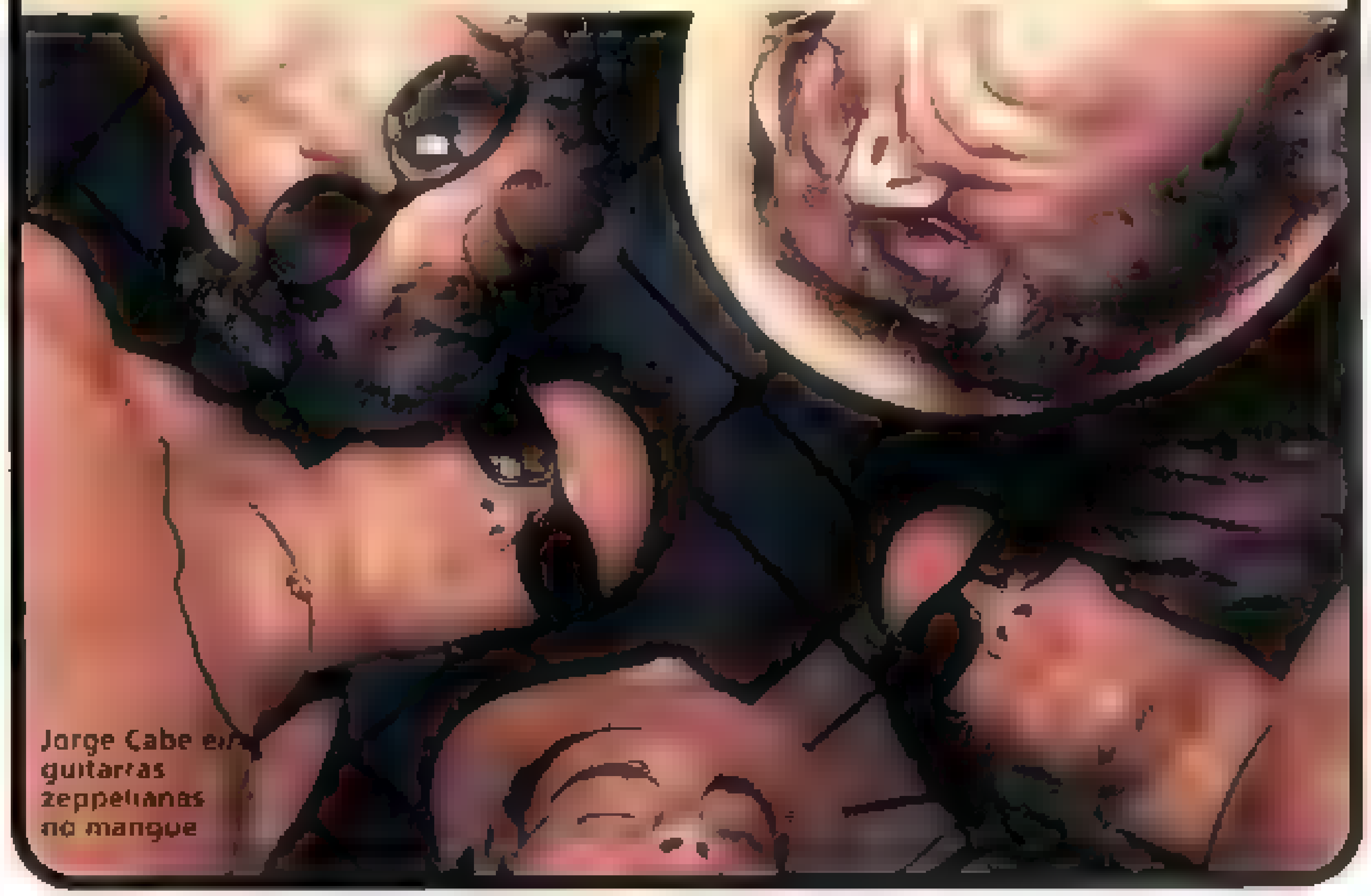
Jorge Cabeleira (8)
Fábrica Estúdios

O Mestre Ambrósio é herdeiro mais que legítimo de mestre Alceu Valença, o pernambucano que reformatou o maracatu quando a atual geração de caranguejos engatinhava nos manguezais de Recife. À imagem e semelhança de Alceu na virada dos anos 70 para os 80, a banda colhe no quintal da tradição (violões, zabumbas, rabecas, só uma guitarrinha ou outra), mas serve pratos com tempero forte de pop. Lançando seu segundo disco, *Fuá Na Casa De Cabral* (que chega às lojas junto com a estréia do Sheik Tosado e um single independente com três faixas do Jorge Cabeleira, dois grupos conterrâneos igualmente badalados), eles merecem estourar. E há razões para apostar nisso.

Senão, vejamos: a garotada do Rio e de São Paulo frequentadora das casas noturnas que tocam ritmos nordestinos há tempos não terá problema em digerir o som do Mestre Ambrósio. Nele não há os cocos tecnotrônicos de Otto e mundo livre, aos quais ouvidos condicionados por FMs só-sucesso teriam de se acostumar. O tom épico de "Sêmen", a cadência de cantador de feira de "Os Caboco", o forrozão sincero de "Pé-de-Calçada", tudo isso já foi devidamente processado pela mente de todos. Você pode nem saber onde foi que ouviu. Mas ouviu e, provavelmente, gostou. E, se o som é tradicional, a energia é rock, bem como o discurso, com humor e crítica social.

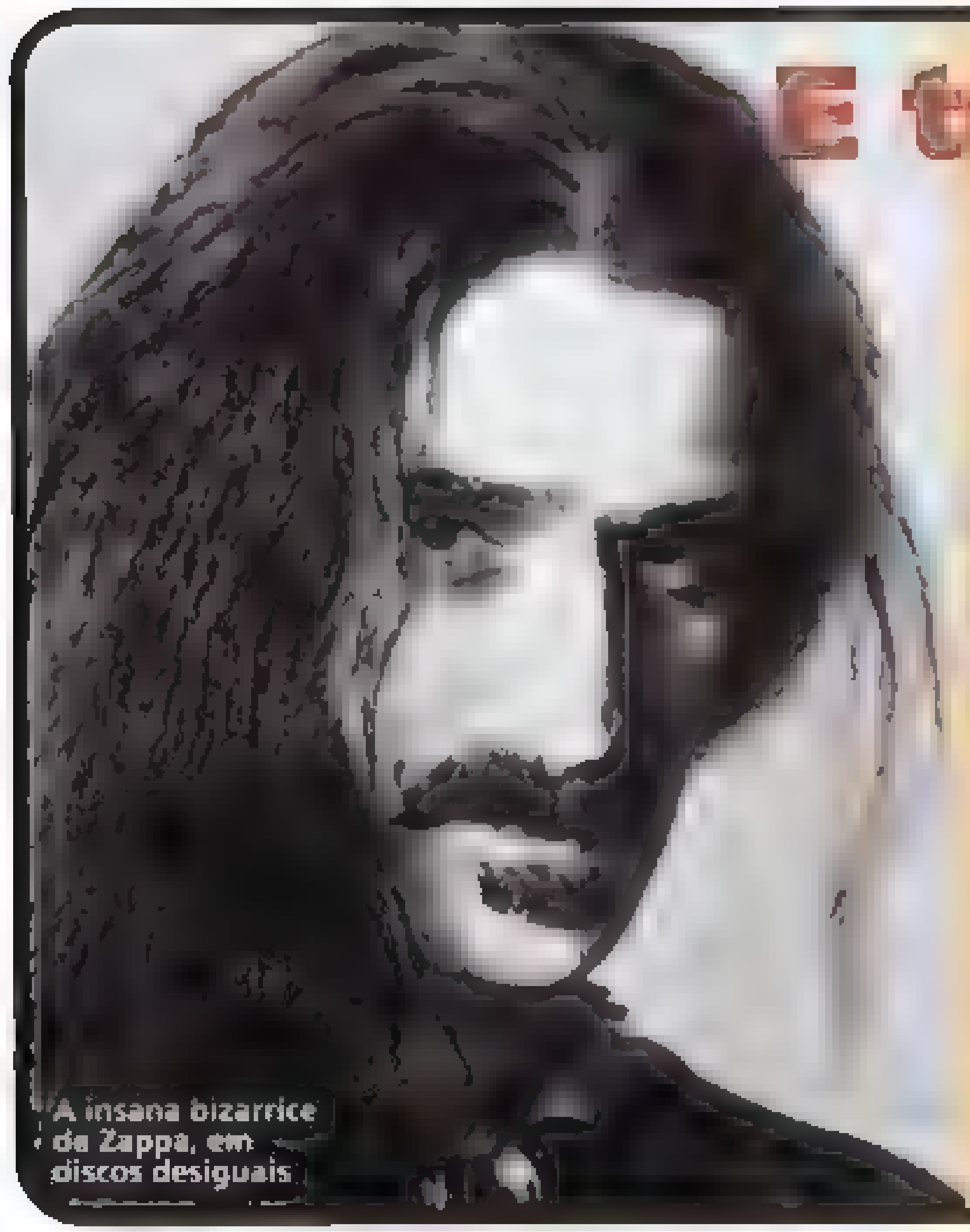
Sheik Tosado e Jorge Cabeleira, por sua vez, se ajeitam no saco de gatos que se esconde sob a lona do manguebit. O Sheik usa o hardcore como base de operações, mas pinça elementos do universo pop e da cultura nordestina. Sua estréia em CD, *Som De Caráter Urbano E De Salão*, traz achados como "Hardcore Brasileiro" ("É o frevo", grita o vocalista China, sobre uma base que funde os dois ritmos) e "Repente Envenenado". O single do Jorge Cabeleira apresenta três ecléticas faixas, fundindo guitarras zeppelianas ("Rock Do Diabo") e suaves levadas pop ("Mormaço").

Jaime Biaggio



Jorge Cabeleira: guitarras zeppelianas no mangue

E tome doideira!


A insana bizarrice de Zappa, em discos desiguais

FRANK ZAPPA & THE MOTHERS OF INVENTION

Freak Out (9)
Absolutely Free (9)
Cruising With Ruben & The Jets (7)
Weasels Ripped My Flesh (2)
Rykodisc/Eldorado

reedição

Tem mais Zappa na área, desta vez com o Mothers Of Invention. *Freak Out* (1966) combina uma violenta crítica ao mundo moderno com experimentalismos que "entortam" a sonoridade típica dos anos 60. O senão é "Return Of The Son Of Monster Magnet", uma *jam session* de 12 minutos. *Absolutely Free* (1966) é uma continuação do álbum anterior: a crítica social reaparece em "Plastic People", assim como as "entortadas", em "Son Of Susi Creamcheese". *Cruising With Ruben & The Jets* (1968) pega clichês de músicas dos anos 50 para gerar um som em que a diversão fala mais alto que a complexidade. *Weasels Ripped My Flesh* (1970) é o mais bizarro, com referências ao free-jazz e à música clássica contemporânea. A melhor música é "My Guitar Wants To Kill Your Mama", que salva o CD do desastre total.
Helvecio Parente

PAVILHÃO 9

Se Deus Vier, Que Venha Armado (8)
Paradoxx

Candidato a melhor disco de rap brasileiro do ano

O Pavilhão 9 sempre foi uma reunião de versos e brados de fúria à procura de um ritmo. Apesar do barulho provocado em seu single de estréia, "Otários Fardados" (ainda com o insolente rapper Pivete), o grupo paulistano esbarrava na produção capenga (*Procurados Vivos Ou Mortos 111*) ou fazia um funk/rap/metal chato, repleto de convidados muito menos que especiais (caso do disco anterior, *Cadeia Nacional*).

Os manos dão sinais de melhora – e que melhora – em *Se Deus Vier, Que Venha Armado*. O CD agrada o *brother* da periferia, que acha o Pavilhão "roqueiro demais" para os padrões da ladainha paulistana, e tem fúria suficiente para emplacar nos aparelhos de CD da playboyzada. Boa parte desses méritos são da produção, dividida entre Carlo Bartolini (, Carlinhos da formação clássica do Ultraje A Rigor) e Eduardo BID, que trabalhou com Chico Science e Marina. Mas o que se nota mesmo é o amadurecimento da turma. Rossi ... mandam letras ... tiradas, ... do a samples do filme *Lúcio Flávio, o Passageiro da Agonia*, os melhores retratos da lambança atual que rola na cidade de São Paulo, por exemplo, drogas (em "Dependente"), violência policial ("Rota") e a política ("Retrato De São Paulo"). Talvez o melhor disco de rap brasileiro a ser lançado este ano.
Sérgio Martins

THE JIMMY ROGERS ALL-STARS

Blues, Blues, Blues (9)
Epic/Sony

As últimas gravações do legendário bluesman

Jimmy Rogers começou tocando gaita com Sonny Boy Williamson e Sunnyland Slim. Mudou para a guitarra em Chicago, integrando a primeira banda de Muddy Waters, além de tocar com Howlin' Wolf e compor clássicos do blues elétrico, como "That's All Right", "Sloppy Drunk" e "Back Door Friend" nos anos 50.

Foi o suficiente para torná-lo uma das grandes influências do ... blues rock britânico da década de 60. Este trabalho é de especial importância. Traz as últimas sessões de gravação que Jimmy fez, pouco antes de sua morte, em dezembro de 1997. Entre os músicos que o acompanharam estão Taj Mahal (impecável na versão de "Ludella", do próprio Rogers, e em "Bright Lights, Big City", de Jimmy Reed), Lowell Fulson (em "Ev'ry Day I Had The Blues"), Stephen Stills ("Sweet Home Chicago", "Worried Life Blues") e o pianista Johnnie Johnson. Mas o melhor está nas participações de Mick Jagger e Keith Richards (que em três faixas resgatam a sonoridade crua dos dois primeiros álbuns dos Stones) ... "Gonna Shoot You Right Down (Boom Boom)", de John Lee Hooker, em que Eric Clapton, Jimmy Page e Robert Plant revivem a transição entre os Yardbirds e o Led Zeppelin. Um disco que funciona como uma enciclopédia.
Celso Pucci

LIMP BIZKIT

Three Dollar Bill, Yall (6)
Interscope/Universal

Astros do novo metal com muito fôlego e poucas idéias

Depois do Korn, o maior nome da nova liga do rock pesado americano, gênero que funde guitarras com sonoridades dordonas, letras agressivas e vocais com ecos do hip-hop, é o Limp Bizkit. O grupo, liderado pelo cantor Fred Durst, é competente no instrumental e nas letras, abordando temas como liberdade de expressão e conflitos internos, mas a combinação guitarra-batida suingada-palavrões em levada rap às vezes soa cansativa. Eles se dão bem em "Indigo Flow", um rap mais tradicional, que tem a participação dos Deftones e toques *chilipepperianos*. O maior hit do CD é uma versão para "Faith", de George Michael, que provoca saudades do original ao invés de empolgar.
Bernardo Araujo

MICHAEL HEDGES

Torched (10)
Windham Hill/BMG

Testamento inacabado de um grande músico

O cantor, compositor e violonista Michael Hedges, morto em um acidente de automóvel no final de 1997, era um artista completo. Virtuoso no instrumento, produzia também arranjos criativos e fazia músicas amorosas e otimistas, frutos dos estados filosóficos aos quais se dedicava. Quando se foi, estava ... preparar este disco. As canções ... não chegaram a forma final, mas ... decidiu deixá-las como estavam. O resultado é um disco emocionado, repleto de harmonias etéreas e relaxantes. Vale ouvir maravilhas como "Promissed Land", "Saphire", "Spring Buds" (com Graham Nash e David Crosby em vocais arrepiantes) e a instrumental "Fusion Of The Five Elements". Michael Hedges deixou muitas saudades e poucos seguidores. Obrigatório.
Toninho Spessoto

CRASH TEST DUMMIES

Give Yourself A Hand (6)
Vik/BMG

Banda canadense bebe no som black do Harlem

Em busca de novas emoções, Brad Roberts, o líder do Crash Test Dummies, foi morar no Harlem, bairro negro de Nova York. O resultado é este álbum, o quarto da banda, que acerta ao investir na união do acústico com o eletrônico e nas levadas influenciadas pela black music, como em "A Cigarette Is All You Get", "I Want To Part..." e "Keep A Lid On Things". Mas o melhor é a participação da tecladista Ellen Reid. Ela surpreende nos arranjos e vocais em "Just Chillin'", "Get You In The Morning" e "A Little Something". Se a moça tivesse tomado à frente das doze faixas, os Crash Test Dummies teriam feito um disco bem melhor.
Hagamenon Brito

Charlie Brown Jr.: ... ... maturidade

Pegando na veia

CHARLIE BROWN JR.

Preço Curto, Prazo Longo (9)
Virgin

Com 25 faixas, o segundo CD da banda Charlie Brown Jr. tem material suficiente para a edição de dois álbuns distintos. Ao invés disso, optou-se por comprimir todas as músicas em um biscoito só. Daí o divertido título, que vem bem a calhar em tempos bicudos, de orçamento apertado. Assim como em *Transpiração Contínua Prolongada*, o revelador álbum de estréia do grupo, a promessa aqui é fazer valer o investimento do ouvinte. Mesmo que os mais austeros não se dêem por satisfeitos com metade das músicas, ainda terão uma dúzia de boas razões para fechar negócio.

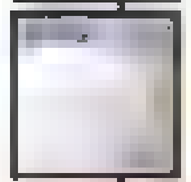
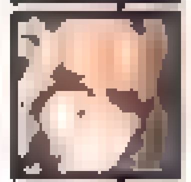
O número recorde de faixas deixa claro que os produtores do disco, Tadeu Patola e Rick Bonadio, deixaram a banda à vontade o bastante para não limar nada da edição final. A esquálida "12+1", por exemplo, soa como demo, contribuindo para deixar o CD sutilmente despojado, a exemplo do que fazem algumas das bandas californianas que servem de inspiração para o Charlie Brown Jr., caso do Sublime, sobretudo.

A costura de reggae, ska, hip-hop, surf music e hardcore da banda santista continua sendo feita sob medida para a tribo da adrenalina, e a essa característica agora somam-se vários adereços que confirmam sua maturidade musical. Um deles é a linha de contrabaixo matadora que atravessa "O Preço". As letras, que podem não ser acachapantes, vão direto ao ponto, como em "Resolve Meu Problema Aí": "E por falar em problema espero que você esteja cuidando do seu/ Eu tô cuidando do meu".

Para que o Charlie Brown Jr. crave seu nome de vez entre os grupos duradouros na preferência do público falta pouco. Talvez baste que o vocalista Chorão, comprovadamente um dínamo no palco, manere na impostação. Em "Te Levar" e "333", ele reencarna os cantores de garagem do início dos anos 80. Só que, para sorte dos ouvintes, sua banda está a anos-luz dali. Ainda bem.
Celso Masson

E mais...

Tem para todos os gostos: rock, pop retrô dançante, reggae, hits das FMs, velharia. Faça a festa!

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
NATIVE ANGER (Aphex Music)	A dupla inglesa The N ne, formada por Geoff Pinckney e Ian Davies.	Os dois fazem uma musica que definem como synthpop, que seria tecnopop aliado a batidas mais modernas.	Soa retrô anos 80, eles estão abrindo shows para Gary Numan. Temas como "Like An Alien" e "Midnight Son" podem funcionar em raves.
ANDANDO NAS NUVENS (Som Livre)	Nomes conhecidos – SPC, Tim Maia, Soweto, Netinho, Ed Motta e novos, como Mauricio Manieri, Pepe & Neném e Anna Carolina.	Trilha sonora da novela das sete, com hits como "Minha Menina", "Machuca Demais", "Voce Mentiu Pra Mim", "Me Dê Motivo" e "Mais Uma Vez"	O repertório traz um panorama bastante preciso do que toca nas FMs populares. Se voce esta atras dos hits do momento, o caminho e esse
AO VIVO NO BRASIL (Indie)	O ragga Pato Banton, figurinha manjada por estas plagas, mas que ja teve seus 15 minutos de fama.	Depois de correr o mundo, Banton resolveu gravar um disco ao vivo em Curitiba, com musicos jamaicanos e um cantor brasileiro, Carlos Sales.	Não. Banton trucida clássicos como "Jamming" (Bob Marley), "Baby Come Back" (Eddy Grant) e "What The World Needs Now" (Burt Bacharach). Fuja!
DEL-FI RECORD HOP (Del-Fi/Abril)	Nomes do *cast* da Del-Fi no final dos anos 50, inicio dos 60, como Chan Romero, The Addrisi Bros. e o maior de todos, Ritchie Valens.	Dezesseis sucessos que animavam os bailinhos da epoca, como "La Bamba", "Hippy Hippy Shake" e "We Belong Together", em gravações originais.	Claro, principalmente para fãs daqueles anos dourados. No minimo, é a trilha ideal para embalar gostosas festinhas de flash-back
 **INCOMING** (Aphex Music)	Os ingleses Barney Miller (voz) e Glen Wisbey (teclados) que formam o Blue October, dupla incensada pelo jornal especializado *Melody Maker*.	Músicas românticas inspiradas em Depeche Mode e Erasure (cujo guitarrista, Nick Johnston, participa do disco), mas com personalidade.	Eles poderiam chafurdar na imitação, mas acharam fórmulas interessantes como em "Where I Stand", "Force" e "Safe". Dá para ouvir na boa.
 **MESSAGE IN A BOTTLE** (Atlant c/WEA)	Sheryl Crow, Hootie & The Blowfish, Faith Hill, Sarah McLachlan, Clannad e Laura Pausini (cantando em inglês), em boa seleção musical.	Trilha de *Uma Carta de Amor*, novo filme de Kevin Costner. Os temas instrumentais sao do compositor Gabriel Yared (de *O Paciente Inglês*).	As canções são competentes, principalmente "Carolina", escrita e interpretada por Sheryl Crow, e "Only Lonely", com o Hootie & The Blowfish.
O CICLO (Tempo 3)	A banda gaucha Canela Preta, bastante cultuada pela galera roqueira do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná	O som tem toques de Almôndegas, Nenhum De Nós, Engenheiros Do Hawaii e também de folk, blues e country.	Apesar de um pouco regional demais, o som do Canela Preta pode pegar. "Igual Ao Não" e "Eu Nunca Suportei" são musicas de qualidade
A BARREL OF OLDIES (Del-Fi/Abril)	Bo Diddley, The Pentagons, Ritchie Valens e The Carlos Brothers, entre outros nomes que fizeram sucesso na Del-Fi no final da década de 50.	Mais uma seleção de flash-backs extraida do catalogo da gravadora. Aqui os destaques são "Donna", "Come On, Let's Go" e "I'm Sorry"	Quem gosta de uma boa velharia vai curtir. Vale principalmente pelas gravações de Ritchie Valens e do guitarrista Bo Diddley.
BOYS (Som Livre)	Alguns dos principais grupos *teens* da atualidade, como Hanson, N'Sync, Ultra, Five e Boyzone	O repertório é à base de hits que rolam nas FMs pop, como "MMMBop", "Say It Once", e uma releitura de "Father & Son", de Cat Stevens	Para ser um mapeamento coerente da cena *teen* faltam Backstreet Boys, Spice Girls e Britney Spears. Mas vai agradar ao publico a que se dirige.

A mais completa em novidades e raridades
sempre os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão.
Enviamos para todo país
Aceitamos cartão
LONDON CALLING
CDS - VHS - DVD
(011) 223-5300

REVISTA SHOWBIZZ
PARA ANUNCIAR AQUI LIGUE:
TEL: (011) 3037-6860
FAX: (011) 3037-4909

TODA GAROTA PODE CONTAR COM ELA!

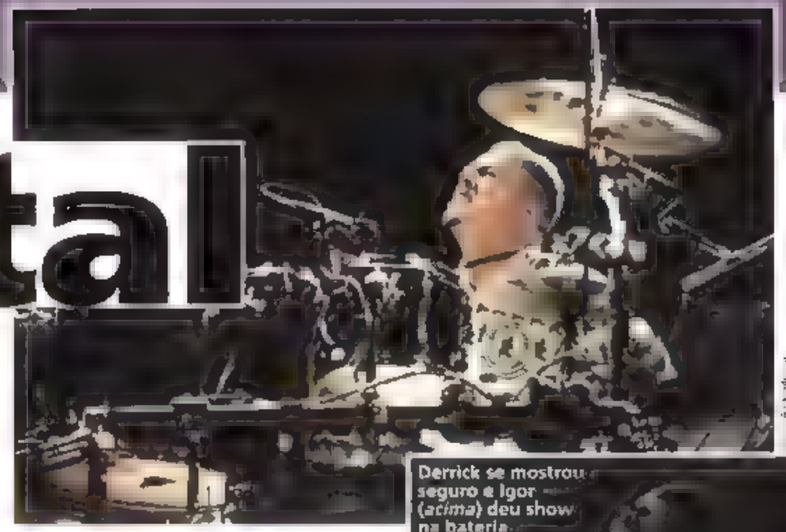
A revista Carícia é uma amigona em todos os momentos.
Quando você acha a vida ma-ra-vi-lho-sa, ela está ao seu lado dando altos toques pra você curtir seus amigos, seu gato e aproveitar o melhor da vida. E quando pinta o maior embaço ela tem sempre uma palavra amiga, uma dica quente pra você se valorizar, dar a volta por cima e voltar a sorrir.
Não é isso que a gente procura em uma amiga?

carícia

Quinzenalmente, nas bancas.

Ao Vivo

Deuses do metal



Derrick se mostrou seguro e Igor (*acima*) deu show na bateria

Metallica/Sepultura
Anhembi (São Paulo), 8/5

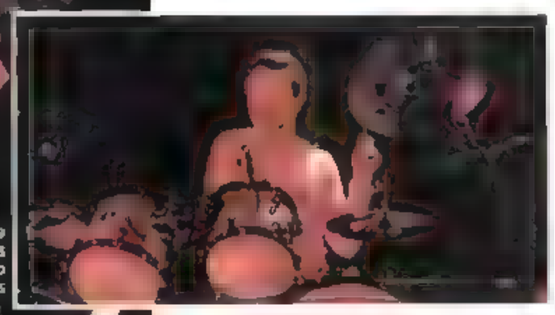
É o tal negócio: os discos recentes não são nem a sombra dos anteriores, a vendagem não é mais a mesma e a agressividade jaz em algum lugar da estrada. Nada disso conta com o Metallica e a cena. Vinte e uma músicas depois, a conclusão: o grupo até já fez shows melhores por aqui (como na antológica turnê do *Black Album*, em 1993) mas ainda é uma instituição (quase) imbatível. O Sepultura não ficou atrás e pode se orgulhar, em sua própria avaliação, um dos melhores shows "em casa" de sua carreira.

Houve quem chiasse: boa parte dos cerca de 35 mil fanáticos que entupiram o Anhembi viu e ouviu muito pouco apesar dos extorsivos 70 reais pagos. O som, baixo e ruim, só privilegiava quem estava mais próximo e a pista imensa e intransitável, dificultava muito a visão do palco, já que não havia telões. Ainda assim, cada acorde mais conhecido bastava para chacoalhar freneticamente milhares de esqueletos.

Para quem acompanha a trajetória do Sepultura, ver o grupo abrindo para o Metallica tem sabor especial. Derrick Green está mais seguro, Igor continua um fenômeno nas baquetas e Andreas Kisser hoje, é um guitarrista completo. O repertório de *Against* foi aprovado e os heróis saíram com merecido triunfo.

O Metallica versão 99 dispensa grandes produções de palco e concentra-se nas execuções. Já na segunda música, mandou "Master Of Puppets". O material de *Load* e *Reload* mostrou-se estudado em detalhes, funciona e ganha [illegible] atmosfera *doom metal*. Ok, tocaram "Sad But True", "Fade To Black" e "And Justice For All" e até "The Unforgiven", mas quem esperava velharias como "Fight Fire With Fire", "The Four Horsemen" e "Welcome Home (Sanitarium)"? O episódio, com "Enter Sandman" e "Battery", foi apocalíptico. Quando é que tem mais?

Carlos Eduardo Oliveira



Kirk e Lars (*na bateria*) pegam mais pesado ao vivo do que nos discos

James jura que não está deixando o cabelo crescer novamente

Heavy sinfônico

Escarrapachado no sofá da sala de afinação, com sua célebre guitarra EPS preta do lado, James Hetfield recebe SHOWBIZZ tranqüilo – nem parece que chegou às pressas do aeroporto para, dali a instantes, encarar a horda sedenta pelo Metallica. Num papo rápido, o guitarrista/vocalista adiantou como é o recém-gravado disco ao vivo ao lado da Orquestra Sinfônica de São Francisco, que deve sair até o fim do ano.

O Sepultura foi a escolha natural para essa turnê sul-americana?

James Hetfield: Claro, eles são os melhores do Brasil, trazem mais gente aos shows.

O Metallica quase não tira férias mas fará poucos shows em 99. Por quê?

Somos muito honestos com nossa idade (*risos*). Não podemos fingir ser jovenzinhos, nosso corpo – especialmente minha garganta – nos diz que cinco noites por semana já é mais uma boa idéia. Quem paga quer ver um grande show, não uma banda cansada. E o Metallica sempre dá o melhor.

Como foi tocar ao vivo com uma orquestra?

Incrível. A idéia existe há anos, mas só rolou agora. Já havíamos incluído cordas em "Nothing Else Matters" e uma ou outra música, mas um dos dois mundos ao vivo foi desafiador. Escolhemos 20 e tantas músicas, o maestro escreveu arranjos para vinte e poucas. Ensaiamos duas noites e foi uma droga, então estávamos bastante nervosos. Algumas coisas nem ficaram boas, como "Unforgiven", mas músicas em que eu nem apostava muito, como "Battery", "Fuel" e mesmo "Enter Sandman", ganharam novo brilho. Abrimos com "Call Of Ktulu" – que passamos uns quinze anos sem tocar e ficou demais, e também incluímos duas inéditas. No final, os músicos da orquestra estavam em êxtase. Eles nunca haviam recebido tanta energia do público! O disco deve sair no fim do ano.

Estádio da Gávea (Rio), 9/5

Saindo [illegible] estádio [illegible] de onde se pode [illegible] da Gávea [illegible] Leste Redentor – conspiravam a favor o movimento do lado de fora não era muito animador às 19h30. 30 minutos antes do horário marcado para o Sepultura pisar o palco. No gramado, o público não era mais do que razoável (chega a 10 mil pessoas, marca digna se considerados os 70 reais do ingresso) às 20h em ponto, quando Derrick, Andreas, Paulo e Igor pisaram no acelerador com a faixa título de seu último álbum, *Against*. Pego de surpresa, o público se amontoou no gargarejo para acompanhar a estréia do quarteto na Cidade Maravilhosa. Se esforçando [illegible] gabito [illegible] um ótimo passo com louvor na prova, deixando para Andreas papos mais longos, como: "Vocês estão botando São Paulo no bolso".

[illegible] continua com a energia de sempre, embora Derrick não tenha o carisma de Max Cavalera. Igor, Paulo e Andreas estão mais entrosados do que nunca em novidades como a última "Choke" ou em clássicos tipo "Dead Embryonic Cells" e "Troops Of Doom". O Metallica foi bem representado na abertura [illegible] baixista Jason Newsted, que pegou uma guitarra e soltou os pulmões em "Territory" e "Refuse/Resist". O fechamento com "Roots Bloody Roots" fez o estádio já mais cheio pular como pipoca.

Passava das 21h30 quando o conhecido riff do *Esporte Espetacular* [illegible] Metallica [illegible] trou quicando, ao som de "Battery". Lars elegeu o show do Rio como o melhor da turnê e finalizou: "Nós amamos vocês. Nos vemos [illegible] anos. Não dá pra voltar em 2000, não?

Bernardo Araujo

Um lobisomem? Um vampiro? Não, Keith Flint, do Prodigy

Prodigy tira o atraso de SP

Close Up Planet

Anhembi (São Paulo), 15/5

Já passava das onze e a turma do [illegible] observava [illegible] doze *roadies* arrastando a parafer[illegible] [illegible] para o palco. [illegible] Prodigy [illegible] se encontravam no estacionamento do [illegible] São Paulo [illegible] DJ [illegible] Howlett [illegible]

[illegible] Prodigy era [illegible] desde [illegible] 1998, quando a apresen[illegible] Close Up Planet de São Pa[illegible] estrutura do palco. [illegible] *roadies* [illegible] Maxim Reality [illegible] certeza [illegible] estava se realizando. A abertura do show com "Rock'N'Roll" serviu como prólogo para o hit agressivo "Smack My Bi[illegible]". Um pouco fora de forma [illegible] Keith Flint [illegible] provocava a galera [illegible] era atendido prontamente.

[illegible] para que Leeroy Thornhill [illegible] dançarino [illegible] Beastie Boys [illegible] sem [illegible] um transe geral. Para maltratar, logo em seguida, DJ Howlett [illegible] "Breathe" [illegible] execução nas rádios [illegible]

[illegible] do álbum *The Fat Of The Land* [illegible] guitarrista [illegible] a diferença. Sem esquecer as poderosas "Firestarter", "Poison" e "Fuel My Fire", o Prodigy selou uma apresenta[illegible] competente [illegible] nem todas as demais atrações do festival conseguiram.

A maratona de shows começou [illegible] por volta das seis da tarde. Herança maligna de Skank e Cidade Negra, o reggae [illegible] Raskatan [illegible] 15 [illegible] e Chico Science em "A Praieira" e meteu [illegible] final.

[illegible] Otto [illegible] Sempre [illegible] para entrar [illegible] fino como sempre, falou e berrou pelos [illegible] galera [illegible] Renault, Peugeot [illegible] tentativa de confraternizar [illegible] uma [illegible] maconha.

Na sequência, Arnaldo Antunes fez a platéia [illegible] primeira música [illegible] "Música Para Ouvir". [illegible] possibilidade [illegible] talvez sejam as únicas [illegible]

Quem pegou o rojão de tocar antes do Prodigy foi o DJ e produtor Roni Size. O inglês [illegible] para testar material [illegible] nuances jazzísticas do drum n'bass. Bem [illegible] o repertório [illegible] *New Forms* [illegible] álbum de Size [illegible] show para [illegible] perdeu [illegible] pelo Marky Mark, nascido e criado na Penha [illegible] São Paulo [illegible] apresentar.

Grande parte dos 28 mil presentes já [illegible] Marky Mark [illegible] DJ [illegible] mesmo Marquinho [illegible] as boates da Zona Leste [illegible] galera da periferia. Marky [illegible] movimentos [illegible] sinal de [illegible] [illegible] meio da multidão [illegible] de um [illegible] *clubbers* [illegible] Keith Flint [illegible] Maxim Reality [illegible] Carlos [illegible] Muita coisa [illegible] [illegible] Vanderlan [illegible] [illegible]

José Flávio Júnior

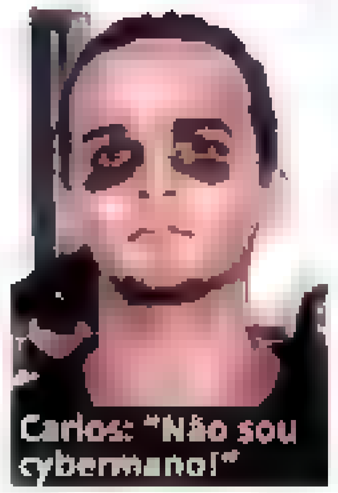
Maxim Reality comanda a festa no Anhembi

Humildade e coragem são as armas de Otto

DJ Howlett precisa de doze *roadies* para arrastar suas tralhas

Arnaldo Antunes: o público prefere seu silêncio

Teve até clone de Bono Vox na platéia



Carlos: "Não sou cybermano!"

Vanderlan: máscara contra o oportunismo

Adivinhe o que aconteceu quando o corpo desceu...

Os irmãos químicos Ed Simons (à esq.) e Tom Rollands puseram o Rio para pular

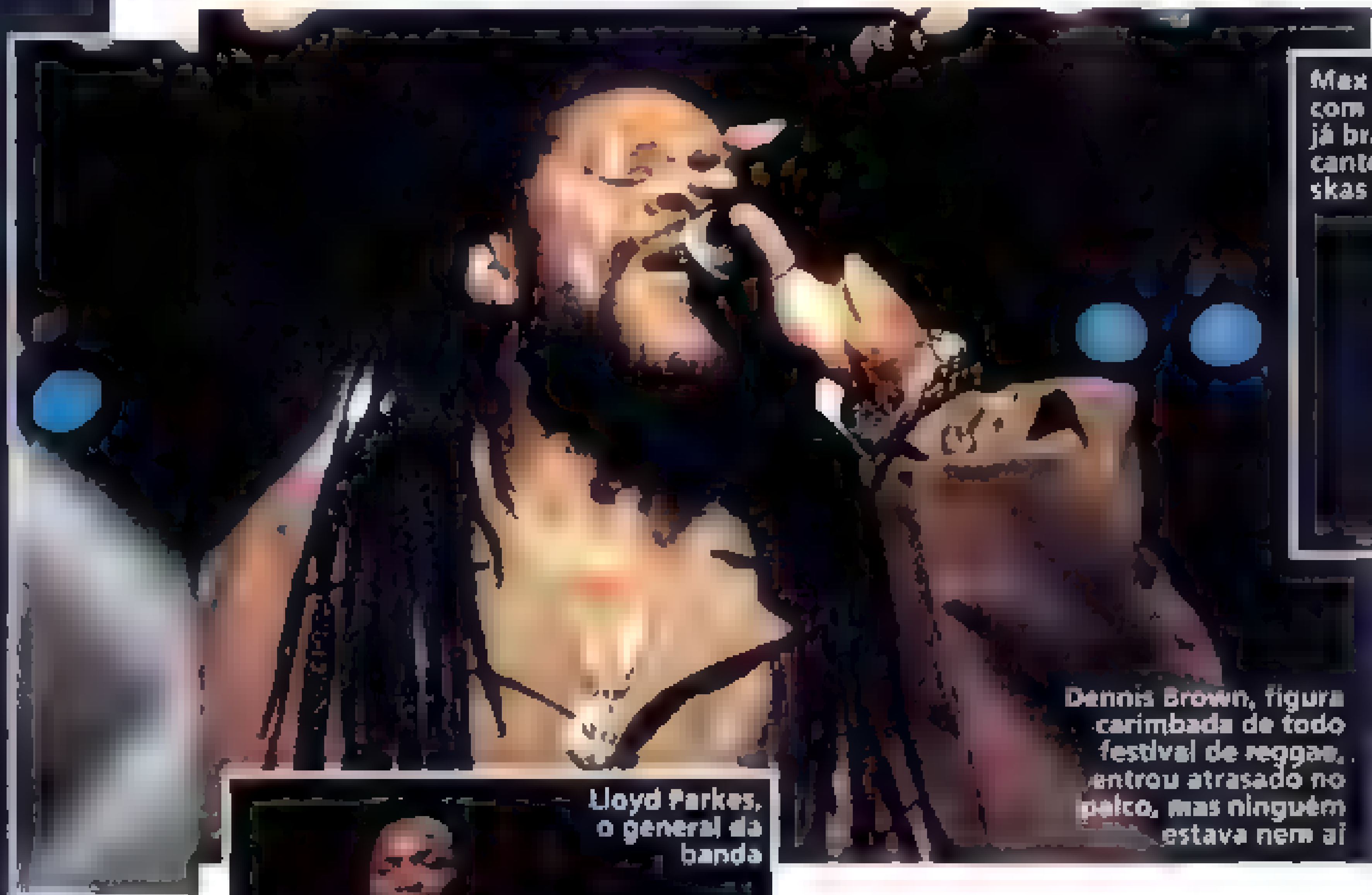
Rendição à química eletrônica

Chemical Brothers

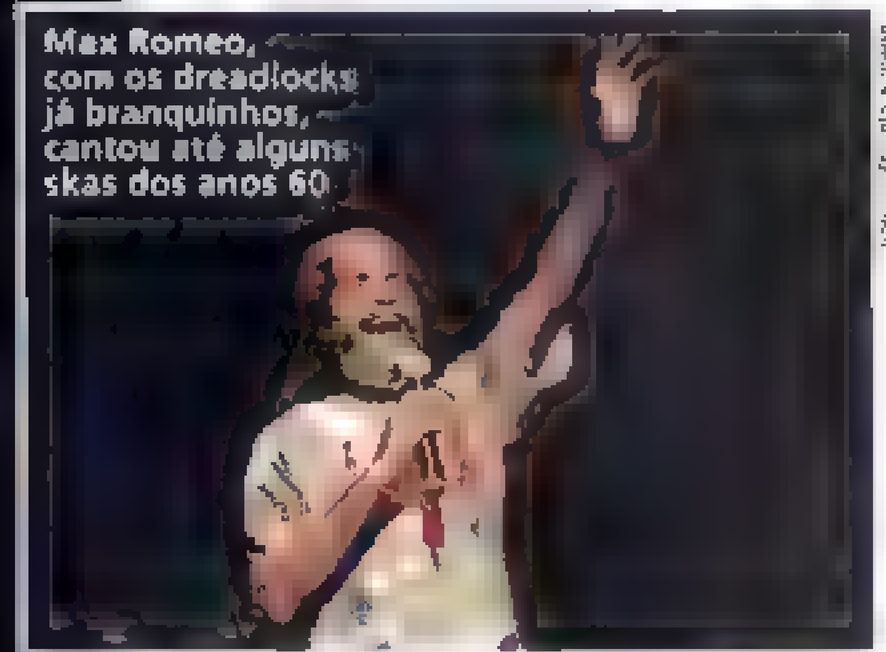
Metropolitan, Rio, 19/5

"Você já ouviu falar do Chemical Brothers?" foi o comentário feito por um entusiasta horas antes dos Chemical Brothers subirem ao palco do Metropolitan. Apesar de [illegible] pessoas que foram ao show [illegible] Os irmãos [illegible] Simons [illegible] Tom Rowlands [illegible] produtores [illegible] *Dig Your Own Hole* [illegible] [illegible] [illegible]

Gregory Isaacs, o Zé Pilintra em pessoa, chegou inteirão, mandou uma dúzia de seus clássicos e fez todo mundo cantar junto



Dennis Brown, figura carimbada de todo festival de reggae, entrou atrasado no palco, mas ninguém estava nem aí



Max Romeo, com os dreadlocks já branquinhos, cantou até alguns skas dos anos 60

Lloyd Parkes, o general da banda

Mitos e lendas da Jamaica

Reggae Sunsplash
Via Funchal (São Paulo) 22/5

A fest[illegible] de reggae tinha [illegible] para [illegible] mansão de Lloyd Parkes, Max Romeo, Dennis Brown e Gregory Isaacs, quatro dos maiores nomes do reggae em todos os tempos, fizeram [illegible] pessoas [illegible] dançar [illegible] o frio da noite paulistana. O [illegible] começou três semanas antes, quando anunciaram [illegible] os dias 7 e 8 de maio essa primeira versão brasileira (e bro[illegible]tinho) do *Reggae Sunsplash*, um dos maiores festivais do gênero [illegible] mundo. Além desses artistas [illegible] ainda [illegible] Israel Vibration [illegible] bandas nacionais Nativus e Tribo De Jah.

Não rolou. Entre [illegible] informações e contra-informações, ficou assim: os jamaicanos não tinham visto de entrada no Brasil. Apenas um deta[illegible] claro [illegible] na véspera. Foram marcadas novas datas, que também viraram fumaça. Finalmente tudo certo para o dia 22, com a lamentável ausência do Israel Vibration, que é excepcionalmente bom.

Apesar da confusão e da divulgação ineficiente, o Via Funchal estava bem cheinho. Nem mar de mauricinhos e patricinhas, os negrões cabeludos, que mantêm uma ligação cultural e/ou espiritual com o reggae, mais os amantos da velha guarda, hoje mais discretos, eram absoluta maioria, quase uma contraria. Será que aquela galera toda, que aproveitava para soltar fumaça longe da vista dos pais e dos seguranças, sabia quem ia tocar? Não importava.

A banda do show era a do veterano Lloyd Parkes, baixista de doze dedos [illegible] compositor talentoso, que tem um time chamado We The People, uma verdadeira escola de bons músicos. Hoje, Parkes leva a vida acompanhando artistas [illegible] de A a Z, renovando seus *dream teams* com soluções caseiras — o batera, por exemplo, é seu filho Craig Parkes, um galalau de 21 anos.

Eram 22h30 e nada. O DJ (ou técnico de som?) soltou um Men At Work e ganhou uma vaia fenomenal. Havia clima? Três dias antes, Augustus Pablo, um dos maiores gênios da música jamaicana, ídolo de Ed Motta, morrera na Jamaica vítima de uma rara doença no sistema nervoso. Mas, também, ninguém estava preocupado com isso. A [illegible] já [illegible] solta quando a banda atacou com alguns grooves manjadaços, um melhor que o outro. Lloyd Parkes entoou "The Wolf", que é sucesso só no Maranhão — é conhecida por lá como "Meu [illegible]". Tudo bem: aplausos, assovios.

O primeiro a entrar foi Max Romeo, que nos anos 60 ajudou a tirar o reggae dos guetos com o hit "Wet Dream". Foi ele também que, com a colaboração do lendário Lee "Scratch" Perry, fez um dos melhores discos de reggae da galáxia, *War Ina Babylon*. Fora o resto. Aos 54 anos, onze filhos, com os dreadlocks grisalhos, Max emocionou a velha guarda e entusiasmou a juventude dourada. Logo detonou dois de seus clássicos, "Let The Power Fall On I", "Three Blind Mice". Depois veio "Keep On Moving", de Bob Marley, "Take It Easy", de outro bonzão, Hopeton Lewis, e até um velho e bom ska, herança do tempo em que tudo começou. Rolaram ainda "One Step Forward" e, claro, "War Ina Babylon", com direito à citação de "Give Peace A Chance". Max saiu do palco e voltou para cantar mais um skazinho e...

Deu 23h50 e Dennis Brown ainda não havia chegado. A banda já ensaiava uma performance instrumental quando entrou em cena Raimundo Bujão, baiano, produtor musical e caradura. Com a cabeleira rastafári e um inglês torto que poderia ser [illegible], mandou ver "Natural Mystic", de Bob Marley. A platéia? Nem aí para nada (e cada vez [illegible]). Aplausos, assovios.

Eram 30 minutos de domingo quando Dennis Brown entrou no palco. Negão forte, daqueles que [illegible] com a cara [illegible], apesar dos [illegible] anos bem vividos, marcou presença [illegible] com um pot-pourri de alguns de seus grandes sucessos.

Bandeiras de Bob Marley tremulavam no gargarejo. Todo Brown é bom. Rolaram "Hold On Me", "Revolution" e "How Could I Leave", entre outros [illegible]. Atrás, as cortinas começaram os desdobramentos para trazer Gregory Isaacs ao [illegible]. Nunca se sabe [illegible] dão, incerto e personalíssimo. Mas, [illegible] da tensão, ele chegou direitinho, sem atrasos, de terno preto, chapéu branco. Conhece o Zé Pilintra, aquele da umbanda? Pois é, Gregory é [illegible]zinho!

O maranhense Walber Tosh conseguiu furar a segurança e entrar no *backstage*. Dono de uma radiola (um potente sistema de som) com o qual faz festas de reggae para os [illegible] que vivem em São Paulo, ele trazia [illegible] de [illegible] e uma câmera fotográfica. Se deu bem, foi tratado que nem [illegible].

Faltavam 10 minutos pra 1h00 quando Lloyd Parkes e seus feras mandaram os [illegible] de Gregory Isaacs. O públi[illegible]. Aplausos, assovios. Inteirão, careca [illegible] tranças [illegible], [illegible]çando o quadril, o "Cool Ruler" entrou dançando, lenta e maliciosamente. O Via Funchal veio abaixo. Impressionante como os [illegible] fazem sucesso. Gregory começou com "Number One". Depois [illegible] "Soon Forward", "Top 10", "All I Have Is Love", "Rumours".

Era 1h09 quando [illegible]. A voz [illegible] ninguém [illegible] "Night Nurse" e "The Border". Mas [illegible] Dennis Brown e Max Romeo [illegible].

Ninguém [illegible]. Era 1h15 quando [illegible] a Deus fazendo [illegible] Funchal.

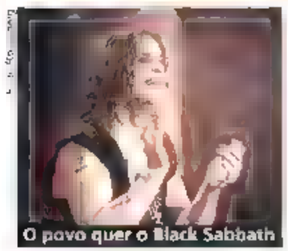
Otávio Rodrigues

EntreLeitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, Sao Paulo - SP
e-mail showbizz at editor@email abril com.br

CORRESPONDÊNCIA


O povo quer o Black Sabbath

Black Sabbath: Adelaide P Lunck – Rua Palmares 282 – Vila Rica – Gravataí, RS – CEP 94070-290

cranberries: Karonula Marcos Rua A, 90, Conjunto Morada do Sol – Calumbi – Feira de Santana, BA – CEP 44085-080 – Tel. (075) 223-0693

Garbage e Eurythmics: Elvis S. Zacarias – Rua Justino Rodrigues da Conceição, 29 – Jardim Vale Verde – São Paulo, SP – CEP 04945-000 – Tel. (011) 3040-3463

Hole: Diego Bassin – Rua Joaquim Ribeiro 14 – Campo Grande – Rio de Janeiro, RJ – CEP 23036-440 – Tel (021) 394-4713

Ira!, Metallica e Titãs: Nelson Pereira Gomes – Rua Tabatinguera, 140, conjunto 716 – São Paulo, SP – Tels 3105-7330 e 3105-7325

Janis Joplin e Black Sabbath: Fabia dos Santos – Rua Professor Azambuja Suzano, 70 – Jardim Niterói – São Paulo, SP – CEP 04432-190

Kid Abelha: Roberta B Mariano – Rua Cunha Matos, 145 – São Paulo, SP – CEP 05364-010

Marisa Monte: Mafra B. Galindo – Rua Alberto Rocha, 165 – Clesf – Paulo Afonso, BA – CEP 48600-000 – Te (075) 281-2117

Radiohead e PJ Harvey: Anice F. A Mureb – Rua 27 quadra 36, casa 22 – Cohab/Anil IV – São Luís, MA CEP 65051-720

Rock'n'roll: Camila X. Nunes – Rua Silvio Sanson, 537 – Piratini – Sapucaia do Sul, RS – CEP 93214-570

Roxette: Leandro Magalhães – Rua Mato Grosso, 1087 ap 801 – Divinópolis, MG – CEP 35500-027 – Tel (037) 221-0501

Scorpions: Adriano M Mota – Rua Sizenando Lucena, 773, Conjunto Liberdade I Mossoró, RN – CEP 59633-250 – Tel. (084) 312-1878/1054

MÚSICOS

Banda vocal. Procuramos garotos que gostem de cantar e dançar no estilo N Sync e Backstreet Boys. Tels (021) 796 2973 (Fabio) e (021) 852-4403 (Erika)

Beatles e Stones: Covers dessas bandas, me procurem mandando carta com foto Sam M. Milhosi – Rua Barra do Bacururu, 213 – Jaraguá S. Paulo, SP – CEP 02993-000

Estilo protesto: Procuro cantores ou bandas para gravarem musicas de minha autoria, que não são rock pesado. Elton O. Dorta – Rua Professora Edméia Attab 178 – Sao Paulo, SP – CEP 04756-180 – Tel (011) 6966-4 (a noite)

Girl Band I: Guitarrista, procura vocalista, baixista e baterista para montar banda feminina. Beatriz L. Vieira – Rua Aldo Bonari, 86, ap. 302 – Barra da Tijuca – Rio de Janeiro – CEP 22621-160 – Tel. (021) 493-7345

Girl Band II: Procuramos garotas para grupo vocal no estilo Spice Girls. Carla e Fernanda – Rua Cadiz, 107 – Santo André, SP – CEP 09250-160

Girl Band III: Vocal masculino procura guitarrista, baixista, tecladista e DJ melhores. Frank Silva – Rua Dom Inocencio, 61 Santa Maria, 197 Vila Medeiros São Paulo, SP – CEP 02218-070

Guitarrista: procuro baixista e bateria da região de Campinas para fazer covers e música própria, com vontade e rebeldia Guto – Rua João Alves dos Santos, 305 – Campinas, SP Tel (019) 253-7336

Punk rock: Compositor e guitarrista precisa de dois guitarristas, baixista e baterista para banda com influência de Bad Religion Pennywise, NOFX Felipe Judas Alameda Brasil, 816 – Alphaville II – Barueri, SP – CEP 06470-000 Tel. (011) 421 5705

Qualquer estilo: baixista profissional procura banda para trabalho sério. Cristiano A. Silva – Rua Bento Gonçalves, 444, ap. 707 – Lajeado RS – Tel. (051) 714-4744

TROCO

Oasis por Bryan Adams Shows, entrevistas, documentários, clipes da banda por VHS do show *Unplugged MTV* do cantor de 1997. Thatiana Leles – Rua Paris, 120, ap 2 – Viçosa, MG CEP 36570-000 Tel (031) 891-9305

Hendrix, Iron, Zeppelin e Floyd por U2: Tenho revistas e pôsteres desses artistas, mais Nirvana e Metallica. Elza R Pietschaki – Rua Fausto Pereira, 80 – Osvaldo Cruz I-CIC – Curitiba PR – CEP 81170-130

Vários por Radiohead: Tenho bandeira importada do Oasis, CD do Doors, VHS do Nirvana e outros, troco por qualquer material do Radiohead Poliana A. Costa Q-03, conjunto E, casa 19 – Lago Sul – Brasília DF – CEP 72410-030 Tel. (061) 556-9108

Vários por Silverchair I: Tenho material importado de Marilyn Manson, No Doubt, Skid Row, Aerosmith, Metallica, Alanis, Matchbox 20 e outros. Gizela Kelmann – Estrada dos Índios, 342 – Arujá, SP – CEP 07400-000

Vários por Silverchair II: Troco material nacional e importado por Silverchair. Roberta França – Rua Marcilio Dias 1150, ap. 1101 – Novo Hamburgo, RS – CEP 93310-110

PROCURO

Bon Jovi e Duran Duran: CDs, vídeos, revistas, fotos e outros materiais Wagner Cesar – Rua Alfredo Mendes da Silva 510 – Butantã, São Paulo SP – CEP 05525-000 – Tel (011) 3751 1847

CD ou vinil: das bandas Replicantes, Ultraje a Rigor e Inocentes, Renato Neves – Conjunto Satélite WE-8, 94 – Belem, PA – CEP 67115-000 – Tel. (091) 248-1063

Gabriel O Pensador: Todos os seus videoclipes Luciana V Santos – Rua Frei Caneca 102 – Harmonia – Canoas, RS – CEP 92310-460 Tel. (051) 476-4581

Jota Quest: Procuro reportagens, boas fotos, gravações em VHS. Carina I Maekawa – Rua Professor Paulo Ferraz Massaro 763 – Vila Lavínia – Mogi das Cruzes, SP – CEP 08730-560 Tel (011) 4727-2406

Korn: Troco tudo de música que tenho por material do Korn! Maria Clara Mallet – Rua Martinho Nobre, 84, ap. S-103 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20241-050

Korn causa desespero

Oasis: VHS do especial do Oasis transmitido pela MTV no início do ano. Lorrene C Vieira – Rua João Peixoto Neto, 315 – Lauro Passos – Cruz das Almas BA – CEP 44380-000 – Tel (075) 721-20

Pink Floyd: Compro fotos CDs gravações de shows, entrevistas da banda. Erik Tonon – Av Padre Anchieta, 1031 – Jordanópolis São Bernardo do Campo, SP – CEP 09891-420

Pixies: Gravação em video do especial *Lado B* da MTV Ricardo Julio de Souza Rua Roberto F de Bartos 133 – Vila União – Campinas, SP – CEP 13060-743 – Tel. (019) 229-2066 (2ª a 6ª, de manhã)

Sepultura: Procuro quem tenha gravado o programa da MTV *Pé na Cozinha* com Igor Cavalera e compro tudo relacionado ao Sepultura. Noémia E Braga Rua C 135 quadra 287, lote 1 – Jardim América – Goiânia, GO – CEP 74275-040 – Tel.: (062) 251-4938

Smashing Pumpkins Compro ou troco por material de outras bandas Jandyra A. Silva – Rua Nova Cruz, bloco 4, entrada A, ap. 402 – Guadalupe – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21675-370 – Tel (021) 359-2472

U2. Procuro os endereços dos fãs-clubes The Fol owers (presidente Evelyn Lucia) e U2 Brasil (presidente Gustavo Carvalho). Maria Lúcia de Jesus Rua Cardeal Stepinac, 465, ap. 302 – Cidade Nova – Belo Horizonte, MG – CEP 31170-220 – Tel (031) 484-1969

VENDO

Aerosmith: Coleção de treze CDs mais fita de video, tudo lacrado (R$ 450) Elisvalda S Alcântara – Rua Adriano Ariana, 67, casa 2 – Jardim Maristela São Paulo, SP – CEP 05159-240 – Tels. (011) 9968 7872 e 3903 2558

Bon Jovi, Legião e Nirvana: Pastas com entrevistas e pôsteres Luciano Jose B Siqueira – Travessa Luzia Pedrosa 27 – Centro – Palmares PE – CEP 55540-000

Fichas do rock: Coleção completa encartada na BIZZ, mais artigos de bandas nacionais e internacionais. Guttemberg H. Silva – Tels. (031) 426-5497 e 9995-1660

Fotos: Deep Purple Stratovarius, Bruce Dickinson, Gamma Ray, Savatage, Helloween, Band Guardian e outros por R$ 2. Melissa – Rua Cayowaa 2175, ap. 52 – Sumaré – São Paulo SP CEP 1258-0[illegible]

Metallica: Reportagens de revistas importadas. Roberta M Silva – Rua Jornalista Felipe Drummond, 91, ap. 504-B – Belo Horizonte – CEP 30380-310 – E-mail k.cauo@uol.com.br

FÃS-CLUBES

Capital Inicial: O Retorno – A/C Arthur Fontana – Rua Otapoc, 608 – Votuporanga, SP – CEP 15500-000

Fernanda Abreu: Brasil 40 Graus – Rua José de Magalhães, 235 – São Paulo, SP – CEP 04026-090

Guns N'Roses: Uzi Stucchi do Brazilian FC – Rua Antonio Marciano, 25 – Heliopolis Belford Roxo – Rio de Janeiro RJ – CEP 26123-660

Kid Abelha: Autolove – A/C Sarita Loureiro – Cidade Nova 4, WE 46, 331 – Ananindeua, PA – CEP 67133-000 – Tel (091) 263-6940

FANZINES

Carlinhos Brown: Brown Concessa Fanzine – Rua Dominique Serres 145, ap. 51, bl. B – Itaquera – São Paulo, SP – CEP 08255-720

Frank Black e Pixies: Sir Rockaby Zine Av. Princesa Isabel, 186, ap. 906 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22011-010

Musica alternativa: Flores Mecânicas Luiz Inez A/C Adriano M de Souza Caixa Postal 538 – Jaraguá do Sul, SC – CEP 89251-972

As regras para colocar um anuncio aqui:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar quarenta palavras. Não estamos de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, pois a conformidade nos horários e disponibilidade para atender aos interessados. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

Letra Traduzida

"Real Life"

(Jon Bon Jovi - Desmond Child)

I wish that life was like it is in the movies
'Cause the hero always gets his way
No matter how hard it gets on that dark, lonely road
At the end he's got a smile on his face
But when they threw me out to the lions
No one saved me as I fell from your grace
And no one wrote me new lines for what said wrong
And what I did wrong I could not erase

(Refrão)
This is real life, this is real love
This is real pain, that much I'm sure of
These are real tears, these are real fears
Inside that I can't hide

I wish that I could be a white knight in armor
With an army just to bring you back home
But I'll admit I'm scared of dialing your number
And someone else is gonna answer the phone
Why can't it be like it is on TV
When the orchestra plays and you come back to me

(Refrão)
This is real life, this is real love
These are real wounds that I'm bleeding from
And I realize this is real

I always thought that our love was a story book tale
God knows that I'd never dream in the end it would fail

(Refrão)
This is real life, this is real love
These are real wounds that I'm bleeding from
And I realize this is real
This is real life, this is real love
This is real pain, that much I'm sure of

Direitos cedidos para o Brasil a MERCURY PROD. ED. MUSICAIS LTDA.

Novo single prepara o caminho para o retorno do Bon Jovi

Bon Jovi retoma a banda sem largar o cinema

Candidato a Sinatra

"Acho que poderei viver de música e cinema até quando quiser", diz Jon Bon Jovi com a imodéstia habitual no set de *U-571*, sua mais recente produção. No filme, o sétimo da carreira do cantor – que começou dez anos atrás com *Young Guns II – Jovem Demais para Morrer*, quando também compôs a trilha sonora –, Jon é o tenente Pete Emmett, integrante da tripulação de um submarino militar americano. "Somos um grupo de caras mandados em uma missão e morrendo de medo", define ele, que atua ao lado de atores consagrados, como Harvey Keitel e Matthew McConaughey. É um filme de ação, gênero do qual Jon confessa que nunca foi fã. "Mas esse é, sem dúvida, o melhor filme de que já participei", rasga a seda o astro, que conseguiu o papel por meio de testes, como qualquer mortal. E ainda tosou o cabelo, no melhor estilo reco. Para seguir militando em duas frentes, Jon se inspira em Frank Sinatra, que ele lamenta jamais ter conhecido.

O próximo disco do Bon Jovi tem o título provisório de *Sex Sells* e deve ser gravado a partir de junho, com lançamento planejado para janeiro do ano que vem.

"A Vida Real"

Gostaria que a vida fosse como nos filmes
Porque o herói sempre se dá bem
Não importa o quanto é dura a vida
na estrada escura e solitária
No final ele tem um sorriso no rosto
Mas quando me jogaram aos leões
Ninguém me salvou quando voei não
me quis mais
E ninguém mudou minhas falas quando errei
O que fiz errado não pude apagar

(Refrão)
Esta é a vida real, este é o amor real
Esta é a dor real, disso eu tenho certeza
Essas lágrimas são reais, e o medo real por
dentro não consigo esconder

Gostaria de ser um cavaleiro de
armadura branca
Com um exército só para trazê-la de volta
Mas admito que estou com medo de
discar seu número
E outra pessoa atender o telefone
Por que não pode ser como na TV
Quando a orquestra toca, você volta para mim?

Esta é a vida real, este é o amor real
São feridas reais que me fazem sangrar
E percebo que isto é real

Sempre pensei que nosso amor fosse
uma fábula
Deus sabe que eu nunca pensaria que
no final não daria certo

(Refrão)
Esta é a vida real, este é o amor real
São feridas reais que me fazem sangrar
E percebo que isto é real
Porque esta é a vida real, este é o amor real
Esta é a dor real, disso eu tenho certeza

MTV PROGRAMAÇÃO 2000
PRA QUEM ACHA QUE OS OUTROS CANAIS ANDAM COM CARA DE SÉCULO PASSADO
2000
>>> TOP 2000
uma seleção memorável com os clipes que entraram para a história da música
>>> FUTURO MTV
a visão de quem faz a música brasileira sobre o que está por vir
Onde tem festa tem Antarctica.
CLOSE-UP
ANTARCTICA

Lulu sobe, as Spices continuam

Nacional

O [illegible] Quest [illegible] "Sempre Assim" [illegible] O [illegible] Lulu Santos [illegible] Charlie Brown Jr. [illegible] Claudinho & Buchecha, [illegible] primeiros [illegible] dias de maio. De resto, poucos anos 90 (Skank, Nativus) [illegible] 80, com Paulo Ricardo, Titãs, Capital Inicial [illegible] Ultraje A Rigor [illegible]

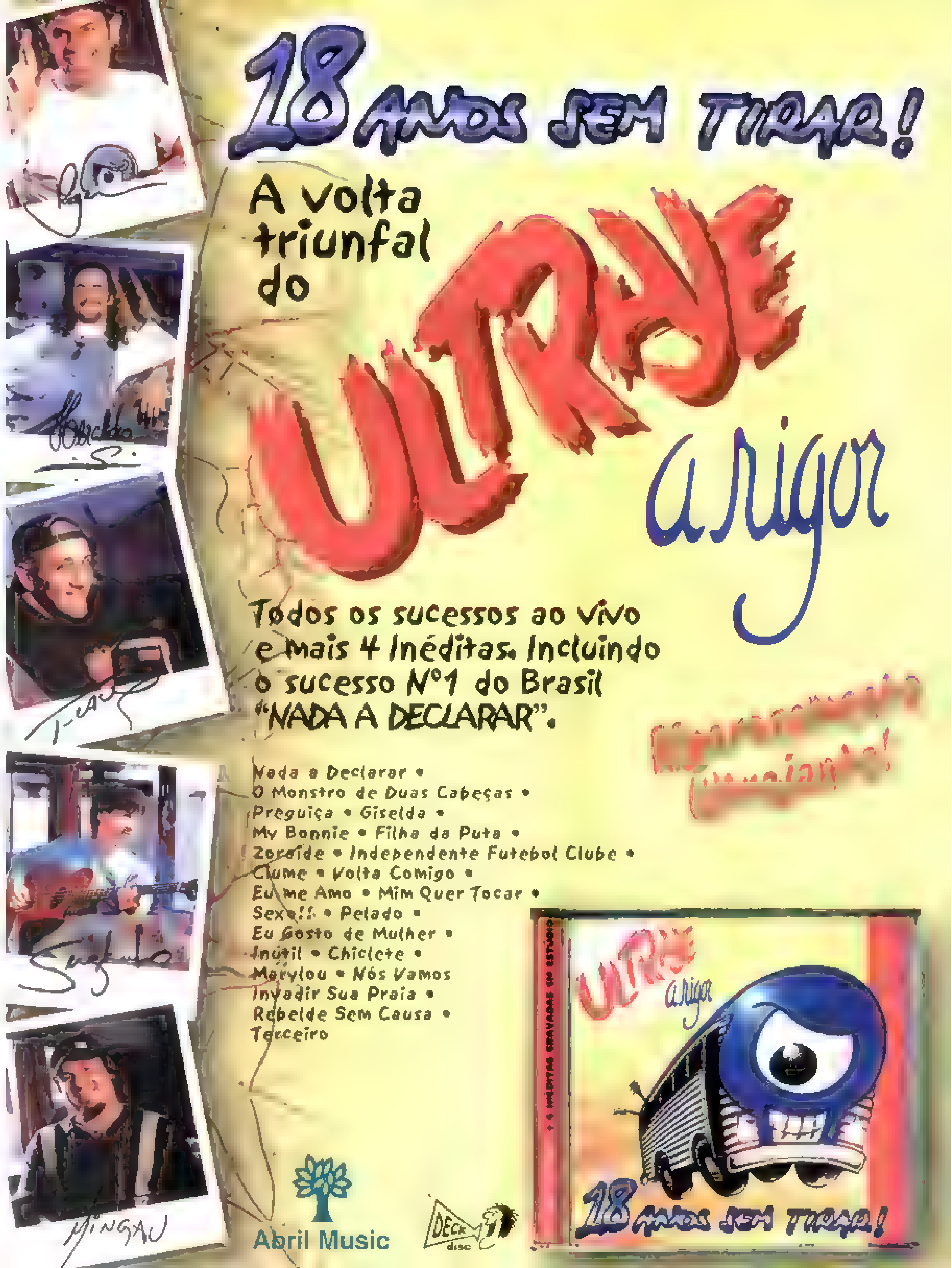
1	"Fogo De Palha" / Lulu Santos	20º
2	"Xereta" / Claudinho & Buchecha	•
3	"Sempre Assim" / Jota Quest	1º
4	"Zóio D Lua" / Charlie Brown Jr.	2º
5	"Minha Menina" / Maurício Manieri	9º
6	"Canção Pra Você Viver Mais" / Pato Fu	6º
7	"Mulher De Fases (A Linda)" / Raimundos	15º
8	"Eu Que Não Amo Você" / Engenheiros Do Hawaii	•
9	"Não Há Dinheiro Que Pague" / Paulo Ricardo	5º
10	"Eu Também Quero Beijar" / Cidade Negra	•
11	"Mandrake E Os Cubanos" / Skank	19º
12	"Dois" / Paulo Ricardo	7º
13	"Amanhã Não Se Sabe" / Titãs	8º
14	"Eu Vou Estar" / Capital Inicial	•
15	"Só Love" / Claudinho & Buchecha	•
16	"Fácil" / Jota Quest	4º
17	"Tudo Por Nada" / Paulo Ricardo	3º
18	"Liberdade Pra Dentro Da Cabeça" / Nativus	13º
19	"Saideira" / Skank	11º
20	"Nada A Declarar" / Ultraje A Rigor	•

Internacional

[illegible] Spice Girls [illegible] "Goodbye" [illegible] New Radicals [illegible] "You Get What You Give" continua com a medalha de prata, e o Offspring com o bronze, apenas tendo trocado "Pretty Fly (For A White Guy)" por "Why Don't You Get A Job".

1	"Goodbye" / Spice Girls	1º
2	"You Get What You Give" / New Radicals	2º
3	"Why Don't You Get A Job" / Offspring	10º
4	"Every Morning" / Sugar Ray	8º
5	"Never There" / Cake	4º
6	"Pretty Fly (For A White Guy)" / Offspring	3º
7	"We Are One" / Kiss	13º
8	"The Masterplan" / Oasis	•
9	"Joining You" / Alanis Morissette	9º
10	"Secret Smile" / Semisonic	19º
11	"Wish I Could Fly" / Roxette	5º
12	"To Be Free" / Simply Red	12º
13	"Maria" / Blondie	17º
14	"Real Life" / Bon Jovi	14º
15	"Whiskey In The Jar" / Metallica	16º
16	"Livin' La Vida Loca" / Ricky Martin	•
17	"Anthem For The Year 2000" / Silverchair	15º
18	"What It Takes" / Aerosmith	11º
19	"Fly Away" / Lenny Kravitz	•
20	"Praise You" / Fatboy Slim	•

Sistema de [illegible] Crowley Broadcast Analysis do Brasil [illegible] Auditoria das músicas mais executadas em doze rádios FM de São Paulo [illegible] período de [illegible] a 19 de maio de 1999. Os dados de audiência [illegible] fornecidos pelo Ibope. CBAB - Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. Proibida a reprodução sem autorização CBAB.



Hotline faz a festa do MP3

Software ajuda a encontrar a música de seu artista favorito na Internet

Uma ótima alternativa para encontrar músicas dos grandes nomes do pop e rock na Internet é recorrer ao software Hotline Client (para PC e Mac). O programa é uma espécie de ICQ, que, além de ser usado para *chats*, permite a realização de *downloads* com velocidades mais rápidas do que as conseguidas pelos *browsers* Netscape e Explorer.

Embora não seja gratuito (custa US$ 29,95), o Hotline Client pode ser carregado (http://www.hotlinesw.com/preview/downloads.html) e usado livremente, quase sem restrições (os inconvenientes são que a cada 15 minutos aparece um "lembrete" dizendo que o programa ainda não foi pago e depois de uma hora a conexão é cortada).

Depois de instalar o Hotline, é necessário configurá-lo: clique em *options* e, na janela que se abrir, escolha *general*. Preencha os campos *name* (com seu nome ou apelido) e *tracker* (no lugar do que estiver escrito, coloque *tracked.group.org*). Em seguida, feche a janela apertando em *save*. No próximo passo, clique no botão *tracker* para que uma nova janela seja aberta com os nomes de centenas de *servers* (por exemplo, MP3 Pavillion, MP3 Palace ou Lork's Wicked MP3 Shack), que são os servidores onde o "tesouro" fica arquivado. Pode-se encontrar de tudo nesses lugares: de arquivos de músicas a fotos de mulher pelada, passando por softwares gratuitos e outros nem tanto, mas que de todo modo acabam lá devido à impossibilidade de se controlar a pirataria na Internet.

Os fãs que abrem servidores Hotline e põem os CDs de sua coleção ao alcance de qualquer um procuram evitar processos judiciais colocando avisos do tipo "essas músicas são somente para avaliação e devem ser apagadas de seu computador depois de 24 horas". Na prática, não há como ter certeza de que a recomendação foi seguida: cabe a cada um decidir a atitude a ser tomada.

A grande desvantagem de procurar músicas com o Hotline Client é que não existe um serviço de busca do tipo Yahoo, em que se pode fazer pesquisas por assuntos. No Hotline, as músicas têm que ser achadas na base da agulha no palheiro: é preciso entrar no servidor e ir fuçando dentro dos *folders* que têm o nome de "MP3" atrás de suas gravações favoritas. Na maior parte dos casos, as bandas estão divididas por pastas, em ordem alfabética (o problema é que nem sempre quem você procura faz parte do elenco à disposição para *download*). Outro pequeno incômodo é que alguns servidores precisam de senhas para serem acessados, mas geralmente elas são dadas gratuitamente, bastando seguir as instruções que são apresentadas na tela.

Para "exportar" as músicas:

Há três opções para dar portabilidade à música "baixada" da Internet: plugar o equipamento de som na saída de áudio do computador e gravar uma fita cassete, "queimar" um CD por meio de um gravador de CD ou usar os *players* de MP3, como o MPMan, da Gradiente. Vendido somente pelo site da empresa na Internet (www.gradiente.com.br), o MPMan custa R$ 600,00. Para ouvir as músicas, elas devem ser gravadas em um cartão de memória, a partir do computador. Em seguida, o cartão SmartMedia deve ser inserido no *player*, que lê os arquivos e os reproduz. Esses cartões têm capacidade para até 90 minutos de áudio e um preço bastante salgado (R$ 160,00), o que significa que, quem não quiser sair pelas ruas ouvindo sempre a mesma seleção musical, precisará estar regravando constantemente o cartão.

Para tocar as músicas no computador:

Para ouvir áudio em formato MP3 é necessário um software específico que consiga "traduzir" os bytes em som. Esses programas podem ser encontrados na Internet. Os mais populares são o Winamp (www.winamp.com), para PC, e Macamp (www.macamp.com), para Macintosh.

Ilustrações Mikiri Takara

QUE TODOS OS LADOS DA FORÇA ESTEJAM COM VOCÊ.

SET, edição especial de aniversário, desvenda detalhes do novo **Star Wars**.
Os heróis e vilões. A loucura dos fãs. Entrevista exclusiva com George Lucas.
E uma novidade de arrasar: **4 capas diferentes!** Agarre a(s) sua(s). E mergulhe nesta saga.

EDITORA PEIXES

PROMOÇÃO SET- BLOCKBUSTER. GRÁTIS! UMA LOCAÇÃO DE CATÁLOGO.

A arte de "rabiscar" o vinil

Os segredos de Zé Gonzales, DJ do Planet Hemp

Para um leigo, o som do *scratch*, a técnica de mover um disco de vinil com a mão para conseguir um som "arranhado", pode parecer sempre igual, mas existem tantos estilos de se "rabiscar" um vinil com a agulha do toca-discos que até se pode "reconhecer um DJ", garante Zé Gonzales, DJ do grupo Planet Hemp e de Marcelo D2 em shows solo e no disco *Eu Tiro É Onda*.

Mic Master Mike, o virtuoso DJ do Beastie Boys, diz ter catalogado quase 300 *scratches* diferentes. Exageros à parte, alguns dos movimentos mais utilizados nas pick-ups são: *back to back* (a repetição de um mesmo trecho da música utilizando-se dois discos iguais), *cut* (quando a mão movimenta o vinil sem que seja utilizado o *fader*, canal que abre e corta o sinal dos toca-discos), *transformer* (a mão sobre o disco executa movimentos lentos sob a alta ação do *fader*) e *crab* (movimentos rápidos dos dedos sob o *fader*, como um caranguejo andando).

"Acho que aprendi rápido a fazer *scratch*", diz Zé Gonzales. Um de seus professores na arte de fazer *scratch* foi o rapper Thaíde, na época em que ambos freqüentavam a estação São Bento do metrô, ponto de encontro de quem curte hip-hop em São Paulo. No quarto onde Zé Gonzales cria bases de hip-hop sampleando outras músicas, centenas de discos de vinil estão espalhados pelo chão. Fazer *scratch* em CDs, como alguns equipamentos modernos sugerem, está fora de questão. "Aquilo não é *scratch*! Você não põe a mão no CD. É irreal!", exalta-se. Ele, então, mostra algumas de suas raridades em vinil: *A Real Mother*, de Johnny "Guitar" Watson, *Hell*, de James Brown, discos japoneses e mexicanos, trilhas do desenho *Globetrotters* e de filmes dos Trapalhões, e até mesmo um intitulado *Auto-Sugestão Para Viver Melhor*.

Alguns vinis recebem um carinho especial, como *Uno, Dos, Tres*, de Willie Bobo, pai de Eric Bobo (percussionista do Cypress Hill). "Este disco é f..., é bem raro e deve valer uns 300 dólares", acredita. Gonzales também é fã do Milton Banana Trio, grupo brasileiro de música instrumental: "Tenho uma coleção dele. Caço seus discos e pago o preço que for". Para conservar seus discos, Gonzales diz apenas passar um pano regularmente e transportá-los dentro das capas. Já as agulhas de seus toca-discos precisam ser trocadas a cada três semanas.

Zé Gonzales é uma fera do *scratch* nacional

O equipamento que o DJ leva para os shows varia conforme a estrutura oferecida, podendo incluir duas ou três pick-ups. Fora isso, na bagagem vão um ou dois mixers e um pedal delay Boss, de guitarra. "Esse pedal tem um *feedback* forte e dá um efeito de eco, como no *dub* jamaicano", explica. Ao contrário de muitos DJs, que usam fitas DAT ou MD com as bases das músicas gravadas, Gonzales gosta de tocar com os vinis em suas apresentações. Isso já ocasionou problemas, como uma agulha quebrar durante uma música ou o vinil estar riscado. "Improviso alguma coisa e damos a volta por cima."

Apesar de ainda praticar *scratches* regularmente, Zé Gonzales tem dividido sua dedicação entre os toca-discos e o sampler Akai MPC 2000. "Quase todos os discos de rap são feitos nesse equipamento", diz, enquanto mostra uma linha de contrabaixo que sampleou de um disco de Jimmie Smith. O Akai permite alterar a velocidade das batidas e sons, possibilitando a combinação de elementos que, originalmente, estão em tempos diferentes.

A polêmica em samplear músicas ficou mais branda após os rappers concordarem em dar crédito para seus autores – e uma porcentagem sobre sua execução. Isso significa dividir a autoria da música com os "sampleados", que são exigentes em sua participação. "Uso um trecho pequeno e o cara pede 50% da autoria. Dá vontade de não falar nada...", diz, indignado.

Com o cancelamento de diversos shows do Planet Hemp neste ano, Zé Gonzales aproveitou para preparar seu primeiro disco solo, que deve sair até dezembro, e exercer sua atividade predileta: aventurar-se pelos sebos de São Paulo em busca de vinis raros. A adoração pelos discos faz dele um radical — mas bem-humorado. "Só sampleio vinil. Sempre digo que quem o faz com CD está sujeito a uma maldição."

Luciano Marsiglia

ENTREVISTA: Baby do Brasil - uma conversa franca com a cantora mais cósmica da MPB sobre sexo, maconha, extraterrestres, a doce vida comunitária com os Novos Baianos e, claro, outras vidas. **20 PERGUNTAS:** Anna Bárbara Xavier, a graciosa Babi da MTV, fala do desafio de apresentar, ao vivo, um programa sobre sexo e de intimidades de sua própria vida.

*Somente nas edições de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Recife, Fortaleza, Salvador, Brasília e Goiânia.

PLAYBOY
As melhores coisas da vida.

Prisioneiro do blues

Show em penitenciária de Chicago mostra o talento de B.B. King como músico e entertainer

Vinci Cerra

Ficha técnica

Ano de lançamento: 1971
Produção: Bill Szymczyk
Músicas: Introduction • "Everyday I Have The Blues" • "How Blue Can You Get" • "Worry, Worry, Worry" "3 O'Clock Blues/Darlin' You Know I Love You" •"Sweet Sixteen" "The Thrill Is Gone" • "Please Accept My Love"

Este foi o LP de B.B. King que alcançou melhor posição na parada pop americana (25º lugar). Teve reedição em CD pela MCA (atual Universal Music) e já foi lançado no Brasil. A banda que acompanhou B. B. King no show do dia 10 de setembro de 1970 era formada por Louis Hubert (sax tenor), Booker Walker (sax alto), John Browning (trompete), Ron Levy (piano), Wilbert Freeman (baixo) e Sonny Freeman (bateria).

Live In Cook County Jail

B.B. King

É impossível apontar o melhor título entre a vasta discografia do rei do blues, mas *Live In Cook County Jail* é representativo não só pela demonstração do talento de Riley B. King como por registrar um show emocionante para 2 mil detentos na penitenciária de Chicago.

A festa começa com "Everyday I Have The Blues" (de Memphis Slim) num ritmo alucinante e com os metais em brasa, como se costumava falar na época. A partir daí, todos os elementos que formaram e consagraram seu estilo peculiar desfilam pelo palco: a sofisticação do jazz (veja-se por exemplo o trompete que responde alguns versos em "How Blue Can You Get"), o soul (que permeia todos os arranjos dos metais) e as frases de guitarra recheadas de *bends* lancinantes e vibratos (como em "Worry, Worry, Worry") que o fazem balançar a cabeça com aquele jeito bonachão que é sua marca registrada. Um dos pontos altos, claro, é seu maior sucesso, "The Thrill Is Gone" – tão sentido que dá a impressão de que ele vai sair do palco chorando. Mas para lembrar que, afinal, há cura para todas as desilusões, a música termina em alto-astral, graças a um sutil funk que surge quase nos últimos compassos da canção.

A música não é o único atrativo em B.B. King e esse é um dos segredos de seu sucesso. Verdadeiro *showman*, o monarca brinca e conversa com a platéia como se estivesse entre amigos, mesmo diante de um público barra-pesada como aquele. Até um artifício que já se tornou banal em qualquer tipo de show, o do chamado-e-resposta (o clássico "repitam comigo"), causa surpresa pelo total controle que ele tem da situação. King pede à ala masculina reunida no pátio que faça uma homenagem ao setor feminino. Diz uma frase e a bandidagem repete em uníssono, se derramando: "I love you!" Um artista menos carismático com certeza ouviria em vez disso uma saraivada de palavrões.

Malicioso, ele filosofa o tempo inteiro sobre seus assuntos preferidos: as mulheres e os relacionamentos amorosos. "As mulheres gostam de saber que são amadas, então digam a elas que as amam. Mesmo que seja mentira", é uma de suas tiradas. Terminado o show, todos estão em êxtase. Modesto, B.B. King elogia sua guitarra, que ele carinhosamente chama de Lucille, pela performance excepcional. E os presos ficam tão satisfeitos que até aplaudem os funcionários da cadeia.

Helton Ribeiro

Cláudia Dantas

"Qualquer disco do B.B. King é bom. Esse tem uma coisa especial, porque o blues é um canto de liberdade, e ele levou um sopro de liberdade onde há ausência dela"
Celso Blues Boy

New Radicals

Maybe you've been brainwashed too.

Diferente de tudo que você já ouviu.

INCLUINDO O SUCESSO "YOU GET WHAT YOU GIVE"

A gravadora Nº1 do Brasil agora é

UNIVERSAL MUSIC

Fique de olho!

THE CRANBERRIES

Já nas lojas o novo CD
BURY THE HATCHET
Incluindo o sucesso
PROMISES

A Gravadora Nº1 do Brasil agora é

UNIVERSAL MUSIC